

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Pamela Siqueira Joras

**“CONHECER PARA RECONHECER”: O futebol de mulheres e a trajetória de
Maria Ivete Gallas**

Porto Alegre

2020

Pamela Siqueira Joras

**CONHECER PARA RECONHECER: O futebol de mulheres e a trajetória de
Maria Ivete Gallas**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner.

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Siqueira Joras, Pamela
CONHECER PARA RECONHECER: O futebol de mulheres e a
trajetória de Maria Ivete Gallas / Pamela Siqueira
Joras. -- 2021.
135 f.
Orientador: Silvana Vilodre Goellner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Futebol e Mulheres. 2. Maria Ivete Gallas. 3.
História Oral. I. Vilodre Goellner, Silvana, orient.
II. Título.

Pamela Siqueira Joras

**CONHECER PARA RECONHECER: O futebol de mulheres e a trajetória de
Maria Ivete Gallas**

Conceito final:

Aprovado em:de.....de.....

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ludmila Mourão – FAEFID/UFJF

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – ESEFID/UFRGS

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva – ESEFID/UFRGS

Orientadora Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – ESEFID/UFRGS

Dedico este trabalho a todas as jogadoras de futebol, em especial às atletas pioneiras aqui representadas por Maria Ivete Gallas. Que suas histórias sejam cada vez mais conhecidas e reconhecidas.

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar essa caminhada, gostaria de agradecer às pessoas com as quais compartilhei grande parte dessa história, um processo ocorrido em meio a diversas intempéries e uma pandemia que ceifou tantas vidas e afetou a rotina de todos, dificuldades nas quais pude me redescobrir enquanto pessoa e profissional. Gostaria de agradecer a todas as pessoas que deixaram um pouco de si nesse processo....

Em especial, à professora Silvana Vilodre Goellner, orientadora deste trabalho, pela oportunidade que me foi dada em 2013, ainda como mestranda, pelo privilégio de trabalhar com a temática do futebol, por confiar no que desenvolvemos ao longo dos anos, mesmo quando, por vezes, não tenham saído como esperado, pelos puxões de orelha e por todo o aprendizado construído. O profundo respeito e admiração que tenho não poderiam ser expressos em palavras. Continuamos na luta sempre, e meu mais sincero agradecimento.

À/ aos professora/ es da banca Ludmila Mourão, Rogério da Cunha Voser e André Luiz dos Santos Silva pelo aceite em avaliar e qualificar o meu trabalho. Obrigada pela oportunidade e pelo aprendizado.

À professora Angelita Alice Jaeger, a quem eu jamais poderia deixar de agradecer. Ela abriu as portas do mundo acadêmico desde os meus primeiros passos como pesquisadora. Minha gratidão eterna. Cada passo dessa jornada só foi possível por ter acreditado em mim. Muito obrigada!

À Maria Ivete Gallas, que me permitiu adentrar sua trajetória no mundo esportivo e pela colaboração na construção deste trabalho. Pela gentileza e atenção em ceder parte de seu acervo, pela paciência que sempre demonstrou na construção desta pesquisa, só tenho a agradecer.

Às minhas amadas colegas de trabalho que ao longo dos anos foram deixando de ser amigas para assumir o papel de irmãs. Suellen e Jamile, obrigada por compartilharem os meus anseios, as angústias, pela amizade, pelas risadas, pelo trabalho incansável. Espero estar ao lado de vocês durante longos anos.

À Leiloca meu agradecimento por anos de parceria e amizade e pelo incentivo diário. Que nunca nos falte aquele momento do cafezinho. Obrigada!

Em especial, quero agradecer à minha filha Evelyn, que iniciou essa jornada comigo ainda criança e hoje, já adolescente, me acompanha em todos os momentos.

Teu carinho, teu incentivo e aprendizado mútuo foram meu porto seguro nessa maré intempestiva que juntas atravessamos. Te amo!

Aos responsáveis por tudo isso, meus pais Tânia e Valdemar, que nunca mediram esforços para que eu continuasse os meus estudos. Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos nunca vou poder retribuir o apoio, a dedicação e o amor incondicional que tiveram por mim. Apesar deste ano difícil, chegamos ao fim de 2020 juntos e com saúde. Amo muito vocês!

“Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte porque apesar de muito moço me sinto são, e salvo, e forte [...]

[...] Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes, elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes. Que nem devia tá aqui Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes. Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alvos passeando por aí [...]

[...] Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro ano passado eu morri mas esse ano eu não morro”
(Belchior)

RESUMO

A presente investigação trata da trajetória esportiva de Maria Ivete Gallas, com o objetivo de analisar sua inserção no universo do futebol, inicialmente como jogadora, sua transição para o cargo de supervisora e auxiliar técnica, encerrando sua trajetória na modalidade como treinadora. Esta pesquisa está fundamentada na perspectiva teórico-metodológica da História Oral. As fontes utilizadas foram obtidas por meio das narrativas de Ivete e de pessoas vinculadas ao futebol de mulheres, e foram colocadas em diálogo com outras fontes, como jornais, reportagens, documentos e também o acervo pessoal de Ivete. Optei por elaborar esta tese visando a otimizar sua divulgação, nesse sentido, foi dividida em três estudos independentes que focalizam uma especificidade da trajetória de Maria Ivete Gallas. No primeiro estudo, intitulado “Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul e a trajetória de Maria Ivete Gallas”, busco compreender o contexto histórico do futebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul e a inserção de Maria Ivete Gallas no mundo futebolístico, o seu primeiro contato com o futebol de mulheres e o surgimento de clubes e competições relativas ao futebol de mulheres no Rio Grande do Sul após longo período de proibição (1941-1979). No segundo estudo, intitulado “Maria Ivete Gallas no comando técnico e na gestão esportiva”, abordo a atuação de Ivete no Esporte Clube SAAD de São Paulo, clube que teve grande contribuição para o futebol de mulheres no cenário nacional na década de 1990. Nesse clube Ivete encerra sua carreira como jogadora, entretanto assume o cargo de supervisão no futebol de campo e também no futsal. O acúmulo das funções e a incerteza da modalidade fez com que Ivete retornasse ao Rio Grande do Sul em busca de estabilidade financeira. Por fim, no terceiro estudo, intitulado “A experiência de Maria Ivete Gallas no treinamento esportivo: das categorias de base aos Jogos Islâmicos”, busco destacar as experiências profissionais de Ivete em duas frentes: a primeira delas na Companhia Carris Porto Alegrense, empresa de transporte público para qual ascendeu via concurso público, o segundo como treinadora de futebol do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, sua contribuição para o desenvolvimento do departamento feminino do clube. Após cinco anos de afastamento do universo futebolístico, retorna assumindo novamente um papel de protagonismo. Dessa vez, como treinadora de futsal da seleção iraniana nos Jogos Islâmicos Femininos.

Palavras-chave: Futebol e mulheres. Maria Ivete Gallas. História Oral.

ABSTRACT

The present investigation deals with Maria Ivete Gallas' sports trajectory, with the objective of analyzing her insertion in the soccer universe, initially as a player, her transition to the position of supervisor and assistant coach, ending her trajectory in this sport as a coach. This research is based on the theoretical and methodological perspective of Oral History. The sources used were obtained through the Ivete's narratives and people involved with women's soccer, and these were placed in dialogue with other sources, such as newspapers, reports, documents and also Ivete's personal collection. I chose to elaborate this thesis aiming to optimize its dissemination. It was divided into three independent studies that focus on a specificity of Maria Ivete Gallas' trajectory. In the first study, entitled "Soccer and Women in Rio Grande do Sul and the Maria Ivete Gallas' trajectory", I seek to understand the historical context of the soccer played by women in Rio Grande do Sul and the insertion of Maria Ivete Gallas in the soccer world. Her first contact with women's soccer and the creation of clubs and competitions related to women's soccer in Rio Grande do Sul after a long period of prohibition (1941-1979). In the second study, entitled "Maria Ivete Gallas in technical command and sports management", I address Ivete's performance at Esporte Clube SAAD in São Paulo, a club that had a major contribution to women's soccer on the national scene in the 1990s. At this club Ivete ends her career as a player, however she takes on the supervisory role in soccer field and also in futsal. The accumulation of functions and the uncertainty of this sport made Ivete return to Rio Grande do Sul searching by financial stability. Finally, in the third study, entitled "The experience of Maria Ivete Gallas in sports training: from the basic categories to the Islamic Games", I seek to highlight Ivete's professional experiences on two fronts: the first one at Companhia Carris Porto Alegrense, a company of public transport to which she ascended through a public exam, the second as a soccer coach for Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, her contribution to the development of the women's department in this club. After five years away from the soccer world, she returns to assume a leading role again. This time, as a futsal coach for the Iranian national team at the Women's Islamic Games.

Keywords: Soccer and women., Maria Ivete Gallas., Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Reportagem Folha de São Paulo sobre o Campeonato Paulista 2001	23
Figura 2	– Jogo entre o Vila Hilda e o Corinthians ocorreu, 8 de julho de 1950, no Estádio Bento Freitas (G. E. Brasil)	46
Figura 3	– Jogo entre o Sport Club Rio Grande e o Clube Esportivo Bento Gonçalves partida preliminar no Estádio Olímpico Monumental em Porto Alegre	49
Figura 4	– Comunicado Oficial Associação Gaúcha de Futebol Feminino	52
Figura 5	– Sport Club Internacional em 1984	57
Figura 6	– Seleção Gaúcha de Futebol Feminino de 1994	60
Figura 7	– Reportagem da Revista O Gol sobre a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino de 1994	62
Figura 8	– Guarani Futebol Clube 1983 – Romeu Castro à direita	75
Figura 9	– Jornal Correio Brasiliense, 22 de dezembro de 1994	77
Figura 10	– Campeão da Taça Brasil – 1994	78
Figura 11	– SAAD, Campeão do Torneio Internacional do Distrito Federal	79
Figura 12	– I Paulistana em 1997	81
Figura 13	– Equipe Juvenil SAAD Esporte Clube 1995	87
Figura 14	– Jornal Paulista de 1995, Campeonato Estadual de Futsal	89
Figura 15	– Centro de Treinamento do SAAD em Indaiatuba, Campinas (SP)	90
Figura 16	– Reportagem Revista Placar sobre a seleção brasileira em 1996	92
Figura 17	– Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense Campeão Gaúcho 2000	103
Figura 18	– Seleção Iraniana, campeã dos IV Jogos Islâmicos, em 2005	113
Figura 19	– Ivete, campeã dos IV Jogos Islâmicos em 2005	114
Figura 20	– Ivete Gallas, homenageada no Diário Gaúcho	115
Figura 21	– Ivete Gallas, destaque na capa do Jornal Diário Gaúcho	115
Figura 22	– Ivete Gallas, em curso de aperfeiçoamento para setor de fiscalização	116
Figura 23	– Homenagem na exposição “sou boa no volante” (11/03/2019)	118
Quadro 1	– Artigos publicados sobre futebol de mulheres entre 1990 e 2020	28
Quadro 2	– Entrevistadas	43
Quadro 3	– Tabela das equipes Campeãs Gaúchas de Futebol Feminino	50
Quadro 4	– Títulos do SAAD entre os anos de 1985 a 2010	76

SUMÁRIO

1 APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DO FUTEBOL E MULHERES: delineando o objeto de estudo	11
2 FUTEBOL E MULHERES: das margens ao protagonismo.....	18
2.1 O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL	18
3 O FUTEBOL DE MULHERES E A PRODUÇÃO DE REGISTROS.....	27
4 APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: História Oral e História De Vida	36
4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM AS FONTES DE PESQUISA	41
5 ESTUDO 1 – FUTEBOL E MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL E A ATUAÇÃO DE MARIA IVETE GALLAS	46
6 ESTUDO 2 – MARIA IVETE GALLAS NO COMANDO TÉCNICO E NA GESTÃO ESPORTIVA	71
7 ESTUDO 3 – A EXPERIÊNCIA DE MARIA IVETE GALLAS NO TREINAMENTO ESPORTIVO: das categorias de base aos Jogos Islâmicos	97
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXO A – Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre Depoimento Oral.....	133
ANEXO B – Carta de Cessão de Direitos de Imagem e Audiovisual.....	134

1 APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DO FUTEBOL E MULHERES: delineando o objeto de estudo

Ao iniciar a escrita desta tese surgem muitas inquietações para pensar a temática do futebol praticado por mulheres, não só metaforicamente falando, mas também devido às experiências que venho adquirindo ativamente a partir dessa modalidade. Como brincamos comumente no grupo de pesquisa ao qual pertenço¹, “escrever dói”. Não somente pelas horas incontáveis de estudo, mas pelos episódios que vivemos cotidianamente no futebol, os quais expressam continuidades e descontinuidades, às vezes, nos fazendo crer que estamos presas em um *looping* de avanços e de retrocessos.

Muitos são os trabalhos que relatam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na prática do esporte, e no caso deste estudo, do futebol. Entretanto, uma fala realizada no Museu do Futebol, em 26 de setembro de 2015², me convidou a pensar sobre as conquistas das mulheres que se envolvem com essa modalidade. Refiro-me à palestra ministrada pela professora Silvana Vilodre Goellner intitulada “Futebol e Mulheres no Brasil”, cujo foco evidenciou não apenas as dificuldades, como a falta de apoio, patrocínio e reconhecimento, mas também mostrou a necessidade de buscarmos o reconhecimento do protagonismo das mulheres nesse esporte. “Conhecer para reconhecer”³ nos provocou a pensar sobre como podemos reconhecer os esforços e evidenciar a trajetória dessas mulheres que são protagonistas nos campos em que atuam se nem ao menos conhecemos suas histórias.

Nesse sentido, me dediquei a (re)conhecer a trajetória de uma das protagonistas do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul e no Brasil: Maria Ivete Gallas, uma dentre muitas mulheres que marcaram e marcam de modo indelével a história do futebol brasileiro.

Ao apresentar meu tema de estudo, parece-me imprescindível também apresentar de que lugar estou falando. Dessa forma, quero relatar o privilégio e a dificuldade de estar profundamente envolvida com o futebol de mulheres, visto que,

¹ Grupo de Estudos em Esporte, Cultura e História.

² Palestra ministrada durante o Ciclo de Debates “Visibilidade para o Futebol Feminino”. O tema “Futebol e Mulheres no Brasil – Conhecer para Reconhecer” foi debatido por Silvana Goellner e Ruth Fioravanti Gimenez sob a coordenação da jornalista Luciane de Castro. O encontro aconteceu no Museu do Futebol, em São Paulo. O ciclo de palestras foi promovido pela parceria entre o Museu do Futebol, o Guerreiras Project e o Centro de Memória do Esporte.

³ Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=1blxpC2NQ9M>.

por vezes, o distanciamento para uma análise menos incorporada seja um exercício difícil, mas não impossível de realizar.

Minha relação com o futebol começa muito cedo, aos seis anos de idade, e nesse período nunca imaginei o espaço que o futebol ocuparia em minha vida. Nasci no interior do estado do Rio Grande do Sul, no município de Restinga Seca. Minha infância foi ao lado do meu irmão mais velho e do meu tio, e com eles as brincadeiras na vizinhança eram as mais variadas: jogos de bolitas, pega-pega, esconde-esconde, mas uma delas nunca podia faltar na rotina da criançada que se reunia para brincar: o futebol. Mesmo sendo a única menina do grupo não tinha nenhuma restrição, brincávamos todos juntos até o anoitecer. Aos nove anos, iniciei meus estudos e, conjuntamente, comecei a frequentar as escolinhas esportivas no turno inverso à escola, nas quais eram ofertadas várias modalidades visando à iniciação esportiva. A partir daí inseri-me nas equipes de handebol, basquete, vôlei, atletismo e futebol. Entretanto, a prática dessa última modalidade não me foi permitida pelos meus pais. Justifico essa interdição porque ambos tiveram uma educação conservadora e tradicional. Meu pai era filho de agricultores e foi criado no interior no município, e minha mãe era filha de um policial militar. Meus pais, como a maioria das pessoas criadas no interior do estado, foram socializados e educados dentro dos costumes tradicionalistas gaúchos, cultura que foi ensinada a mim e a meus dois irmãos desde cedo ao frequentarmos o Centro de Tradições Gaúchas⁴, as Invernadas Artísticas⁵ e Campeiras⁶, dentre outros eventos que exaltam a cultura tradicionalista.

A proibição em praticar o futebol se dava pelo fato de acreditarem que esse esporte “não era coisa de menina”. Diante da proibição que me foi imposta, relutei em continuar a praticá-lo, mas o desejo de me inserir na modalidade era maior. Foi assim que durante quatro anos mantive meus treinamentos em segredo. Após alguns anos, meus pais perceberam que mesmo sem seu consentimento eu continuava jogando futebol e, não havendo mais como me proibir, permitiram que eu praticasse esse esporte. Diante das dificuldades encontradas para alcançar o objetivo de, talvez,

⁴ Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG's) são entidades tradicionalistas que cultivam a cultura e os costumes do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ As invernadas artísticas são grupos de danças folclóricas gaúchas de cada CTG (Centro de Tradições Gaúchas). Esses grupos, além de cultuarem as tradições gauchescas, participam de competições de danças artísticas representando suas entidades. As invernadas realizam ensaios de dança semanais na preparação para as competições organizadas pelos CTG's.

⁶ É um departamento ligado ao CTG que reúne peões e prendas das mais variadas idades, com o objetivo de cultivar as tradições do trabalho no campo, reunindo-os em atividades de laço e doma de cavalos, provas de laço, corridas a cavalo e gineteadas.

tornar esse esporte minha profissão, acabei optando por investir na minha carreira acadêmica. Motivada por essa minha paixão, optei por me graduar em Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que cursei entre os anos de 2008 e 2012. Logo ao iniciar minha formação, ingressei na equipe de futsal da UFSM e, nessa equipe, minhas inquietações com o que havia vivido no futebol e com o que ainda estava vivendo foi me instigando cada vez mais a entender aquele contexto.

Durante a realização do curso de Educação Física, mais especificamente em uma disciplina intitulada Antropologia do Esporte⁷, dentre as várias temáticas trabalhadas em aula uma delas era a participação das mulheres no contexto esportivo. Diante do que se apresentava a mim naquele momento, cada vez mais me sentia desconfortada e inquieta com minhas interrogações relacionadas às desigualdades das mulheres quando comparadas aos homens no universo cultural do futebol. Na tentativa de compreender como se deu a inserção das mulheres na modalidade e motivada pela minha própria experiência, comecei a frequentar o Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero, coordenado pela Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger, minha primeira orientadora e responsável por iniciar-me nos estudos sobre mulheres e esporte e, principalmente, mulheres e futebol. Nesse grupo, desenvolvi uma pesquisa sobre a representação de jogadoras de futsal de uma equipe escolar e, por meio de suas narrativas, busquei identificar os elementos que representavam as meninas/jogadoras dessa modalidade⁸.

Em 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH-UFRGS) e passei a integrar o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GREECO). Através dele, participo de várias ações que buscam visibilizar as mulheres no esporte, sobretudo no futebol. Dentre elas, destaco: o Programa Futebol e

⁷ A disciplina foi realizada no segundo semestre de 2009 no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria e era ministrada pela professora Dra. Angelita Alice Jaeger.

⁸ "Jogando Bonito: as representações do futsal para jogadoras de uma equipe escolar" foi defendido em 2011 no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Essa pesquisa apresentou alguns aspectos referentes à trajetória das adolescentes na prática do futsal, identificando sua inserção, principalmente em contexto informal, como nas ruas e nos campinhos. A pesquisa também aborda as marcas que o futsal inscreve nos corpos das adolescentes que o praticam, identificando a generificação dos corpos no e pelo esporte, tendo como foco principal as representações produzidas pelo futsal na vida das meninas.

Mulheres⁹, que busca criar registros sobre a presença das mulheres, assim como realizar eventos e atividades que visibilizem essa presença. Em 2014, como decorrência de uma das atividades do Programa Futebol e Mulheres, participei do I Curso de Formação de Árbitras do Rio Grande do Sul¹⁰ e desde então venho atuando como árbitra em diversos campeonatos e torneios, em especial o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Em 2015, desenvolvi uma pesquisa sobre o futebol de mulheres no Brasil, tematizando a trajetória da ex-jogadora Aline Pellegrino, o qual resultou na dissertação de mestrado intitulada “Futebol e Mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino¹¹”.

Assim, no esforço de compreender de maneira mais profunda essa temática, observo que essa modalidade esportiva ainda se configura como um campo de lutas, disputas e resistências, e que no campo acadêmico ainda temos muito a conquistar. Ao realizar um levantamento de pesquisas com temática relacionada à história de vida de jogadoras e ex-jogadoras ou de mulheres envolvidas com o futebol, encontrei apenas duas publicações além da minha dissertação, são elas: “From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer”, de autoria de Jorge Knijnik, publicado no ano de 2011, que narra a trajetória da ex-atleta Juliana Cabral, a capitã da seleção brasileira na conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, e também a dissertação de mestrado de Suellen dos Santos Ramos, “Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)”, defendida no PPGCMH-UFRGS em 2016, que aborda a construção histórica do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, tendo Duda como grande fomentadora da modalidade¹².

Considerando que as histórias das mulheres no futebol ainda são pouco conhecidas, este estudo tem como objetivo analisar a trajetória de uma atleta,

⁹ O Programa Futebol e Mulheres é um projeto de extensão desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte com o objetivo de reconstruir a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul e no Brasil, utilizando como metodologia a história oral.

¹⁰ O curso foi realizado entre os dias 23 e 31 de agosto de 2014, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O grupo era composto por 30 mulheres e foi promovido em parceria do Centro de Memória do Esporte, Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul (FUNDERGS), Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF) e Sindicato de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (SAFERGS). O curso foi ministrado pelos ex-árbitros Paulo Margal Miranda, Carlos Kruse, José Carlos Oliveira e Carlos Castro.

¹¹ Ver mais em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143193/000994330.pdf?sequence=1>

¹² A trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli transformou-se no livro “Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz!: a trajetória esportiva de Duda”, escrito por Suellen Ramos e Silvana Vilodre Goellner.

treinadora e gestora de futebol: Maria Ivete Gallas. Para tanto, irei analisar sua própria narrativa e de outras pessoas, tais como ex-atletas e dirigentes esportivos que atuaram com ela durante sua trajetória esportiva, além de seus familiares e amigos(as).

Maria Ivete Gallas nasceu no dia 4 de novembro de 1968 no interior do município de Montenegro. Filha de Fridolino Romeu Gallas e Ilse Terezinha Gallas, desde a infância teve o futebol como sua principal brincadeira, a qual experienciava junto de suas seis irmãs e seu irmão. Aos 12 anos, foi incentivada a praticar futebol por uma de suas irmãs mais velhas, Maria Iris Gallas, que jogava na Equipe Tanac¹³ na cidade de Montenegro. A partir de sua atuação nessa equipe, que aconteceu entre 1980 e 1984, Ivete começa a ganhar destaque como jogadora, e após ser observada em uma competição regional, foi convidada a integrar a equipe do Sport Club Internacional de Porto Alegre.

De 1985 aos anos 1990, Ivete participa de diversas competições estaduais e nacionais, chegando a ser convocada para representar o Rio Grande do Sul na Seleção Gaúcha de Futebol Feminino, pela primeira vez, em 1993. No entanto, acabou encurtando sua carreira como jogadora em função de uma lesão no joelho esquerdo que a impossibilitou de atuar no alto nível competitivo.

Esse episódio não fez com que ela se afastasse da modalidade. Ao contrário, impedida de jogar, orientou sua dedicação para outras esferas do universo futebolístico. De imediato, auxiliou na organização de um dos clubes brasileiros de destaque no futebol de mulheres no cenário nacional e internacional: o SAAD Esporte Clube, sediado no estado de São Paulo e reconhecido como uma das equipes pioneiras a desenvolver categorias de base no futebol de mulheres, fomentando a modalidade em diversos níveis até o esporte de rendimento, tornando-se um dos clubes com maior visibilidade nas décadas de 1990 e 2000.

Em função de sua boa atuação fora do campo e da constante busca pelo aprimoramento de seus conhecimentos como treinadora e gestora, no ano de 1996, Ivete foi convidada a auxiliar o treinador José Duarte¹⁴, que na época acumulava o

¹³ A equipe de Futebol Tanac era ligada à empresa Tanac de Montenegro. Nos anos 1980, a fábrica mantinha um campo de futebol e atividades com o futebol de homens e mulheres.

¹⁴ José Duarte, conhecido como “Zé” Duarte, iniciou a carreira no ano de 1966, treinando equipes de futebol masculino. Foi no futebol de mulheres que ganhou destaque, sendo campeão do primeiro Campeonato Paulista e campeão do Campeonato Brasileiro com o São Paulo Futebol Clube, ambos os títulos em 1997. Em 1995, assumiu o comando da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, sendo quarto colocado nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e Sydney (2000); foi campeão do Campeonato

cargo de treinador do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

Depois dessa participação nacional, Ivete atuou no Rio Grande do Sul, no fim dos anos 1990, visto que foi convidada a treinar a equipe de futebol feminino do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, pela qual tornou-se campeã Gaúcha de Futebol Feminino no ano 2000. Após essa conquista, Ivete é admitida como funcionária concursada da companhia de transporte público Carris¹⁵ Porto Alegre. Em função desse emprego, decide abandonar os gramados e dedicar-se ao seu novo trabalho, no qual inicialmente desempenhou a função de motorista de ônibus. Entretanto, no ano de 2005, Ivete recebeu um inusitado convite: treinar a equipe de futsal feminino do Irã, com vistas à participação do selecionado nos IV Jogos Islâmicos Femininos, que seriam realizados ainda em 2005, em Teerã. Mesmo relutante, Ivete aceitou o convite e sua atuação levou a equipe a sagrar-se campeã na competição. Após retornar a Porto Alegre, depois de quatro meses no Irã, Ivete foi promovida a gerente operacional na Companhia Carris, empresa em que trabalha até os dias de hoje.

Feita essa breve apresentação sobre a trajetória de Maria Ivete Gallas e de minha inserção no universo cultural do futebol, proponho vislumbrar por meio de sua trajetória esportiva os diferentes espaços de protagonismo por ela assumidos no contexto estadual e nacional. Desse modo, aponto, como norteadora desta pesquisa, a seguinte questão: **Como se deu a construção da trajetória esportiva de Maria Ivete Gallas, considerando a sua atuação como atleta, auxiliar técnica, treinadora e gestora de futebol praticado por mulheres?**

Tendo em vista esse questionamento e a busca por contemplar tais objetivos, esta tese está fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Oral e da História de Vida e se estrutura a partir do formato de três estudos separados que dialogam entre si, conforme previsto no Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Assim, além de uma contextualização do tema e da apresentação do arcabouço teórico-metodológico que ancora a investigação, as análises serão apresentadas em três estudos independentes, porém, interligados e complementares, os quais em seu

Sul-Americano da Argentina com a seleção brasileira em 1998. Seu último trabalho foi com a equipe de futebol de mulheres da Ponte Preta, de São Paulo, no ano de 2001. Zé Duarte faleceu em 23 de julho de 2004.

¹⁵ A Companhia Carris Porto-Alegrense é uma empresa de transporte público de Porto Alegre, composta por 371 ônibus que atende grande parte da cidade por meio de 30 linhas.

conjunto abordarão a trajetória esportiva de Maria Ivete Gallas e seu protagonismo no futebol.

Antes de apontar os temas específicos de cada estudo, passo a contextualizar o tema geral desta tese – o futebol de mulheres – e, em seguida, a descrever os caminhos da investigação e sua ancoragem teórico-metodológica.

2 FUTEBOL E MULHERES: das margens ao protagonismo

2.1 O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

Ao propor analisar nesta tese o protagonismo das mulheres na construção histórica da modalidade, faz-se necessário compreender alguns aspectos relacionados às conquistas e às interdições vividas por essas mulheres que adentraram o futebol brasileiro. Os estudos que abordam essa temática apontam algumas dificuldades enfrentadas na inserção e na permanência das mulheres no futebol. Nas palavras de Goellner, “a inserção feminina no futebol pode ser vista como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem” (GOELLNER, 2006 p. 2).

Inicialmente elas adentraram nesse esporte não pela sua prática, mas por acompanharem seus pais, irmãos e familiares nos estádios, visto que em seus anos inaugurais, no Brasil, o futebol era uma atividade quase exclusiva da elite social brasileira, e a presença das mulheres conferia um tom mais familiar ao espetáculo esportivo (SOUZA JÚNIOR, 2013). Esse cenário faz referência ao início do século XX, no qual a presença das mulheres era relegada a um papel mais decorativo do que esportivo (MOURA, 2003; CAMPOS, 2010; MORAES; BONFIM, 2017).

Por volta de 1906, com a popularização do futebol no território nacional, surgem diversos clubes e associações nas camadas sociais mais desfavorecidas da época, tais como de operários, comerciantes, ferroviários etc. No entanto, às mulheres ainda existiam restrições, pois às “moças de família” não era recomendado misturar-se com os jogadores de futebol (PEREIRA, 2000).

Entretanto, com o surgimento dos movimentos eugênicos¹⁶ advindos da Europa, a ideia de produzir uma “raça forte” começa a ser incentivada, e dentro dessa representação, algumas práticas esportivas são recomendadas para as mulheres visando a fortalecer seu corpo para a condução de uma maternidade sadia. Segundo Goellner (2009, p. 29), acreditava-se que “a regeneração físico-moral de uma

¹⁶ Era um movimento social com o objetivo de melhorar as características genéticas das populações. A eugenia surgiu na Europa na virada do século XIX para o XX, chegou ao Brasil durante as décadas de 1910 e 1920, e tinha como principais características a saúde, o saneamento, a higiene e a questão racial.

população só se completaria se o aprimoramento físico também se estendesse à mulher, identificada então como “a célula-mater da nação”. Nesse sentido, as práticas culturais e esportivas foram gradativamente adquirindo espaço entre as mulheres e, por volta de década de 1930, a aproximação com a prática do futebol vai ganhando novos contornos.

Ao mapear a existência da prática do futebol por mulheres no Rio de Janeiro entre os anos de 1915 e 1959, Aira Bonfim (2019) aponta um futebol pulsante entre as mulheres nos anos de 1919 a 1924. Entretanto, essa prática estava ligada a ações beneficentes e aos circos como forma de espetáculo e era muito recorrente em áreas suburbanas.

Em sua pesquisa, Aira Bonfim (2019) destaca a publicação de um texto no dia em 14 de junho de 1919 no *Jornal Theatro & Sports*, no qual é destacada a realização de uma festa esportiva no Clube de Regatas do Flamengo, onde aconteceria, como forma de exibição, a partida central entre uma equipe de mulheres e a equipe infantil masculina. O mesmo jornal, no ano seguinte, registra um jogo realizado no bairro carioca de Catumbi entre mulheres do Hélios Athletic Club. A autora destaca que essa partida “figura-se entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil, antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921” (BONFIM, 2019, p. 65).

Contudo, a inserção das mulheres no futebol não era consenso entre a sociedade brasileira. Embora houvesse episódios de apoio e incentivo às mulheres, havia também discordância entre médicos, jornalistas e, conseqüentemente, em diferentes setores que compunham a sociedade política e cultural do período. Em 25 de abril de 1940, o jornalista José Fuzeira encaminha ao então presidente da República, Getúlio Vargas, uma carta na qual revelava a preocupação com a popularização do futebol entre as mulheres. Tal episódio teve o apoio do Ministério da Educação e da Saúde e culminou com a criação do Decreto-Lei 3.199 de 1941, promulgado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), cujo conteúdo proibia as mulheres de praticarem várias atividades esportivas nomeadas como impróprias à sua natureza.

No entanto, relembro as palavras de Goellner (2015): “silêncio não significa ausência”. Essa expressão chama a atenção para o fato de que, mesmo durante o período de proibição, as mulheres continuaram a praticar o futebol. Destaco algumas iniciativas desse período, tais como a emergência do Araguari Atlético Clube em

Minas Gerais, equipe que nasceu de uma iniciativa para salvar as finanças da escola Visconde de Ouro Preto e adquiriu grande visibilidade nos anos 1950, conforme relata Haidê Dália Dias, ponta esquerda da equipe:

Jogamos em várias cidades, vários estados. Tínhamos até uma proposta para jogar no México, lá elas tinham time. Aí veio a proibição. Eu achei muito ruim. Nós jogávamos por prazer, porque não ganhávamos nada. Quando íamos viajar, tínhamos hospedagem, refeições, tudo. Mas financeiramente, nada. “A gente gostava, realmente” (2016, p. 6).

Percebe-se na fala da jogadora que algumas apresentações da equipe eram permitidas, desde que fossem filantrópicas ou beneficentes. No entanto, quando chegava aos níveis competitivos havia várias restrições. Com o passar dos anos, a permanência das mulheres no meio esportivo foi ganhando contornos mais rígidos com relação ao futebol, como demonstra a fala de Léa Campos, a primeira árbitra de futebol do Brasil reconhecida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA):

Em 67, eu disse: “Bom, vou fazer um curso de arbitragem”. Porque aí eu já verifiquei que eu não podia continuar naquela história de estar indo... todo sábado eu ia presa por causa de futebol. Se não era sábado era no domingo. Sempre no final de semana eu tinha problema de ir presa por causa de futebol (2015, p. 6).

Por meio da narrativa dessas duas futebolistas, podemos perceber que, mesmo diante da proibição que lhes era imposta, as mulheres continuavam a praticar o futebol. Ao lhes restringir esportes que eram representados como incompatíveis com a natureza de seus corpos (MOURÃO, 2000), várias foram as justificativas para a manutenção dessa proibição. Para além do discurso de afetar a maternidade, acreditava-se também que o futebol “masculinizaria” o corpo da mulher. Segundo Goellner (2005b), outra crença que circulava no entorno dessa representação é de que a mulher que habitasse um corpo forte e viril também poderia assumir uma identidade homossexual.

O futebol, assim como outras modalidades esportivas consideradas impróprias para a prática das mulheres¹⁷, foi oficialmente permitido no ano de 1979 com a revogação do Decreto-Lei 3.199. Após um período de 38 anos de proibição, o início

¹⁷ Assim como outras modalidades esportivas, o futebol foi proibido para as mulheres por meio da Deliberação nº 7 de 1965 do Conselho Nacional de Desportos, que dizia: “Não é permitida a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol”.

da década de 1980 é marcado pelo surgimento de clubes por todo o Brasil, com destaque para o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, o SAAD Esporte Clube de São Paulo, o São Paulo Futebol Clube de São Paulo, o Sport Club Internacional de Porto Alegre e o América de Minas Gerais, entre outros (PEREIRA, 2000; FERREIRA, 2008; REIS; ARRUDA, 2011; MUNIZ, 2017).

Merece destaque especial o Esporte Clube Radar, visto ter sido um dos precursores da formação da seleção brasileira, além de ter figurado entre as equipes mais importantes do país naquele período. Nos anos de 1980, o clube dirigido por Eurico Lira representou o Brasil em competições nacionais e internacionais e, conforme Silva (2015), chegou a representar a seleção brasileira em competições disputadas na Espanha¹⁸.

O encerramento das atividades do Radar coincidiu com a ascensão de Eurico Lira ao cargo de coordenador da seleção feminina de futebol, ocorrido em 1988. Segundo Michael Jackson¹⁹, ex-jogadora do Radar e da seleção brasileira, essa data marca também a primeira convocação da Seleção Brasileira de Futebol Feminino: “foi quando foi formada a primeira seleção brasileira, que disputou um torneio feito pela FIFA, em 1988, na China, era um torneio experimental, e a seleção conquistou o bronze” (SANTOS, 2014).

Concomitantemente ao surgimento de diversos clubes de futebol de mulheres no país e da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, Mourão e Morel (2005), ao analisarem a representação desse movimento na mídia impressa no período que compreende os anos 1980 e 1990, identificam que, na intenção de afastar as mulheres esportistas da imagem de mulher masculinizada, muitas reportagens passam a representá-las como musas.

Após a saída de Eurico Lira da coordenação do futebol feminino brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol convidou para ocupar esse cargo o presidente do SAAD Esporte Clube, Romeu Castro, e o técnico da equipe, José Duarte, mais conhecido como “Zé” Duarte. Tal iniciativa integrava, ainda, uma parceria com a

¹⁸ A primeira seleção Brasileira de futebol feminino foi convocada pela CBF em 1988. Essa seleção era composta apenas por jogadoras do Radar, que cedeu 16 atletas para a seleção vencer o “Women’s Cup of Spain”. Nessa competição, o Brasil conquistou o primeiro título internacional derrotando as seleções de Portugal, França e Espanha.

¹⁹ Mariléia dos Santos é uma ex-jogadora de futebol que ficou mais conhecida pelo apelido de Michael Jackson. Foi uma das atacantes de destaque da seleção brasileira, à qual serviu por 12 anos; participou da primeira Copa do Mundo realizada em 1991 e dos Jogos Olímpicos em 1996. Em 2011, foi nomeada Coordenadora Geral de Futebol Feminino na Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, cargo em que atuou até 2014.

empresa Sport Promotion²⁰ no intuito de coordenar as atividades relacionadas à seleção de mulheres (MARTINEZ, 2012).

Segundo Souza Júnior (2013), a parceria com a Sport Promotion acabou por visibilizar o futebol de mulheres na mídia nacional, resultando na criação de diversas competições, tais como a I Paulistana²¹, a Copa Rio-São Paulo²² e a Taça Brasil²³. Nesse período, algumas competições foram televisionadas pela Rede Bandeirantes de Televisão e também pelo canal SporTV, como a final da Paulistana, que foi disputada pelas equipes do São Paulo Futebol Clube e do Santos Futebol Clube no dia 29 de setembro de 1997 (PINHEIRO, 2007; SERRA, 2017).

Em relação à mídia impressa, a modalidade também ganhou algum espaço em jornais como A Gazeta, Folha Esportiva e na Revista Placar. Ao pesquisar as narrativas veiculadas nos jornais desse período, Kaneshiro (2009), Moura e Morel (2005) e Silva (2015) apontam que, apesar da visibilidade conferida à modalidade, grande parte das matérias publicadas fazia referência a temas como a feminilidade, fragilidade e erotização dos corpos das atletas.

Nesse sentido, é possível identificar que, na busca pela aceitação da participação das mulheres e pela popularização do futebol delas, uma nova estratégia de *marketing* foi incorporada à modalidade, com o intuito de enfatizar a beleza das jogadoras. Acreditava-se que mulheres bonitas fidelizariam um público e, conseqüentemente, um mercado consumidor à modalidade.

Em função dessa representação, no ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) em parceria com a Pelé Sports e Marketing realizou um draft²⁴ de atletas visando à disputa do Campeonato Paulista daquele ano. O regulamento da competição exigia que as atletas tivessem no máximo 23 anos, cabelos compridos, dentre outras preferências, pois, segundo o presidente da Federação naquele período, Eduardo José Farah, era preciso unir a imagem de feminilidade com o futebol. A estratégia logo repercutiu na imprensa, como podemos observar na reportagem na Folha de São Paulo em 2001 (Figura 1).

²⁰ Criada em 1991, é uma empresa particular que gerencia, desde 1994, as competições de futebol disputadas pelas mulheres, assim como a série C do Campeonato Brasileiro Masculino.

²¹ Considerado o primeiro Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

²² A primeira competição aconteceu em São Paulo no ano de 1998 e contou com a participação de oito equipes: quatro de São Paulo e quatro do Rio de Janeiro.

²³ A Taça Brasil aconteceu em São Paulo entre os anos de 1983 e 2007.

²⁴ O draft é a distribuição das atletas entre as equipes participantes de determinado campeonato. As atletas são ranqueadas e posteriormente sorteadas entre as equipes.

Figura 1 – Reportagem Folha de São Paulo sobre o Campeonato Paulista 2001



Fonte: Folha de São Paulo, caderno de Esporte, 21 de setembro de 2001.

Destaco esses episódios dentre os inúmeros relacionados à presença das mulheres no futebol brasileiro por se constituírem como marcos históricos dessa presença. Entretanto, são muitas as ocasiões em que o embelezamento das atletas foi e é utilizado como justificativa para o desenvolvimento e a popularização da modalidade, tema que não desenvolverei nesse momento por não se relacionar com o foco desta tese²⁵.

Após os anos 2000, houve um silenciamento das atividades do futebol de mulheres. Entre os registros, observa-se a ausência de campeonatos estaduais e do campeonato brasileiro, conhecido como Taça Brasil, que teve sua última edição no ano de 2001. No ano de 2002, não houve a realização da competição, que retornou em 2003 como um quadrangular vencido pela equipe do SAAD. Em 2004 e 2005, novamente não há a realização da competição, que retorna em 2006 e 2007 em

²⁵ Sobre esse tema ler: "Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol", de Larissa Medeiros de Souza, Ana Andréa Barbosa Maux e Melina Séfora Souza Rebouças; "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades", de Silvana Vilodre Goellner; e "As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo", de Ludmila Mourão e Marcia Morel.

formato de Liga Nacional. Entre os anos de 2008 e 2013 não há registro de competição nacional disputada pelas mulheres.

Em 2013, houve a organização oficial de um Campeonato Brasileiro estruturado pela CBF com o patrocínio da Caixa Econômica Federal. O evento contou com a participação de 20 equipes de mulheres, cujas vagas para a disputa do Campeonato foram definidas através do *ranking* de clubes organizado pela Confederação. A elaboração desse *ranking*²⁶ levou em consideração o desempenho dos clubes nos cinco anos anteriores à disputa do Brasileiro. Assim, participaram do Campeonato Brasileiro de 2013²⁷: o Centro Olímpico (SP), São José (SP), Foz Cataratas (PR), Rio Preto (SP), Vitória de Santo Antão (PE), São Francisco (BA), Tiradentes (PI), Tuna Luso (PA), Pinheirense (PA), Caucaia (CE), Vasco da Gama (RJ), Kindermann (SC), Duque de Caxias (RJ), Iranduba (AM), Botafogo (PB), Aliança (GO), Francana (SP), ASCOOP (DF), Viana (MA) e Mixto (MT), sendo o campeão dessa edição o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa – ADECO. Essa competição aconteceu entre os meses de setembro e dezembro de 2013. Nesse ano, o Campeonato foi realizado de forma regionalizada e quase não contou com representantes da região sul, exceto a equipe do Foz Cataratas do Paraná.

A organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino está relacionada com a Lei 13.155 de 4 de agosto de 2015, que prevê a responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol e institui parcelamentos especiais para a recuperação de dívidas pela União. Em seu artigo 3º, inciso X, estipula a “manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino” como contrapartida para a adesão à lei conhecida como ProFut²⁸ (Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro).

Em 2017, a CBF alterou a fórmula de disputa do Campeonato Brasileiro das Mulheres e criou duas divisões: a série A1, que teve o número de equipes

²⁶ Ver mais em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/ferroviaria-lidera-ranking-nacional-de-clubes-da-cbf-em-2020#:~:text=O%20ranking%20%C3%A9%20estabelecido%20a,o%20Ranking%20Nacional%20das%20Federa%C3%A7%C3%B5es.>

²⁷ Tabelas, *ranking* e equipes do Campeonato Brasileiro de 2013: [https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino/2013#ranking-schedule.](https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino/2013#ranking-schedule)

²⁸ A Lei n 13.155/15, a ProFut é um conjunto de medidas que estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira, além de gestão transparente para entidades esportivas do futebol, dentre as contrapartidas previstas na lei para a renegociação de dívidas dos clubes com a União, estão a manutenção de investimentos para a formação de atletas e para o futebol de mulheres

participantes reduzidos de 20 para 16 equipes; e a série A2, equivalente à segunda divisão do campeonato, a qual conta com um número de 36 agremiações participantes. Com a criação da série A2, o critério para definir a vaga das equipes participantes foi deliberado pelo *ranking* da CBF e, posteriormente, passou a ser definida da seguinte maneira: as quatro equipes mais mal colocadas na série A1 do ano anterior, ou seja, equipes rebaixadas; um representante de cada estado sendo definido pelos Campeões dos Campeonatos Estaduais; e os cinco melhores clubes no *ranking* masculino tiveram direito a uma vaga para suas equipes de mulheres, desde que já não estivessem disputando a série A1.

Essas alterações se devem a influências do estatuto da Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL), que teve o intuito de estender as competições e abranger um número maior de equipes. O novo estatuto da CONMEBOL adequou-se às normas previstas pela FIFA que, em seu artigo 23, obrigou as confederações a tomarem medidas de governança, incluindo, dentre outros itens, “a incorporação de artigos que preveem a igualdade de gênero. Para obter a licença da CONMEBOL, um clube deverá ter um time feminino ou se associar a um que o tenha”.

O texto do novo estatuto da CONMEBOL, em seu artigo 4º, determina:

O solicitante (à licença) deverá ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que possua o mesmo. Além do mais, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que possua. Em ambos os casos, o solicitante deverá prover de suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinos) necessária para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, se exige que ambos os times participem de competições nacionais e regionais autorizadas pela respectiva associação membro – prevê o regulamento.

Com o surgimento de um calendário mais extenso para o futebol de mulheres e de competições a longo prazo, os chamados “clubes de camisa” iniciam um processo de organização e estruturação de departamentos femininos, tal como o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que haviam encerrado suas atividades em 2001, além de outros clubes tradicionalmente conhecidos na modalidade masculina, como: Sport Club Corinthians Paulista, Santos Futebol Clube, Clube de Regatas do Flamengo, Associação Atlética Ponte Preta e Sport Club do Recife. Além disso, ao alterar a forma de disputa e organização do Campeonato Brasileiro, alguns clubes tradicionais no futebol de mulheres acabaram fazendo fusões com clubes tradicionais do futebol masculino, a exemplo do Kindermann, agora

chamado Avaí/Kindermann que uniu-se ao Avaí Futebol Clube para ter direito a uma vaga na disputa do Campeonato Brasileiro, e do Rio Preto que uniu-se à Associação Atlética Ponte Preta, entre outros clubes.

Devido à pandemia da COVID-19, o Campeonato Brasileiro A1 foi interrompido no dia 15 de março de 2020. De acordo com Serpa (2020), durante o período de paralisação, a CBF repassou o valor de 120 mil reais aos clubes participantes da série A1 e 50 mil reais aos clubes da série A2 do Brasileirão. A tentativa da Confederação é minimizar os efeitos negativos da pandemia para os clubes, ajudando na manutenção das atividades e auxílio às atletas. A retomada da competição aconteceu somente em 26 de agosto de 2020, sem a presença de público e sob o plano sanitário desenvolvido pela CBF para controle da doença entre as atletas. Entre as normas estabelecidas estão acesso restrito ao campo de jogo, a testagem das atletas para COVID-19 até 72 horas antes dos jogos, exames esses custeados pela CBF, aferição de temperatura na chegada aos estádios em dias de jogos e uso constante de máscara, exceto as jogadoras que estiverem em campo no momento da partida, além do uso de álcool em gel (CHAVES, 2020).

Os procedimentos foram rigorosos até a final do Campeonato Brasileiro de 2020. Nessa disputa estavam as equipes do Avaí/Kindermann Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista. A primeira partida foi disputada no dia 22 de novembro no Estádio da Ressacada em Florianópolis (SC) e acabou com empate de 0 a 0 entre as equipes. A segunda partida foi realizada no dia 6 de dezembro de 2020 no Estádio Neo Química Arena em São Paulo e foi vencida pelo Corinthians com um placar de 4 x 2. A final teve transmissão televisiva pelos canais da Band e ESPN, e também transmissão digital na rede social Twitter. Em 2021, a Confederação Brasileira de Futebol espera seguir com as competições A1 e A2, entretanto, ainda não há divulgação de um calendário oficial para as competições.

Após contextualizar o futebol de mulheres no Brasil, passo a descrever os procedimentos teórico-metodológicos que fundamentam este estudo.

3 O FUTEBOL DE MULHERES E A PRODUÇÃO DE REGISTROS

Passados 41 anos da regularização do futebol de mulheres no país, sua trajetória tem alternado episódios de conquistas e de retrocessos. Para justificar tal afirmação, recorro à busca de registros e de acontecimentos recentes que me motivam a pesquisar sobre o tema. Ressalto estar intimamente ligada aos fatos que descreverei a seguir. Entretanto, relembro Rosa Fischer (2005) quando diz que o pesquisador para ser efetivo deve ter acima de tudo “paixão por aquilo que cria” (p. 117).

Ao iniciar a busca de registros do futebol praticado por mulheres no Brasil percebi que as fontes oficiais possuem pouco material que narram essa história. Ao pesquisar dados sobre o futebol de mulheres no órgão que rege o futebol brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol, identifiquei alguns dados fornecidos pela página virtual do Museu da Seleção Brasileira, a qual possui seis sessões temáticas que abordam a trajetória da seleção brasileira (dos homens), enquanto as mulheres nem mesmo são citadas. Em relação à Federação Gaúcha de Futebol, foram encontrados dados referentes ao Campeonato Gaúcho de 2019, na categoria principal, sub-18, sub-16 e sub-14, além de listas de atletas inscritas, comissão técnica e regulamento da competição.

Na busca por produções acadêmicas que versam sobre o futebol praticado por mulheres, a partir da perspectiva sociocultural, identifiquei que o tema vem ganhando visibilidade a partir do ano de 2013, data que coincide com a retomada da competição nacional das mulheres.

Em uma das ações desenvolvidas pelo Programa Futebol e Mulheres, foi realizado um levantamento sobre as produções acadêmicas relacionadas a mulheres e futebol no período de 1990 a 2020, no qual foram pesquisados 19 periódicos científicos²⁹, somando 40 artigos publicados que abordavam essa temática. Destaco que esse levantamento está em constante construção e que os dados apresentados até aqui se limitam temporalmente à construção desta pesquisa.

²⁹ ARTUS, Conexões, Corporis, Labrys, Motrivivência, Motriz, Motus Corporis, Movimento, Pagu, Paulista, Pensar a Prática, Perfil, Recorde, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Educação Física, Revista Gênero, Revista Estudos Feministas, Revista da UEM.

Os metadados utilizados para a realização desse levantamento foram: “mulher e futebol”, “futebol e mulheres”, “futebol feminino”, “futebol e gênero”, “jogadoras de futebol”, e os resultados são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Artigos publicados sobre futebol de mulheres entre 1990 e 2020

AUTORIA	TÍTULO	VEÍCULO	FORMATO	ANO
Leonardo Tavares Martins e Laura Moraes	O Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata	Pensar a Prática	Periódico	1992
Arlei Damo	A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia	Revista Gênero	Periódico	1994
Ana Júlia Pinto Pacheco e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior	A Mídia impressa e o “futebol de saias” do Brasil: Uma análise dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996	RBCE	Periódico	1997
Luciane de Andrade Barreto	Identidade feminina no esporte: a representação social da mulher no futebol	RBCE	Periódico	1998
Osmar Moreira de Souza Júnior e Suraya Cristina Darido	A prática do futebol feminino no ensino fundamental	Motriz	Periódico	2001
Suraya Cristina Darido	Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica	Motriz	Periódico	2001
Luiz Carlos Rigo, Eliane Ribeiro Pardo, Michele Braun Figueiredo, Aline Rodrigues e Viviane Teixeira Silveira	Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame	Movimento	Periódico	2005
Ludmila Mourão e Márcia Morel	As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo	RBCE	Periódico	2005
Silvana Vilodre Goellner	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades	RBEF	Periódico	2005
Ana Júlia Pinto Pacheco e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior	A Imprensa e o Futebol Feminino do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: Investigando Manifestações de Estereótipo e Preconceito	ARTUS	Anais de congresso	2006
José Geraldo do Carmo Salles, Maria Cecília de Paula Silva e Marta de Moura Costa	A Imprensa Brasileira e o Futebol Feminino – Discurso Produzido e (Re)produzido	ARTUS	Anais de congresso	2006
Lúcia da Costa Leite Reis	A Representação da Mulher que Joga Futebol.	ARTUS	Anais de congresso	2006
Carlos Nazareno F. Borges, Simone Magalhães Lopes, Cláudia Aleixo Alves e Fábio Padilha Alves	Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino	Movimento	Periódico	2006

Sérgio Ricardo de Sousa Oliveira, Hélio Serassuelo Júnior, Mabel Martins Mansano e Antônio Carlos Simões	Futebol feminino de competição: Uma análise das tendências do comportamento das mulheres / atletas em competir, vencer e estabelecer metas	RBEF	Periódico	2006
Sandra Letícia Ferreira Magalhães	Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007)	Recorde	Periódico	2008
Alexandre Luiz Velho da Silva e Walmer Monteiro Chaves	Arbitragem feminina de futebol: a visão dos árbitros	Motriz	Periódico	2009
Enny Vieira Moraes	O museu do futebol e uma história parcial: ou não há futebol feminino no Brasil?	Recorde	Periódico	2009
Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Renata Pascoti Zuzzi, Aline Edwiges dos Santos Viana e Fernando Morales Vilha Júnior	O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim	Motriz	Periódico	2011
Doiara Silva dos Santos e Ana Gabriela Alves Medeiros	O futebol feminino no discurso televisivo	RBCE	Periódico	2012
Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior	Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990	Movimento	Periódico	2013
Fábio Luís Santos Teixeira e Iraquitã de Oliveira Caminha	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	Movimento	Periódico	2013
Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger	Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre	RBCE	Periódico	2013
Silvana Vilodre Goellner, Paula Botelho Gomes e Paula Silva	Sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: Um estudo sobre a Algarve Women's Football Cup	Movimento	Revista	2013
Fábio Luís Santos Teixeira e Iraquitã de Oliveira Caminha	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	Movimento	Revista	2013
Luciana Nogueira Martins	Futsal feminino: perfil das atletas nos Jogos de Minas Gerais 2012 e implicações pedagógicas	RBCE	Periódico	2013
João Carlos Kotiviski	Um estudo sobre a iniciação do futsal feminino na periferia de Curitiba	RBCE	Periódico	2013
Marcelo Angeloni Cusin e Antônio Coppi Navarro	Perfil psicológico das atletas femininas da Federação Paulista de Futsal	RBCE	Periódico	2013
Annelise Santos Lira Soares Pereira, André João Belacorça Alfaia, Luana Elayne	Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol	Psicologia e Sociedade	Revista	2014

Cunha Souza e Tiago Jessé Souza Lima				
Caroline Soares de Almeida	O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana	Ponto Urbe	Revista	2014
Enny Vieira Moraes e Zuleika Stefânia Sabino Roque	Sisi, a craque sem história: Fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984-1989).	Discente História	Revista	2014
Mariani da Silva Pisani	Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra?	Esporte e Sociedade	Revista	2014
Giovana Capucim e Silva	Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983).	USP	Revista	2015
Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior	Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história	Motrivivência	Revista	2016
Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior	Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro	RBEF	Revista	2016
Martina Gonçalves Burch Costa	Perspectivas para o Futebol Feminino: Um estudo a partir do Pelotas/Phoenix	RBFF	Revista	2016
Maria Thereza Oliveira Souza, André Mendes Capraro e Marcelo Moraes e Silva	Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades	Movimento	Revista	2017
Diego Ramos do Nascimento, Rafael Marques Garcia, Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro e Erik Giuseppe Barbosa Pereira	Resenha do curta-metragem "Tapete Verde" (2014) de Ângelo Martins	Motrivivência	Revista	2017
Cláudia Regina Lahni e Juliana Neves Afonso	Publicidade e relações de gênero: nos 40 anos do Ano Internacional da Mulher, reflexões a partir de anúncio da Heineken	Estudos da Comunicação	Revista	2017
Silvana Vilodre Goellner e Cláudia Samuel Kessler	A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade	USP	Revista	2018
Mariani Pisani	Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo	USP	Tese	2018
Monique Torga, Francielle Pereira Santos e Ludmila Nunes Mourão	Gênero e futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro	FURG	Periódico	2018
Luiza Aguiar dos Anjos, Suellen dos Santos Ramos, Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner	Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres	Estudos Feministas	Revista	2018

André Luiz dos Santos Silva e Patrícia Andrioli Nazário	Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte	Estudos Feministas	Revista	2018
Raphael Rajão Ribeiro	Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)	Mosaico	Revista	2018
Alice Francisco Freitas, Bruna Letícia de Borba, Sara Fantin Ribeiro e Carolina Fernandes da Silva	O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres	Corpoconsciência	Revista	2019
Silvana Vilodre Goellner e Gustavo Cerqueira Guimarães	Hoje, o futebol de mulheres	Licere	Revista	2019
Ana Laura Eckhardt de Lima e Luiz Felipe Alcântara Hecktheuer	Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo	Didática Sistêmica	Revista	2019
Maria de Fátima Salum Moreira, Vagner Matias do Prado e Maria Cristina Cavaleiro	Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades	Ensino	Revista	2019
Claudia-Yaneth e Martínez-Mina	Las mujeres también pueden: Historia de vida en el fútbol	Busqueda	Revista	2019
Débora Nascentes Martins e Maria Madalena Silva de Assunção	Bichas, macacos, marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol	Pretextos	Revista	2019
Bruna Soares Pires e Cristianne Almeida Carvalho	Craques da resistência: o futebol feminino em São Luís, Maranhão	RBPE	Revista	2019
Cláudia Samuel Kessler e Fernanda de Oliveira Alves	Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário	Dobras	Revista	2019
Larissa Medeiros de Souza, Ana Andréa Barbosa Maux e Melina Séfora Souza Rebouças	Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol	Dialnet	Revista	2019
Julia Gravena Passero, Júlia Barreira, Lucas Tamashiro, Alcides José Scaglia e Larissa Rafaela Galatti	Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem	Movimento	Revista	2020
Igor Maciel Silva e Maria Cristina	Da Participação de Mulheres no Futebol em Barbacena/MG nas Três Primeiras Décadas do Século XX	Licere	Revista	2020
Janice Zarpellon Mazo e Geórgia Fernandes Balardin Giandra Anceski Bataglion	Mulheres no futebol: alterações no regulamento da CONMEBOL e espaço na mídia televisiva	Caminhos da História	Revista	2020

Silvana Vilodre Goellner	Narra quem sabe: entrevista com Isabelly Moraes	Recorde	Revista	2020
Silvana Vilodre Goellner	Sissi, a Imperatriz: entrevista com Sisleide Lima do Amor	Fulia/UFMG	Periódico	2020
Silvana Vilodre Goellner	Conhecer para reconhecer: entrevista com Rosana dos Santos Augusto	História em Reflexão	Revista	2020

Fonte: Equipe Centro de Memória do Esporte (2020).

A partir desse levantamento, evidencio que os estudos sobre a história de vida de jogadoras foram identificados em apenas dois artigos e duas dissertações. São eles: o estudo “From the Cradle to Athens: The Silver – Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer”, do autor Jorge Dorfman Knijnik (2011), o qual narra a trajetória de Juliana Cabral, ex-capitã da seleção brasileira, que conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008; e o artigo de Enny Vieira Moraes e Zuleika Estefânia Sabino Roque intitulado “Sissi, a craque sem história: fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984-1989)”, no qual descrevem a trajetória de Sisleide Lima do Amor, um dos maiores destaques do futebol de mulheres brasileiro e da história da seleção. No ano 2015, houve a defesa da dissertação de mestrado de minha autoria, “Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino”; e por fim, a dissertação de mestrado da integrante do CEME/GRECCO e atual preparadora física da equipe de futebol de mulheres do Sport Club Internacional, Suellen dos Santos Ramos, intitulada “Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)”, foi defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação de Ciência do Movimento Humano.

No sentido de conhecer e reconhecer as trajetórias dessas mulheres que foram e são protagonistas na construção da modalidade, a partir desses estudos acadêmicos evidencio outras possibilidades na busca por fontes de pesquisa. Apresento a partir de então algumas iniciativas desenvolvidas pelo coletivo Guerreiras Project que, em parceria com o Centro de Memória do Esporte (CEME) – duas instituições com as quais estou envolvida – articulam uma série de ações em conjunto com jogadoras, ex-jogadoras, gestoras e ativistas em prol do futebol de mulheres.

O Guerreiras Project é um projeto global, que visa ao empoderamento de mulheres e meninas por meio do futebol. Para tanto, realiza oficinas práticas e tem o futebol como ferramenta para debater questões, como a igualdade de gênero, o

preconceito e a violência, tentando compreender a sociedade e a si mesmas de maneira coletiva³⁰.

Através das inquietações que compartilho com minhas colegas do grupo Guerreiras Project e do CEME, em conjunto com a professora Silvana Goellner, vislumbramos a possibilidade de produzir uma exposição durante a realização Copa do Mundo no Brasil, em julho de 2014. Nesse sentido, o CEME em parceria com o Guerreiras Project, promoveu na cidade de Porto Alegre a exposição “Futebol e Mulheres no País da Copa”³¹, que esteve aberta para visitação entre os dias 24 de junho e 13 de julho de 2014. Foram expostos *banners* temáticos, fotografias e objetos de atletas da seleção brasileira e de outras equipes, evidenciando a presenç a das mulheres no futebol. Essa foi uma das primeiras iniciativas dessa parceria na produção de registros de memória acerca do futebol de mulheres.

Outra ação produzida por essas duas instituições aconteceu no dia 24 de novembro de 2015: o lançamento da coleção “Futebol e Mulheres”, uma subcomunidade do Centro de Memória do Esporte no Repositório Digital da UFRGS – LUME. A coleção reúne objetos, documentos, fotografias e depoimentos que visibilizam a presenç a das mulheres no futebol. Durante a cerim nia de lançamento da coleção, Maria Ivete Gallas e Duda Luizelli realizaram palestras e compartilharam suas trajetórias no futebol.

O Museu do Futebol, localizado no Estádio Pacaembu em São Paulo, é considerado um dos museus mais visitados do país e tem como uma de suas missões narrar de forma interativa, por meio de acervo digital, a história do futebol no Brasil. Entretanto, até o ano de 2015, não abordava a história das mulheres nessa modalidade. Como uma das ações do Programa Futebol e Mulheres e sob a curadoria da professora Silvana Vilodre Goellner, em maio de 2015, o Museu inaugurou a exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”³², com o objetivo de resgatar histórias esquecidas de mulheres que lutam pelo desenvolvimento da modalidade (BONFIM, 2015) e, em 2019, “Contra-ataque: as mulheres do futebol”³³, exposição que visibiliza

³⁰ Mais informações sobre o Guerreiras Project podem ser acessadas no site <http://www.guerreirasproject.org/> e no artigo http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2018000100703&script=sci_arttext.

³¹ Mais informações sobre a exposição estão disponíveis em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/97081>.

³² Ver mais em: <https://www.museudofutebol.org.br/exposicoes-temporarias/visibilidade-para-o-futebol-feminino>.

³³ Ver mais em: <http://contraataque.museudofutebol.org.br/a-exposicao/>.

as conquistas das mulheres no futebol na gestão, na arbitragem, na imprensa e também nas arquibancadas.

Em iniciativa semelhante, o Museu do Sport Club Internacional, em parceria com o Centro de Memória do Esporte, abriu as portas para o futebol de mulheres e, em maio de 2017, inaugurou a exposição “A Conquista do Campo: o Futebol Feminino no S.C.I.³⁴”. A exposição inaugurada em 18 de maio permaneceu aberta ao público até março de 2019 e narrou a história do futebol feminino no clube, lembrando as descontinuidades e retomadas da equipe de mulheres, seus títulos e alguns jogos históricos. A cerimônia de abertura da exposição contou com a presença de diretores do Internacional e com a participação das ex-jogadoras Eduarda Marranghello Luizelli “Duda”, Tatiele da Silveira³⁵ e Isabel Araújo Nunes “Bel” por meio de uma atividade na qual lembraram algumas de suas histórias vividas junto ao Internacional.

Em 2018, me envolvi em novas ações focadas no futebol de mulheres: a realização do I e do II Encontro da Rede de Pesquisa sobre Futebol e Mulheres na América Latina³⁶, os quais foram realizados, respectivamente, no Museu do Futebol, em São Paulo, entre os dias 24 e 25 de setembro e, em Buenos Aires, Argentina, entre os dias 23 e 24 de novembro.

O que busco visibilizar por meio da descrição dessas iniciativas é que são esforços de pessoas intimamente ligadas à prática do futebol de mulheres que se reúnem e se unem para desenvolver a modalidade nas suas diversas frentes, como no meio acadêmico, esportivo ou histórico. As alternativas na busca das fontes para os trabalhos acadêmicos ou dos registros em grande medida são, também, construídas por elas. Nesse sentido, quero destacar a importância do trabalho realizado por meio da História Oral, visto que é uma ferramenta potente para a produção de registro, conforme discorro no tópico a seguir.

Diante da quase ausência de registros oficiais sobre a participação das mulheres no futebol, a produção de fontes por meio da História Oral, utilizando a narrativa de ex-atletas, atletas, gestoras, treinadoras etc., é uma alternativa para

³⁴ Ver mais em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174236>.

³⁵ Tatiele da Silveira foi uma das jogadoras do Internacional entre os anos de 1990 e 2001; foi auxiliar técnica da seleção brasileira de futebol feminino sub-17 e atualmente é treinadora da equipe adulta do Sport Clube Internacional.

³⁶ A Rede é coordenada pelo professor David Wood (Inglaterra) e pelas professoras Veronica Moreira (Argentina) e Silvana Vilodre Goellner (Brasil), e tem como objetivo reunir pesquisas e propostas de intervenção focadas no futebol de mulheres. Em 2019, foram realizados dois encontros: Rio de Janeiro (abril) e Medellín (julho).

reconstruir a história do futebol de mulheres e também conhecer e reconhecer a trajetória das mulheres que fizeram parte dela (NOGUEIRA, 2013). É sobre esse tema que versa o próximo capítulo.

4 APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: História Oral e História de Vida

A História Oral focaliza a memória humana e sua capacidade de recordar o passado, enquanto testemunha do vivido, em suas narrativas e vivências de algo que se quer investigar. As narrativas orais e as fontes escritas não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente (MATTOS; SENNA, 2011).

Durante muito tempo a historiografia manteve a tradição de debruçar-se sobre fontes documentais, conferindo à oralidade pouca ou nenhuma relevância como registro capaz de narrar algo já acontecido. Um primeiro movimento de superação dessa matriz deu-se por meio da Escola dos Annales, surgida na França, na década de 1920, voltada para a edificação da Nova História, com o propósito de defender uma mudança metodológica, tendo por base três dimensões: novos problemas, novas abordagens e novos objetos, ampliando, assim, a noção de documento histórico e reconhecendo, portanto, a importância das fontes orais (SOUZA, 2007).

Acrescido ao movimento tecnológico, e com a invenção do gravador, os movimentos sociais passaram a dar visibilidade para grupos relegados da oficialidade dos discursos e estes reivindicaram o direito de falar, redimensionando a historiografia. Segundo Souza (2007, p. 63),

Os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais vão buscar na indagação, do passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, as circunstâncias sociais e culturais que os conformaram no tempo presente e que permitem pensar em projetos para o futuro.

Os depoimentos orais permitem ao/a pesquisador/a o acesso a informações que somente estarão presentes na oralidade, nas vivências de um momento histórico, nas experiências pessoais e/ou partilhadas e nas impressões particulares ou coletivas (ALBERTI, 2004) sobre aquilo que se quer investigar, no caso em questão, o futebol de mulheres.

A História Oral pode ser compreendida a partir de três perspectivas: como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas, como um método de investigação científica ou, ainda, como uma fonte de pesquisa (GOELLNER; JAEGER, 2007), os quais são contemplados nesta tese.

Em relação a outras áreas do saber histórico, A História Oral possui maior proximidade com o presente, uma vez que depende da memória “viva” e de relatos já

efetuados anteriormente. Assim como a entrevista, está intimamente relacionada à memória, e o seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, visto que possibilita, também, a produção de um documento histórico (THOMPSON, 1992, p. 136).

Ao analisar os estudos biográficos no campo da Educação Física e do esporte, Christiane Macedo e Silvana Goellner (2013) apontam que, no início dos anos 1920, os primeiros estudos que abordavam a História de Vida estavam focados em pessoas representativas da elite da época, deixando no esquecimento os “sujeitos comuns” da história.

A História de Vida pode ser entendida como um instrumento privilegiado de pesquisa, pois permite captar o que acontece na intersecção do individual com o social. Ao relatar o passado e resgatar as memórias do que foi vivido, torna possível a compreensão do que aconteceu no passado (SOARES, 1994). Nesse sentido, a relação entre a pessoa que concede e a que faz a entrevista mostra-se como uma via de mão dupla, pois o momento da entrevista também é parte de um momento histórico.

Durante a construção de um trabalho de História de Vida acontecem, geralmente, uma ou mais entrevistas prolongadas, nas quais a interação entre pesquisador/a e pesquisado/a se dá de forma contínua. Segundo Thiollent (1982): “o entrevistador se mantém em uma ‘situação flutuante’ que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado”.

A História de Vida nos possibilita entender o componente histórico dos fenômenos individuais, assim como o componente individual dos fenômenos históricos (THIOLLENT, 1982). Outro elemento importante na metodologia da História Oral, no qual podemos pensar é a ênfase da História de Vida, em que cada entrevista compõe um discurso único e singular e através dela várias perspectivas. Tal perspectiva, segundo Portelli (1997), confere importância a cada entrevista realizada por ser diferente de todas as outras.

Silva *et al.* (2007) mencionam algumas características dessa abordagem que se diferencia de outros métodos de pesquisa, pois, no trabalho realizado com a História de Vida, há a preocupação com o vínculo entre pesquisador/a e pesquisado/a. No trabalho com a História de Vida existe uma produção de sentido tanto para o/a pesquisador/a quanto para o sujeito pesquisado, o que as autoras chamam de “saber

em participação”, pois a história contada a partir de seu narrador permite realizar conexões mais profundas entre o individual e o social.

De acordo com Nogueira (2004), a História de Vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores/as e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele/a que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e dar continuidade à construção de um sentido frente a este relato.

Alberti (2011) destaca que as entrevistas de História de Vida contêm diversas entrevistas temáticas e que, ao longo da narrativa, os temas de interesse da pesquisa vão sendo aprofundados. Ao abordar as histórias de mulheres no futebol, relembro que poucos são os estudos que tratam dessa temática e, por isso, ressalto a importância de utilizar as suas narrativas como fontes de pesquisa.

Nesse sentido, destaco que optei por fundamentar teórica e metodologicamente esta pesquisa na História Oral com ênfase na História de Vida por reconhecer sua potencialidade na produção de fontes, em especial, daquelas que pouco acessamos nos registros oficiais. Para tanto, tomei como base o projeto Garimpendo Memórias, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Esporte, Cultura e História (GRECCO) desde 2002. O principal objetivo desse projeto é a realização de entrevistas com pessoas cuja história de vida esteja relacionada com a estruturação e consolidação do esporte, do lazer, da Educação Física e da dança no Brasil. Em função do grande número de pessoas já entrevistadas, foi criado um documento intitulado “Projeto Garimpendo Memórias: Manual Básico”, a fim de uniformizar todas as etapas que envolvem o processamento das entrevistas desde sua realização até a disponibilização para consulta.

Em abril de 2020, o projeto contava com 909 entrevistas realizadas e mais de 629 entrevistas disponibilizadas para consulta no LUME – Repositório Digital da UFRGS³⁷. Ainda em 2020, o projeto passou a ser interinstitucional e está sediado na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, sob a coordenação da professora Christiane Garcia Macedo, com a vice-coordenação da professora Silvana Vilodre Goellner. Neste mesmo ano, foi criado o site do projeto no qual estão disponibilizadas as entrevistas, pesquisas, artigos, monografias, teses, dissertações, livros e *e-books*³⁸.

³⁷ Ver mais em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504>.

³⁸ Ver mais em: <http://garimpendomemorias.sitenaweb.com.br/>.

Diante dos avanços tecnológicos – tais como os gravadores digitais e os dispositivos de armazenamento de arquivos digitais, como os *pen drives* e HD's, e também devido à possibilidade de realização das entrevistas por meio de *smartphones* ou via *softwares* de comunicação digital, como o Skype ou as videochamadas através de Facebook e WhatsApp – em 2017, o Manual do Garimpendo Memórias, criado em 2012, sofreu reformulações. Foram incorporadas recomendações específicas para o uso dessas novas tecnologias, algumas das quais utilizei para produzir parte das entrevistas que subsidiam esta tese.

Tendo como norte os procedimentos adotados pelo Garimpendo Memórias, a seguir, descrevo as etapas que cumpri para produzir as entrevistas com a protagonista deste estudo e com pessoas que de algum modo estão no entorno de suas relações sociais, familiares e de trabalho. São eles:

1. A identificação das pessoas a serem contatadas para as entrevistas. No caso desta tese, essa etapa foi realizada por meio de uma pesquisa prévia com Maria Ivete Gallas e pessoas que jogaram em algumas equipes no futebol gaúcho. Algumas das entrevistadas foram indicadas por Ivete e o contato foi feito via rede social Facebook, como, por exemplo, Marisa da Costa e Sílvia Chuvisco, colegas de Ivete na equipe Tanac e Kombisul/Funil nos anos 1990. Além dessas ex-jogadoras, Ivete também proporcionou outros contatos, assim como as próprias jogadoras entrevistadas, que acabaram indicando outros nomes e contatos.
2. Elaboração de roteiros para cada entrevista – esse procedimento é realizado assim que se faz um levantamento prévio sobre as pessoas a serem entrevistadas, com o intuito de reunir informações para qualificar a entrevista. Tal etapa é fundamental para esta tese dada a dificuldade de encontrar registros sobre a participação dessas mulheres no futebol, em especial no futebol gaúcho.
3. Realização da entrevista – a entrevista é marcada em local adequado, com pouco ruído e onde a entrevistada sinta-se à vontade para falar sobre o tema. A entrevista é registrada em gravador digital e posteriormente disponibilizada para processamento. Além dessa forma de fazer a entrevista, me utilizei também do Skype e do aplicativo WhatsApp para chamadas de vídeo, além do aplicativo Mobizen Screen Recorder para a gravação, fundamentalmente para

colher depoimentos de pessoas cujo encontro presencial não foi possível realizar, sobretudo, aquelas que residem fora do Rio Grande do Sul e em municípios distantes.

4. Processamento da entrevista – refere-se ao processo envolvido na passagem do depoimento da forma oral para a escrita, incluindo as etapas de: a) transcrição, em que a linguagem oral é transformada em escrita. b) Copidesque, que tem como objetivo ajustar o documento para a melhor leitura, de modo a corrigir erros de português, pontuação, concordância e alguns vícios de linguagem, sem que seja alterado o sentido do que foi dito; c) Pesquisa, etapa na qual são complementadas informações às entrevistas de modo a qualificá-las. Esses acréscimos são feitos em notas de rodapé e, geralmente, estão relacionadas a informações sobre pessoas, instituições e locais mencionados pela pessoa entrevistada; d) Leitura e revisão final da entrevista.
5. A devolução à pessoa entrevistada na linguagem escrita para que faça alterações, caso julgue necessário, podendo suprimir ou acrescentar trechos se assim desejar.
6. A assinatura da Carta de Cessão (ANEXO A), concedendo ao Centro de Memória do Esporte do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental.
7. A Catalogação da entrevista conforme orientações específicas do Projeto Garimpendo Memórias, visando à organização do seu acervo.
8. Disponibilização das entrevistas, de fotografias e de documentos para consulta por meio do LUME – Repositório Digital da UFRGS, no site do projeto Garimpendo Memórias³⁹ e no site do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História – GRECCO⁴⁰.

A história do futebol praticado por mulheres, como visto anteriormente, conta ainda com poucos registros oficiais acerca de suas competições, títulos, jogadoras e clubes anteriores ao Campeonato Brasileiro de 2013. Por certo, hoje já é possível identificar diferenças quando relacionadas ao período em que Ivete Gallas viveu o futebol, sobretudo, a partir das determinações da FIFA e da CONMEBOL, como a

³⁹ Ver mais em: <http://www.garimpendomemorias.univasf.edu.br/>.

⁴⁰ Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/grecco/site/>.

obrigatoriedade de clubes investirem no futebol de mulheres. Mas, no que se refere às gerações pioneiras, ainda é a História Oral que tem possibilitado produzir conhecimentos sobre o passado, em especial por meio da narrativa de quem o vivenciou. Ao trabalhar com a História de Vida de mulheres brasileiras, relembro Daphne Patai quando afirma que:

Nossa tarefa é justamente prestar atenção na história oral de tal forma que partamos para além dessas questões. Não há vida sem sentido, e não há histórias de vida sem significado. Existem apenas histórias de vida com as quais nós (ainda) não nos preocupamos e cujas revelações (incluindo aquelas de estonteante trivialidade) permanecem-nos, por essa razão, obscuras (2010, p. 19).

Tratar esse tema utilizando o aporte teórico-metodológico da História Oral proporciona ferramentas fundamentais para compreender a importância da trajetória de Maria Ivete Gallas, analisando sua influência e participação em alguns fatos que colaboraram para a estruturação da modalidade no Brasil e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul.

4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM AS FONTES DE PESQUISA

Meu primeiro contato com Maria Ivete Gallas aconteceu depois de uma reunião que a professora Silvana Vilodre Goellner teve com Ivete no dia 6 de abril de 2015, cujo objetivo era apresentar o Programa Futebol e Mulheres. A partir desse momento, Ivete começou a participar de várias ações promovidas pelo GRECCO, dentre elas, o lançamento da coleção “Futebol e Mulheres”, realizada no dia 14 de setembro de 2015, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, ocasião em que nos conhecemos pessoalmente e marcamos a primeira entrevista.

A possibilidade de escrever algo sobre sua trajetória de vida já tinha sido pauta na reunião acima mencionada e teve o consentimento de Ivete que se dispôs também a emprestar seu acervo e buscar registros que tratavam de sua vida no futebol.

A primeira entrevista com Ivete, realizada em 29 de outubro de 2015 no Centro de Memória do Esporte, foi de grande relevância para que eu pudesse traçar os próximos passos na construção deste estudo. Com duração de uma hora e trinta e um minutos, a entrevista abordou a trajetória inicial de Ivete, sua inserção no futsal e no futebol, a transição de seu envolvimento no futebol como lazer para algo, digamos

assim, mais profissional⁴¹. Busquei ouvir sua narrativa sobre as estratégias que desenvolveu para se manter no futebol e as ações nas quais se envolveu como jogadora, auxiliar técnica, gestora e treinadora.

A segunda entrevista, realizada dia 9 de novembro de 2017, no Centro de Memória do Esporte, teve duração de uma hora e quarenta e dois minutos. O enfoque se deu na sua inserção no futebol e sua atuação especificamente no futebol gaúcho.

Definido o tema, realizei uma pesquisa inicial mais aprofundada sobre sua trajetória em registros publicados nas redes sociais, em documentos, fotografias e reportagens encontradas no acervo da coleção “Futebol e Mulheres”, nos quais Ivete aparecia, e em sites dos clubes pelos quais teve passagem, como o Internacional, o SAAD e o São Paulo.

Foram entrevistadas 22 pessoas que fizeram parte da trajetória de Ivete no início de sua carreira como jogadora nas equipes Tanac e Kombisul\Funil, no Sport Club Internacional e na Seleção Gaúcha, assim como atletas que jogaram com Ivete no Esporte Clube SAAD ou foram treinadas por ela no Esporte Clube SAAD. Além das entrevistas realizadas, outras que já haviam sido realizadas com ex-jogadoras foram utilizadas nesta tese, visto que faziam referência a aspectos relacionados à trajetória de Ivete. As entrevistas com essas ex-jogadoras tiveram um levantamento inicial para a elaboração do roteiro, porém, com a ausência de registros sobre a presença delas no futebol, as entrevistas tiveram um caráter exploratório, o que possibilitou conhecer suas trajetórias, sua proximidade com Maria Ivete Gallas e também suas relações com o futebol gaúcho. Optei por entrevistar as ex-jogadoras e familiares que acompanharam o início da trajetória de Ivete como jogadora de futebol no Rio Grande do Sul e, posteriormente, no Brasil.

Outras entrevistas já realizadas pelo Projeto Garimpendo Memórias também foram utilizadas a fim de compreender a gestão esportiva de Ivete como auxiliar técnica do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira simultaneamente.

⁴¹ Tomo como referência o conceito de profissional utilizado por Osmar Moreira de Souza Júnior em sua tese de doutorado sobre o projeto de profissionalização de atletas de futebol feminino. A partir da perspectiva das próprias atletas, existe a representação de um profissional pautado na rotina de treinos, competições e o fato de dedicar-se somente a essa atividade, mesmo que essa legitimidade não tenha respaldo legal, como contrato de trabalho ou recebimento de salários. Ver mais em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275104>.

Quadro 2 – Entrevistadas

Nome	Relação	Justificativa
Aline de Borba Fermينو	Ex-jogadora de futebol	Foi atleta de Ivete no Grêmio F.B.P.A
Claudete Maria (Cloda)	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na equipe Kombisul/Funil
Eduarda Maranghello Luizelli	Ex-jogadora de futebol e atual coordenadora de futebol feminino no Internacional	Jogou com Ivete no Internacional e na seleção gaúcha
Esilene da Costa	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na equipe SAAD
Geneci Silva de Moraes (Geni)	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na equipe SAAD
Juliana Ribeiro Cabral	Ex-jogadora de futebol	Foi atleta de Ivete no E.C. SAAD e no São Paulo F.C.
Márcia Regina Gallas	Ex-jogadora de futebol	Prima de Ivete e companheira de equipe no Tanac e seleção gaúcha
Maria Aparecida Schardosim (Cida)	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na equipe Kombisul/Funil
Maria Giovana Eisermann	Ex-jogadora de futebol	Jogou no Internacional e na seleção gaúcha ao lado de Ivete
Maria Iris Gallas	Ex-jogadora de futebol	Irmã de Ivete, apresentou-a ao seu primeiro clube de futebol e foi sua companheira de equipe no Tanac
Marisa Costa	Ex-jogadora de futsal e futebol	Jogou com Ivete na equipe Kombisul/Funil
Marli Lourenzon	Ex-jogadora de futsal e futebol, atual coordenadora da Equipe de futebol feminino do São Luiz de Ijuí-RS	Jogou com Ivete na equipe Kombisul/Funil
Marlisa Whalbrink	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete no E.C. SAAD
Meire Silva	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete no E.C. SAAD e no Grêmio F.B.P.A.
Osmarina Maria Tissi “Marina”	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na seleção gaúcha
Romeu Castro	Presidente do SAAD e supervisor de competições de futebol feminino da CBF	Contratou Ivete para jogar no E.C. SAAD e propôs a ela que gerisse as

		atividades de categorias de base no clube
Roseni Peixoto	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete no Tanac
Sílvia Fattori (Chuveisco)	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete na equipe Tanac e no S.C. Internacional
Sílvia Rangel	Ex-jogadora de futebol	Jogou no Tanac
Telma Carvalho	Ex-jogadora de futebol	Jogou com Ivete no E.C. SAAD

Fonte: A autora (2020).

As entrevistas com as ex-jogadoras foram de grande importância na estruturação do trabalho pois, segundo Alberti (2005, p. 37), a entrevista de História de Vida “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala”. A partir dessa perspectiva, foi possível gradativamente aprofundar as temáticas relevantes ao estudo. Nesse sentido, obtive algumas informações que, em encontro realizado com Ivete no dia 28 de novembro de 2019, foram mais detalhadas, por meio de fotografias, recortes de jornal e revistas disponibilizadas por Ivete.

Dentre os materiais aos quais tive acesso, há itens como fotografias, documentos, recortes de jornal e anotações. Esse material foi levado ao Centro de Memória do Esporte por Ivete em agosto de 2017 e foi, em sua maioria, higienizado, organizado e digitalizado. O acervo é composto por 273 fotografias relativas ao período de 1992 a 2000, além de quatro pastas com recortes de jornal, reportagens, passagens e documentos sobre a sua trajetória.

Assim que Ivete disponibilizou o material, realizamos dois encontros e conversamos sobre o acervo com o objetivo de identificar o período ao qual se relacionavam. Durante esses encontros, Ivete ia lembrando sua trajetória nos clubes e sua inserção na modalidade, bem como reconhecendo alguns fatos ocorridos por cada passagem pelas equipes, aos quais aquelas fotografias faziam referência.

As fotografias correspondiam à sua inserção no futebol na equipe Tanac de Montenegro, sua atuação na Seleção Gaúcha de Futebol Feminino, sua passagem pelo Sport Clube Internacional e também pelo Esporte Clube SAAD de São Paulo. Os registros mostravam, ainda, sua passagem pela equipe de Futsal do Irã, como treinadora. A memória detalhada de Ivete sobre o que estava registrado no material permite visualizar sua trajetória e o modo como ela a descreve e analisa.

O trabalho com a História Oral nesta tese dialoga com outras fontes de pesquisa como fotografias, recortes de jornal e anotações pessoais. Carvalho (2008) afirma que a ação humana é intermediada pelos objetos, artefatos e pelos espaços, portanto, as narrativas aqui contempladas compõem as fontes de pesquisa em conjunto com outras fontes igualmente importantes, a fim de

[...] estabelecer diálogo com outras fontes documentais, de forma a preencher possíveis lacunas. Muitas vezes, as discussões são complementadas pela articulação entre esses tipos de fontes, denominadas também como tridimensionais, com materiais iconográficos e textuais, o que facilita sua contextualização (p. 91).

Considerando a importância dos acervos pessoais como uma fonte na qual se pode avaliar como uma pessoa guarda suas memórias e como a rememora, o acervo pessoal de Maria Ivete Gallas foi utilizado neste estudo.

Concluída a apresentação do referencial teórico-metodológico, passo a apresentar os estudos que integram esta tese. No primeiro deles, intitulado “O futebol e mulheres no Rio Grande do Sul e a atuação de Maria Ivete Gallas”, busco compreender o contexto histórico no qual se edifica a trajetória de Maria Ivete Gallas, inicialmente como jogadora de futebol e de futsal no período que corresponde aos anos de 1983 a 1996. Posteriormente, abordo sua trajetória como jogadora no Esporte Clube SAAD de São Paulo, clube no qual Ivete encerra sua carreira como jogadora.

5 ESTUDO 1 – FUTEBOL E MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL E A ATUAÇÃO DE MARIA IVETE GALLAS

Sobre a história do futebol no Rio Grande do Sul, ainda são poucos os registros encontrados. Quando se trata do futebol de mulheres no contexto gaúcho eles são ainda mais escassos.

Na produção acadêmica, os estudos de Ramos (2016) e Rigo *et al.* (2008) informam que os primeiros registros remontam por volta de 1950, no município de Pelotas, por meio de duas equipes que protagonizaram o futebol de mulheres naquele momento: o Vila Hilda Futebol Clube e o Corinthians Futebol Clube, ambos fundados em abril de 1950. Segundo Rigo *et al.* (2008, p. 180), “o ineditismo fez com que esse futebol fosse assunto também de uma reportagem de duas páginas publicada na Revista dos Esportes daquele ano”, o que contribuiu para atrair um público relativamente grande ao evento, como é possível observar pelo número de pessoas presentes nas arquibancadas do estádio, segundo a imagem abaixo.

Figura 2 – Jogo entre o Vila Hilda e o Corinthians ocorreu, 8 de julho de 1950, no Estádio Bento Freitas (G. E. Brasil)



Fonte: Jornal Diário Popular, 9 de julho de 1950.

A visibilidade conferida à essas equipes por parte da imprensa pelotense estimularam outras mulheres a praticarem a modalidade. Tais equipes viajaram por diversas localidades do estado gaúcho, disputando partidas amistosas com outras equipes de mulheres. A exemplo do Araguari de Minas Gerais, o Vila Hilda e o Corinthians Pelotense coexistiam, a despeito da proibição vigente da época.

Infelizmente a interrupção no desenvolvimento do futebol de mulheres no estado não tardou a acontecer. Nas palavras dos autores,

Após uma série de treinos, jogos e excursões, que se estenderam de maio a novembro de 1950, o futebol feminino no estado mostrava-se em ascensão; além de aumentar o número de equipes (Vila Hilda, Corinthians, Amazonas, Renner e Tiradentes), ele havia conquistado a simpatia do público e ocupado um espaço significativo na imprensa de Rio Grande, de Pelotas e de Porto Alegre. Porém, foi justamente nesse momento de ascensão do futebol feminino que o CND entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor, que proibia a prática desse esporte por mulheres, em todo o país (RIGO *et al.*, 2008, p. 181).

Em virtude da proibição oficial desse esporte para mulheres, houve a escassez de registros que contemplassem histórias nas quais são protagonistas. Essas histórias recomeçam a aparecer apenas na década de 1980, ou seja, imediatamente após o término da proibição oficial que se deu em 1979.

Foi exatamente nos anos inaugurais da década de 1980, mais especificamente em 1983, que surgiu em Porto Alegre a equipe Pepsi-Bola, que posteriormente se transformou no time do Sport Club Internacional comandada por Rosa Dutra que atuou como treinadora. Com o intuito de fazer oposição ao Pepsi-Bola, surgiu, em 1984, a equipe do Independente, que mais tarde assumiria o escudo do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Essa equipe foi comandada por Maria Anita, conforme relembra Isabel Cristina de Araújo Nunes, a ex-jogadora Bel, ao descrever o início de sua trajetória no futebol:

I.N. – Nós fomos para uma equipe de futebol de campo que se chamava Pepsi Bola, e aí eu já estava com quinze anos, ficamos um ano na equipe do Pepsi Bola e o Internacional resolveu abrir o Departamento de Futebol Feminino e pegou essa equipe como base, a equipe do Pepsi Bola. E tinha uma outra equipe que era a nossa rival, que se chamava Independente, que se transformou em adivinha quem?

S.G. – No Grêmio [risos].

I.N. – No Grêmio [risos]. Era um time coordenado pela Maria Anita, jogou na Seleção Brasileira, no tempo do Radar (2016, p. 2).

Ao pesquisar o site da escola de futebol feminino do Grêmio⁴², encontrei um registro informando que, no ano de 1982, o vereador Valdir Fraga convidou médicos e fisioterapeutas para uma reunião com as representantes das equipes do

⁴² Pesquisa realizada em março de 2017 após entrevista com Tatiele Silveira, coordenadora da Escola de Futebol Feminino do Grêmio. Link para acesso: <https://gremiofeminino.wordpress.com/>.

Internacional e do Grêmio, respectivamente Rosa e Maria Anita. O encontro aconteceu na Câmara Municipal de Porto Alegre e teve como objetivo debater sobre a presença das mulheres em competições oficiais de futebol.

No dia 11 de abril de 1983, o Conselho Nacional de Desportos, órgão que geria o futebol naquele período, regulamentou a prática do futebol por mulheres em todo o país. Na semana seguinte à regulamentação, após uma reunião entre os clubes e dirigentes das equipes que disputavam a Taça Ouro pelo futebol dos homens, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e São Paulo Futebol Clube, foi decidido que haveria uma preliminar de futebol de mulheres entre o Clube Esportivo Bento Gonçalves, de Bento Gonçalves, e o Sport Club Rio Grande, de Rio Grande. As equipes disputaram uma partida em pleno Estádio Olímpico Monumental, a casa do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (PASTRO, 2005).

Essa partida chama atenção não só pelo ineditismo, como também pelo modo como foi disputada, seguindo as determinações do Conselho Nacional de Desportos, que advogava em favor de algumas restrições à prática da modalidade. A seção esportiva da época, a chamada “Bola Dividida” do jornal Zero Hora, evidencia o ineditismo da partida com a manchete “Futebol Feminino com Tudo” e aponta para a similaridade com o futebol que o público assistia frequentemente. Como novidades do duelo, destaca os “lances duros”, sujeitos a expulsões, e “que as meninas ‘foram para os pontapés e os tapas’” (NEVES; AZAMBUJA, 2017, p. 1).

Dentre outras determinações do CND para que a partida pudesse ocorrer, algumas regras deveriam ser alteradas, como a redução do tempo de jogo, que contou com dois tempos de 35 minutos intermediados por um intervalo de 15 minutos. Além disso, houve cuidados com os equipamentos esportivos, como a utilização de chuteiras sem travas pontiagudas e de protetores nos seios, sendo que esta última alteração infringia também as regras do jogo, pois, a bola dominada no peito seria considerada lance de tiro livre direto, ou seja, ocasionaria uma falta (PASTRO, 2005; TREPTE, 2008).

Em entrevista ao jornal Zero Hora, Rosângela Solano Rodrigues, ex-atleta e hoje dirigente do Sport Club Rio Grande, destaca que “o preconceito era muito grande.

Era visto com maus olhos pela sociedade. Pessoal dizia ‘nomes’ nas arquibancadas. Na época, meu noivo parou até de ver os jogos porque não aguentava escutar isso⁴³.

Figura 3 – Jogo entre o Sport Club Rio Grande e o Clube Esportivo Bento Gonçalves partida preliminar no Estádio Olímpico Monumental em Porto Alegre



Fonte: Acervo pessoal de Márcia Tafarel.

No mesmo ano, 1983, surgiu o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, que teve a participação de cinco equipes: o S.C. Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, ambos de Porto Alegre, o Esporte Clube Internacional, de Santa Maria, o Cerâmica Atlético Clube, de Gravataí, e o Clube Esportivo Bento Gonçalves, da cidade de Bento Gonçalves (DIAS, 2019). Há uma ausência nos registros sobre o Campeonato Gaúcho nos anos de 1984 a 1996. Até o presente momento, consegui identificar registro dessa competição apenas em 1997.

Segundo Ramos (2016), nos anos 1990, os clubes Internacional e Grêmio criaram seus Departamentos de Futebol Feminino, garantindo apoio às equipes formadas por mulheres, incluindo o espaço para os treinamentos, o fornecimento de materiais esportivos, assim como os uniformes de treino e de jogo, além da existência de comissões técnicas especializadas.

⁴³ Entrevista ao jornal Zero Hora. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/ex-atletas-e-entusiastas-se-desdobram-para-manter-o-futebol-feminino-no-rs.html>. Acesso em: 12 jan. 2018.

De acordo com Kessler (2010), no ano de 1993, foi convocada a primeira Seleção Gaúcha de Futebol Feminino. A formação dessa equipe vislumbrava a participação do estado em um torneio nacional de seleções. A I Taça João Havelange aconteceu em diversas regiões do país e contou com a participação de 23 seleções dos estados brasileiros, sendo que no Rio Grande do Sul não havia equipes que pudessem representar o estado.

Após essa competição, foram retomadas as equipes de futebol de mulheres no estado, tais como do Sport Clube Rio Grande, do Internacional e do Grêmio. Com a criação dessas equipes, a seleção dissolveu-se e as atletas passaram a representar as equipes que estavam em atividade. Desse modo, não havia mais a necessidade de apenas uma seleção representar o Rio Grande do Sul em competições nacionais, mas sim, a demanda por competições estaduais que pudessem selecionar tais representantes.

Para ilustrar o surgimento de novos clubes e a participação em competições, apresento a seguir o quadro 3, no qual figuram as campeãs do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino no Rio Grande do Sul, a principal competição do estado.

Quadro 3 – Tabela das equipes Campeãs Gaúchas de Futebol Feminino

Ano	Equipe	Organização
1983	S.C. Internacional	FGF
1984 a 1996	<i>Não houve</i>	-
1997, 1998, 1999	S.C. Internacional	<i>Não há registros</i>
2000 e 2001	Grêmio F.B.P.A.	<i>Não há registros</i>
2002 e 2003	S.C. Internacional	<i>Não há registros</i>
2004, 2005 e 2006	E.C. Juventude	<i>Não há registros</i>
2007	<i>Não houve</i>	-
2008	E.C. Pelotas	<i>Não há registros</i>
2009	G.E. Torrense	<i>Não há registros</i>
2010	Canoas/Gaúcho F.F.	AGFF
2011	Flores da Cunha	AGFF
2012	Duda/Alvorada	AGFF
2013	C.E.R. Atlântico	AGFF
2014	G.E. Onze Unidos	AGFF
2015 e 2016	Duda/Canoas/UniLa Salle	AGFF
2017	S.C. Internacional	AGFF
2018	Grêmio F.B.P.A.	FGF
2019	S.C. Internacional	FGF

Fonte: A autora (2020).

Ao pesquisar no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul⁴⁴ (Mazo e Reppold, 2005) e nos sites da Federação Gaúcha de Futebol⁴⁵, da Associação Gaúcha de Futebol Feminino⁴⁶, e de alguns clubes, como o Internacional⁴⁷, o Grêmio⁴⁸, o Rio Grande⁴⁹, o Juventude⁵⁰ e o Pelotas⁵¹, percebi que não existem registros do Campeonato Gaúcho disputado nos anos de 1984 a 1996, e ainda não foram encontrados registros da organização desse campeonato nos anos de 1997 a 2010. Fatos que serão posteriormente explorados neste estudo.

Apesar da carência de registros, conforme observado no quadro 3, cabe ressaltar aqui três fatos que contribuíram para o desenvolvimento da modalidade no estado: o protagonismo de Eduarda Maranhelo Luizelli (Duda, como é conhecida no futebol), a atuação da Associação Gaúcha de Futebol Feminino e a organização dos Campeonatos pela Federação Gaúcha de Futebol.

Em 1996, Duda encabeçou e assumiu a frente na retomada do Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Internacional, que havia sido extinto no ano de 1987. Como destaca Ramos (2016, p. 33), Duda “participou diretamente da reabertura do Departamento de Futebol Feminino do clube e ajudou a difundir a modalidade”. O encerramento das atividades do Internacional aconteceu em 2004 e só foi retomada no ano de 2017, outra vez por intermédio de Duda, que protagoniza a gestão e o fomento ao futebol de mulheres, não só no S.C. Internacional, tornando-se referência da modalidade no estado.

O segundo destaque fica por conta da criação da Associação Gaúcha de Futebol Feminino em Porto Alegre, em 28 de abril de 2010, que assume a organização do campeonato gaúcho em todos os níveis, desde as categorias de base sub-15 e sub-17 até a categoria principal. Desde então, o campeonato gaúcho não sofreu nenhuma interrupção. Em 2018, por meio de comunicado oficial (Figura 4) a Associação anunciou a transferência da gestão do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino para a Federação Gaúcha de Futebol, entidade que assumiu também as categorias de base da competição.

⁴⁴ Disponível em: <http://crefrs.org.br/atlas/>.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.fgf.com.br/>.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.agff.com.br/>.

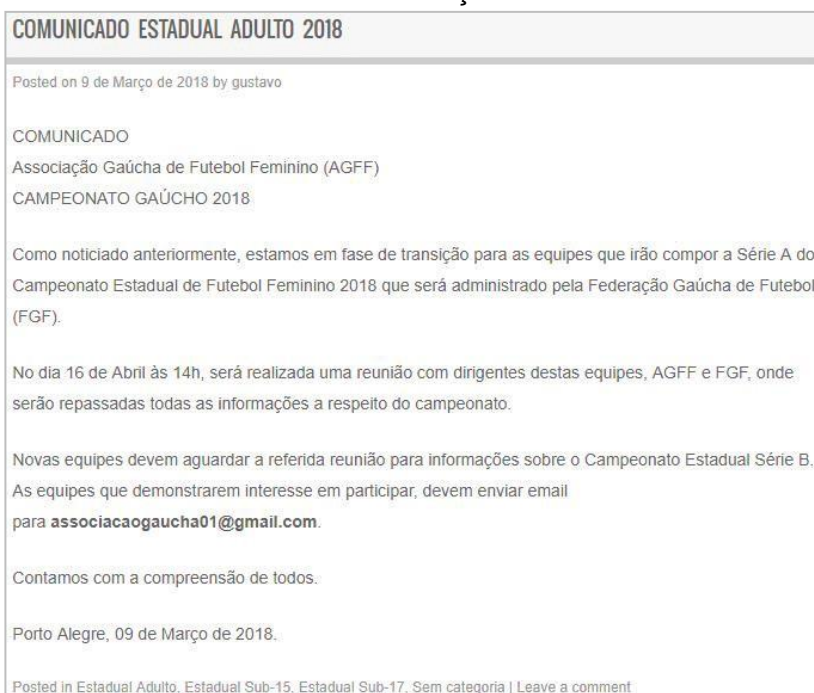
⁴⁷ Disponível em: <http://www.internacional.com.br/capa>.

⁴⁸ Disponível em: <https://gremio.net/>.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.scriogrande.com/futebol-feminino>.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.juventude.com.br/>.

⁵¹ Disponível em: <http://www.ecpelotas.com.br/Secao/22/Futebol-feminino>.

Figura 4 – Comunicado Oficial Associação Gaúcha de Futebol Feminino

Fonte: Site da Associação Gaúcha de Futebol Feminino, 9 de março de 2018.

A transição da AGFF para a FGF trouxe um marco importante para o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, pois seu ranqueamento se deu não só pela necessidade de uma organização verticalizada imposta por órgãos de organização nacional e internacional, como CBF e CONMEBOL, mas também pelo crescimento na procura pela modalidade no Rio Grande do Sul. Para ilustrar, trago como exemplo duas peneiras realizadas pelos clubes de referência na capital gaúcha. De acordo com o Jornal Zero Hora⁵², datado de 5 de março de 2017, o Sport Club Internacional, por exemplo, teve em sua seletiva mais de 700 meninas e mulheres em busca de uma oportunidade, e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense⁵³, por sua vez, contou com a participação de mais de 300 atletas desde as categorias de base sub-18 até a categoria principal.

A gestão do futebol de mulheres pela FGF fomentou a criação e retomada de equipes de mulheres também pelo interior, como em São Luiz de Ijuí, Brasil de Farroupilha de Erechim, João Emilio de Candiota, Clube Esportivo e Recreativo Atlântico de Erechim, entre outras equipes da região metropolitana.

⁵² Ver mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2017/03/peneira-para-o-futebol-feminino-do-inter-leva-700-gurias-ao-ct-de-alvorada-9741133.html>.

⁵³ Ver mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/04/como-as-jogadoras-de-futebol-feminino-lidam-com-a-escassez-de-dinheiro-e-estrutura-no-brasil-9771638.html>.

A diversidade de equipes encontradas hoje no Rio Grande do Sul se deve, além da organização de entidades como a FGF, aos esforços dessas mulheres que fizeram e fazem a história da modalidade, a exemplo de Duda, hoje, gestora do Sport Club Internacional, Marli Lourezon gestora do Esporte Clube São Luiz, Rosângela Solano Rodrigues do Sport Club Rio Grande e Maria Ivete Gallas que comandou a equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense antes de seu encerramento em 2003.

A história oral possibilita pôr em diálogo as fontes encontradas, ainda que escassas, com a trajetória de Maria Ivete Gallas, pois, além de construir sua trajetória junto às primeiras manifestações da modalidade na década de 1980, foi uma das pioneiras no incentivo e criação das categorias de base no futebol de mulheres, assim como uma das primeiras mulheres a gerir um clube de futebol e a seleção nacional nos anos 1990.

Essa discussão será colocada em diálogo com a trajetória esportiva de Maria Ivete Gallas, a qual se inicia como atleta de futebol no interior do Rio Grande do Sul. Este estudo aborda os primeiros contatos de Ivete com o futebol e sua trajetória como atleta, cujos passos iniciais contribuíram para a formação de uma futura treinadora e gestora da modalidade.

No texto, utilizo o termo “futebóis”, sobre o qual Damo (2018, p. 43) afirma: “a noção de ‘futebóis’ ajudou a perceber o amplo espectro de práticas futebolísticas pesquisáveis”, visto que passou a englobar outras práticas futebolísticas que não apenas o futebol institucionalizado. E assim como a prática esportiva da maioria das mulheres dos anos 1980, Ivete além do futebol também pratica a modalidade futsal.

A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE MARIA IVETE GALLAS: primeiros passos

Maria Ivete Gallas, nascida em 4 de novembro de 1968, em São José do Sul, interior da cidade de Montenegro no Rio Grande do Sul, é a quinta filha de uma família de seis irmãs e um irmão, filhas e filho de Fridolino Romeu Gallas e Ilse Terezinha Gallas. Vivendo um pouco afastados da cidade, sua convivência, na maior parte do tempo, era com os familiares. Ao relembrar seus primeiros contatos com o futebol Ivete afirma:

Eu devo ter nascido com esse dom porque com quatro, cinco anos eu já jogava futebol. E não é normal em uma família do interior, com sete filhas mulheres e eu tenho um irmão. Eu sempre gostei de futebol e não sei te dizer

o porquê desse gosto por futebol, eu só sei que eu jogava, então nós não tínhamos bola. Nós tínhamos umas laranjas que nós usávamos como bola ou fazia de meia... A gente inventava qualquer bola (GALLAS, 2015, p. 1).

Ao retratar esse pequeno fragmento, podemos perceber que sua infância foi vivida com seus irmãos em uma família humilde do interior do estado gaúcho. Tal cenário dialoga com várias outras histórias de mulheres futebolistas, cuja inserção no futebol ocorreu no início da década de 1980, entre as mulheres de origem mais humilde. Em texto publicado na Revista Placar (1996, p. 50), no começo da década de 1980 focalizando as pioneiras do futebol, podemos identificar que a maioria era originária de classes economicamente desfavorecidas. Algumas delas, como a Pretinha⁵⁴ por exemplo, viveram a infância em favelas. A ex-goleira da seleção brasileira, Marlisa Whalbrink, conhecida como Maravilha, em sua entrevista relembra as dificuldades financeiras vividas na sua infância:

Desde a minha infância vivi numa família bem pobre. Meus pais eram pobres, não tinham recursos [...] Como meus pais não tinham condições de dar brinquedos para todos os filhos nos períodos da Páscoa, Natal, eles sempre davam uma bola e todo mundo adorava jogar futebol (WHALBRINK, 2016 p. 1).

Da mesma forma, a ex-jogadora Andreia dos Santos, mais conhecida como Maycon, ao rememorar sua história no futebol descreve situação similar:

É onde tudo começa, onde saem os maiores e melhores jogadores de futebol. Hoje em dia vai ver, as jogadoras já estouraram os dedos jogando no asfalto, nos campos de terra, nas peladas, nas favelas, e eu não sou diferente, comecei assim também (SANTOS, 2014, p. 1).

Quanto à inserção das atletas na modalidade, nas fontes de pesquisa consultadas, identifiquei que, muitas vezes, as mulheres iniciam no futebol através de brincadeiras vividas em ruas próximas às suas residências com amigos e vizinhos ou, ainda, com familiares. Como relembra a ex-capitã da seleção brasileira Aline Pellegrino:

Nessa idade mesmo com seis, sete anos mesmo. [...]. O que eu me recordo é do meu irmão estar brincando com os amigos da rua, ficar no quintal, e minha mãe dizia: “Não vai pra rua, entra todo mundo aqui, vamos brincar aqui, vamos jogar aqui.” E eu dava um jeito de participar de entrar, era uma série de sobrados onde eu morava [...] e era ali onde os meninos jogavam [...]

⁵⁴ Delma Gonçalves, jogadora da seleção brasileira de grande destaque nas décadas de 1980 e 1990.

parecia que eu tinha um ímã para futebol, era uma coisa que me atraía muito (PELLEGRINO, 2013, p. 2).

Os estudos de Pisani (2012), Silveira e Stigger (2013) e Ramos (2016) indicam a pouca presença de meninas nos espaços da rua, da quadra de futebol na escola e das quadras públicas esportivas. Suas pesquisadas apontam que, em grande medida, as futebolistas iniciaram no futebol junto aos meninos e, muitas vezes, eram a única menina a participar do jogo de futebol. Das oitenta entrevistas realizadas no Programa Futebol e Mulheres, promovido pelo Centro de Memória do Esporte, sessenta e duas alegam ter iniciado dessa forma, como podemos evidenciar na fala de Karina Balestra da Luz, jogadora do Grêmio:

Bom, comecei jogando futebol na rua com os meninos porque na época não existiam escolinhas só de meninas, então o jeito era jogar com os meninos mesmo. Em 1997, surge a oportunidade de jogar na escolinha do Sport Clube Internacional, que ficava na cidade vizinha de Porto Alegre (LUZ, 2014, p. 1).

Outra atleta que iniciou sua trajetória no futebol jogando na rua foi Márcia Tafarel, jogadora gaúcha que participou da primeira edição da Copa do Mundo (China, 1991) e da edição inaugural do futebol de mulheres nos Jogos Olímpicos (Atlanta, 1996). Quando questionada sobre seu primeiro contato com o futebol responde: “no meio da molecada, na rua, com primos, com amigos, com vizinhos” (TAFAREL, 2015, p. 1).

Tal início se assemelha às experiências de Ivete, cuja paixão pelo esporte a faz difundir-lo nos seus espaços de convivência social. Nas suas palavras:

Quando eu comecei a ir para escola com seis anos de idade, eu acho... Esse fascínio por futebol era tão grande que eu fazia todo mundo jogar futebol! Minhas primas, todas as minhas colegas de aula jogavam, as professoras.... Na minha época de escola todo mundo jogava futebol. A gente não fazia outra atividade física, no fim de semana eu me reunia com as minhas primas para jogar futebol com os guris nos poteiros por aí afora. Então sempre foi a questão do futebol. Essa paixão foi crescendo e eu não tinha tanto contato com clubes, não tinha uma tecnologia naquela época. Não tinha nada. A minha irmã, que é mais velha, uma das mais velhas, ela começou a jogar futebol, ela saiu de casa, foi jogar futebol fora de casa. Ela jogava futebol em Montenegro que é a cidade mais próxima que tem lá. (GALLAS, 2015, p. 1).

Aos doze anos de idade, incentivada pela irmã Maria Iris Gallas, Ivete passa a integrar a equipe de futebol vinculada a uma fábrica de taninos⁵⁵ na cidade de

⁵⁵ O tanino é uma substância química encontrada em sementes, cascas e caules de frutos verdes.

Montenegro denominada de Tanac⁵⁶. Em entrevista, sua irmã descreve: “a Ivete era boa no futebol, nós jogávamos no pátio de casa, com os irmãos, primas, e a gente jogava, quando eu comecei no Tanac já queria levar ela” (2018, p. 2).

Por volta de 1983, Maria Iris já fazia parte da equipe quando levou Ivete pela primeira vez aos treinamentos. Esse era um período de dificuldades para as gaúchas, pois ainda eram poucas as equipes existentes. Relembra Márcia Gallas, que jogava com Ivete naquele período:

Eu e a Ivete éramos as mais novas na equipe, nós pegávamos o ônibus até Montenegro e depois a gente tinha que caminhar, acho que dava uns vinte quilômetros para ir treinar, daí ia pedindo carona, andava um pouco, até chegar, depois fazia a mesma coisa para voltar (2018, p. 1).

Cabe lembrar que a modalidade havia há pouco sido regulamentada e era oficialmente proibida até 1979. Na entrevista concedida por Isabel Cristina Araújo Nunes, a Bel, há indícios de algumas equipes desse período:

Inter de Santa Maria, Esportivo de Bento, Cerâmica de Gravataí, Inter e Grêmio... Não tinha muitas equipes, e tinha Pelotas? Não lembro se Pelotas tinha na minha época, tinham seis equipes, mas era bem legal porque nós fazíamos as preliminares dos Campeonatos, um monte de coisa que não tem, que não acontece, era muito legal (NUNES, 2016, p. 3).

Aos 12 anos de idade, Ivete relata que participava de jogos e torneios com a equipe do Tanac, treinava aos sábados e jogava aos domingos; durante a semana frequentava a escola e, às vezes, não ia à aula aos sábados para treinar. A Tanac era uma equipe exclusiva de futebol. Entretanto, para que pudessem participar de torneios e competições esportivas pela região, as atletas se reuniam para formar uma equipe de futsal, visto que nesse período não havia competições de futebol para mulheres.

Nas entrevistas realizadas, apontam que nesse período surgiam outras equipes de futebol e de futsal de mulheres nas cidades de Bom Princípio, Montenegro, Feliz e São Sebastião do Caí, destacando que, nesse contexto, teve seu primeiro contato com o futsal:

⁵⁶ A empresa, fundada em 1948, iniciou a produção de extratos vegetais de acácia negra em Montenegro, Rio Grande do Sul. Sua produção é direcionada à indústria coureira, ao tratamento de águas de abastecimento e de efluentes industriais, além de condicionadores de lama para perfuração de poços de petróleo, adesivos para madeira, entre outras aplicações.

[...] nessa época eu comecei a conhecer mais o futsal e comecei a jogar porque era mais fácil. Eram seis, sete atletas, era mais fácil da gente se reunir, era mais barato para se locomover e eu comecei a entrar na onda do futsal. Então a gente criou dentro de Montenegro mesmo uma equipe que a gente começou a disputar torneios de Futsal (GALLAS, 2015, p. 3).

A dificuldade de encontrar atletas e competições no futebol fez com que muitas jogadoras migrassem para o futsal para se manterem em atuação. Na pesquisa desenvolvida sobre a trajetória de Eduarda Maranghello Luizelli, Ramos (2016, p. 63) identificou esse cenário e afirma que “o futsal parecia estar sendo difundindo naquela época, o que ocasionou a existência de muitas equipes de mulheres”.

O papel do futsal na formação e manutenção das atletas de futebol nesse período foi de extrema importância para as jogadoras de futebol. As competições limitavam a prática do futebol, uma vez que aconteciam esporadicamente. Já as competições de futsal eram recorrentes em nível amador e espalhavam-se pelo interior do estado, conforme relato das entrevistadas. Pereira e Antunes (2017) destacam a importância do futsal na formação de atletas de futebol, não só pelo ponto de vista tático e técnico, mas pela concretização de uma possível profissionalização das mulheres no ambiente esportivo.

Corroborando o pensamento de Pereira e Antunes (2017), aos 15 anos, Ivete já havia participado de várias competições de futebol e futsal. Em 1984, ao participar de uma partida amistosa entre a equipe do Tanac e do Sport Club Internacional de Porto Alegre, foi convidada para integrar o elenco da equipe do Internacional, junto à Maria Iris, sua irmã, e Márcia Gallas, sua prima. Era um clube tradicional da capital, e Ivete relembra que foi a primeira vez que vislumbrou tornar-se profissional do futebol.

Figura 5 – Sport Club Internacional em 1984



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Ao ingressar no Internacional como atacante e meia-atacante pela ponta esquerda, Ivete inicia o contato com treinos físicos e táticos um pouco mais rígidos durante a semana, e nos fins de semana a disputa de jogos amistosos. Ivete relembra um dos poucos jogos que participou no ano de 1984. Na Figura 5, imagem acima, podemos perceber a presença de homens uniformizados com a tradicional camisa vermelha do Internacional e a equipe de mulheres utilizando o uniforme branco. A viagem, que muitas vezes acontecia com as duas equipes juntas no mesmo meio de transporte – geralmente a equipe de veteranos ou de categorias juvenis – tinha o intuito de baratear os custos de deslocamento.

Nesse mesmo ano, o Internacional inaugurou o Departamento de Futebol Feminino. O clube mantinha equipes de futebol e de futsal, tendo participado inclusive do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Segundo Ramos (2016, p. 66), em relação à prática do futebol e futsal,

Não há como desvincular um do outro. O futsal por algum tempo foi o meio das atletas permanecerem em atividade no estado [...]. Praticamente as mesmas protagonistas que fizeram a história do futebol de campo no Rio Grande do Sul, são as mesmas que marcaram presença nos primeiros torneios de futsal disputados no estado.

Entretanto, as atletas do futebol não participavam com frequência de competições e optavam pelo futsal. o que não era bem recebido pelo clube, conforme relata Sílvia “Chuvisco” (FATTORI, 2019, p. 4):

[...] eles não gostavam que a gente jogasse futsal, não podia. Não havia competições no campo, então na época de verão a gente treinava campo, fazia muitos amistosos e quando era mais frio, inverno, era futsal. Eles não queriam que a gente jogasse, porque podia machucar, era atleta do clube mas a gente jogava igual.

Diante da incerteza da continuidade das competições, o futsal se traduzia em uma alternativa para continuarem competindo no estado. Em entrevista concedida ao Projeto Garimpendo Memórias, Bel assim se refere ao período do início dos anos 1990:

Durante esses anos tiveram muitas interrupções, teve muitas paradas. “Agora o futebol feminino vai alavancar” e não, parava. Parecia que ele ia deslanchar e ele parava, entendeu? Às vezes ficava até sem ter um campo, sem ter o Inter, sem ter o Grêmio aí ia todo mundo para o futsal (NUNES, 2016, p. 5).

Em 1993, Ivete relata que não havia mais equipes de futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, e com o intuito de competir ela se dedica ao futsal com a equipe Funil/Kombisul, da cidade de Alvorada. Conforme Ramos (2016), as atividades do futebol de campo estavam estagnadas no estado desde 1987. As atletas que compunham os departamentos dos clubes migraram para o futsal para que pudessem se manter em atividade e foi somente no ano de 1993 que a Federação Gaúcha de Futebol realizou uma peneira⁵⁷ com vistas a participar da I Taça João Havelange, competição nacional que correspondia ao Campeonato Brasileiro.

Ivete relembra que foi realizada uma seletiva para reunir a seleção gaúcha, a qual se constituiu na primeira formação de uma seleção para representar o estado: “Eles convocaram as atletas para fazer uma peneira lá no campo suplementar do Beira-Rio. ‘Bah!’. Eu cheguei lá e era tanta mulher no campo e o pessoal que a gente conhecia só ria. Era muita gente! Todo mundo queria ser da Seleção Gaúcha” (GALLAS, 2015, p. 5).

A I Taça João Havelange contou com vinte e três seleções estaduais e foi sediada em oito cidades: Porto Velho (RO), São Luiz (MA), Recife (PE), Vitória (ES), Gurupi (TO), Capão da Canoa (RS), Petrópolis (RJ) e Campos do Jordão (SP) (RAMOS, 2016).

De acordo com um informativo da Federação Gaúcha de Futebol, datado de 1993, a intenção do campeonato de seleções era observar atletas de vários estados brasileiros que pudessem compor a seleção brasileira em preparação para o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino de 1995, que aconteceu no Brasil, e para a Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na Suécia naquele mesmo ano.

Ivete relata o grande número de atletas que participaram da peneira e também a qualidade das atletas daquele período. Escolhida para usar a braçadeira de capitã da equipe, começa a desenvolver seu perfil de liderança no meio esportivo.

E para mim a surpresa foi que na estreia do brasileiro ele⁵⁸ me escolheu como capitã da equipe. O nosso time era cheio de estrelas: a Duda, a Bel. E ele me colocou como capitã da equipe. Eu sempre tive essa questão de o pessoal dizer assim: “Ah, por quê...?” Na Seleção Gaúcha fomos para o brasileiro e eu era a cobradora oficial de pênalti, então durante o campeonato acho que fiz três gols de pênalti... “Bah”, zagueira que faz gol! Mas era de pênalti que

⁵⁷ Seleção de atletas realizada por meio de um jogo de futebol para selecionar as jogadoras na montagem de novas equipes.

⁵⁸ Ciro Rios, ex-jogador de futebol que atuou como treinador da seleção gaúcha de futebol feminino.

eu fazia gol [risos]. Eu sabia das minhas limitações e sempre consegui me destacar. A gente ficou em terceiro naquele brasileiro e logo em seguida eu voltei, voltei.

O jogo inaugural da seleção gaúcha ocorreu na cidade de Capão da Canoa no dia 15 de janeiro de 1994 durante a disputa da I Taça João Havelange, contra a seleção de Santa Catarina, no Estádio Mariscão, vencendo a partida pelo resultado de 4 x 0.

Figura 6 – Seleção Gaúcha de Futebol Feminino de 1994



Fonte: Acervo pessoal Maria Ivete Gallas.

A Figura 6 mostra as 18 jogadoras e a comissão técnica, comandada por Ciro Rios, da Seleção Gaúcha antes da partida de estreia. A confecção de uniforme próprio para as mulheres e o patrocínio específico para o evento, como o equipamento esportivo da Umbro, demonstra a organização despendida para aquela competição. Ivete é a terceira atleta da esquerda para a direita em pé.

O destaque da partida inicial foi a atacante Raquel, a jogadora mais nova da competição com apenas quinze anos. Na segunda partida disputada pela Seleção do Rio Grande do Sul contra a Seleção do Paraná, as gaúchas voltaram a vencer pelo placar de 7 x 1. Esse resultado credenciou a Seleção Gaúcha para a semifinal da competição.

A competição realizada no formato de dois grupos ainda contava com as Seleções do Tocantins, do Amazonas e da Bahia. A segunda fase foi disputada na cidade de Campos do Jordão, em São Paulo, com início no dia 30 de janeiro de 1994.

As atletas gaúchas não dispunham de grandes recursos financeiros para arcar com despesas aéreas, então elas viajaram de ônibus durante 24 horas até o Estádio

de Campos do Jordão, onde estrearam com um placar de 9 x 0 sobre a seleção de Tocantins. As jogadoras Bel, Bete e Raquel marcaram duas vezes e Duda, Márcia e Ivete marcaram um gol cada.

Ao disputar a semifinal da I Taça João Havelange contra a seleção baiana, aconteceu a primeira derrota por 4 x 1, o que encerrou a participação das gaúchas na competição e conferiu-lhes o terceiro lugar pela excelente campanha na competição.

Como capitã nessa competição de nível nacional, Ivete começou a desenvolver seu perfil de liderança, que mais tarde a levaria a atuar como gestora no futebol de mulheres.

Nesse torneio havia um interesse da imprensa em noticiar os jogos da seleção gaúcha. De acordo com uma nota publicada no Informativo da Federação Gaúcha de Futebol, datada de 1994, nos confrontos que seriam realizados durante o evento, os patrocinadores da competição, Umbro e Multisom, ganharam destaque.

A edição número 39 da revista "O Gol" dedicou uma página inteira para destacar a competição e as atletas da seleção gaúcha, detalhando ainda a peneira realizada para a formação da seleção, que teve a participação de 94 jogadoras. A matéria também publica o nome das 33 integrantes escolhidas pelo treinador Ciro Rios, bem como de sua comissão técnica formada por Aurélio de Almeida como chefe de delegação, Robert Mella como auxiliar do departamento de futebol e Guido Maders Júnior como preparador físico. Além disso, destaca a ausência de clubes:

A melhor fase do futebol feminino foi na década de 80, quando foram formados times poderosos como Radar, do Rio de Janeiro, Inter e Grêmio de Porto Alegre. [...] com o passar dos anos os grandes clubes desmontaram suas equipes femininas e várias jogadoras foram obrigadas a abandonar o esporte (O GOL, s/d, p. 19).

Figura 7 – Reportagem da Revista O Gol sobre a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino de 1994



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Em função da ausência de equipes de futebol de campo nesse período, Ivete disputava também o Campeonato Estadual de Futsal, atuando na equipe Funil/Kombisul de Alvorada, que tinha como grande rival a equipe Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas. Esta equipe havia sido criada em 1991 por jogadoras do S.C. Internacional e foi bastante reconhecida pelos títulos que conquistou naquele período. Ramos (2018) destaca em seu estudo a conquista do bicampeonato Metropolitano e o vice-campeonato Estadual de Futsal. O Bruxas era composto por colegas de Ivete que atuavam no Internacional e na Seleção Gaúcha como, por exemplo, Duda, Maria Giovana e Bel. O S.E.R. Bruxas encerrou suas atividades no ano de 1995 com a saída de Duda para jogar no A.C. Milan, um clube italiano de futebol.

A ex-jogadora Bel descreve como foi esse período: “Nós reunimos as melhores atletas, por afinidade também e fizemos a equipe, era uma equipe muito forte também” (NUNES, 2016, p. 6). A ex-atleta Giovana conta como era a estrutura da equipe S.E.R. Bruxas:

[...] fui jogar numa equipe nova que estava sendo formada com patrocinador e tal, chamava-se Bruxas, tínhamos uma sede ali no bairro Partenon⁵⁹, fazíamos festas neste local pra arrecadar dinheiro para as despesas de viagens, pois passamos a disputar o campeonato Gaúcho de Futsal, jogavam nesta equipe a Bel, Eduarda, Aline⁶⁰, Sílvia Guaíba, Marina⁶¹, a goleira Líria⁶² que tem o apelido de Neguinha, etc... Treinávamos duas vezes por semana no ginásio Geraldo Santana. Tínhamos o patrocínio da empresa Pneurama, depois Zocolotto, e por fim fizemos parceria com o Partenon Tênis Clube e a equipe passou a chamar-se Bruxas/Partenon/Zocoloto (EISERMANN, 2016, p. 7).

Os patrocínios arrecadados pelas atletas do S.E.R. Bruxas vão de encontro a uma difusão da modalidade do futsal no país, pois, a partir daí, houve uma polarização na disputa pela organização das competições oficiais de futsal.

De acordo com Kessler (2010, p. 82), “em 2 de maio de 1990, foi quando o Brasil oficialmente se desligou da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA)”, cedeu os direitos de organizar as competições de futsal à Federação Internacional de Futebol (FIFA), assim como aderiu às novas regras propostas pela entidade.

Nesse momento, a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) passa a adotar o termo futsal reconhecido pela FIFA, em detrimento de futebol de salão, como proposta voltada para a possibilidade de internacionalizar o jogo e, assim, difundi-lo mundialmente (RAMOS, 2016).

Em entrevista para este estudo, Romeu Castro (2019) menciona uma disputa pelo domínio das competições entre a FIFUSA e a FIFA, causando divergências no Campeonato Brasileiro de Futsal e no Campeonato Gaúcho de Futsal que disputava naquele período.

A CBFS estava organizando o Campeonato Brasileiro de Futsal na Bahia e a FIFUSA organizava também um Campeonato Brasileiro em Itapeva (SP). Este torneio em São Paulo contava com a organização de Romeu Castro, presidente do Esporte Clube SAAD.

A disputa pela organização dos campeonatos e pelo domínio da prática do futsal entre a FIFUSA e a FIFA afetaram também as competições: a equipe S.E.R. Bruxas estava prestes a participar da competição organizada pela FIFUSA quando uma deliberação adotada pela Federação Gaúcha de Futebol proibiu que jogadoras

⁵⁹ Bairro situado na cidade de Porto Alegre.

⁶⁰ Nome sujeito à confirmação.

⁶¹ Osmarina Maria Tissi.

⁶² Líria Lúcia Lopes da Silva.

participantes dessa competição estivessem inscritas nas competições oficiais organizadas pela FGF, visto que a instituição já estava ligada aos interesses da FIFA e às novas diretrizes impostas para a prática do futsal (KESSLER, 2010).

Diante das divergências sobre a participação em campeonatos organizados por uma ou outra instituição e pela possibilidade de suspensão no Campeonato Gaúcho de Futsal, “saiu uma nota dizendo que quem fosse disputar o campeonato da FIFUSA ficaria por dois anos sem poder disputar nenhum campeonato pela Federação” (GALLAS, 2015, p. 9).

Diante desse cenário, Ivete começa a procurar informações e alternativas que pudessem evitar a suspensão das atletas que disputassem o Campeonato Brasileiro em Itapeva, organizado pela FIFUSA. Ao consultar a Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993, mais conhecida como Lei Zico, que regulamentava as novas formas comerciais no esporte e a modernização do futebol, encontrou amparo legal da não-profissionalização do futsal feminino, pois no período não possuíam qualquer vínculo com patrocínios ou contrato de trabalho. O empenho de Ivete possibilitou que as atletas participassem da competição sem represálias.

Esse engajamento de Ivete demonstra seu interesse por questões ligadas à gestão esportiva e à organização administrativa da sua equipe. Outro ponto de destaque em sua narrativa é que, na época, não recebia salário para jogar futebol ou futsal. Essa situação era comum entre as atletas e, assim como ela, muitas jogadoras tiravam dinheiro do próprio bolso para custear as competições. Nas suas palavras: “A gente não recebia salário! E até essa época eu não sabia o que era receber dinheiro, era só investir, só pagava. No Inter eles pagavam as passagens e era só” (GALLAS, 2015, p. 17).

A ex-jogadora Márcia Gallas (2019, p. 5) destaca que em seu início nas competições de futsal, “eu e Ivete como éramos as mais novas, a gente não tinha dinheiro, pra nada. Quem pagava eram as gurias mais velhas, elas se juntavam, faziam vaquinha pra gente poder competir”.

Esse cenário não era particular do futebol gaúcho. A ex-jogadora Michael Jackson⁶³ relata o início de sua carreira no futebol do Rio de Janeiro: “eu sempre recebia para jogar, mas era um valor, como 300 reais hoje, não dava pra nada, era

⁶³ Mariléia dos Santos, ex-jogadora de futebol, uma das brasileiras pioneiras no futebol internacional.

uma ajuda de custo” (SANTOS, 2015, p. 5). A ex-jogadora Sissi⁶⁴ descreve uma situação semelhante ao lembrar o seu início no futebol em São Paulo: “Foi acontecendo sabe, a gente já querendo ou não já ganhava alguma coisa, mas não era um salário pra você falar: ‘Ah... dá pra sobreviver’” (LIMA, 2015, p. 7).

Retomando o Campeonato Brasileiro de Futsal disputado em Itapeva, Ivete narra a importância de ter participado dessa competição, pois foi nesse momento que conheceu Romeu Castro, na época, presidente do SAAD e organizador do campeonato da FIFUSA: “Lá eu conheci o Romeu e ele já tinha feito levantamento no histórico do brasileiro de campo e eu não estava sabendo disso, dessa história e lá ele me conheceu” (GALLAS, 2015, p. 17).

Ao observar Ivete durante a competição, Romeu Castro a convida para integrar a equipe do SAAD em São Paulo. Em sua entrevista, destaca: “a postura dela, a liderança, seriedade, visão de jogo, era tudo que o SAAD precisava. Atendia às necessidades da equipe e decidimos trazê-la como zagueira para o SAAD” (CASTRO, 2019, p. 2).

No início dos anos 1990, a equipe do SAAD despontava como um exemplo de formação de atletas e também de gestão no futebol feminino. Conforme Salvini e Marchi Júnior (2013), o clube oferecia estrutura e salário para as atletas, algo ainda pouco visto no futebol de mulheres naquele período.

O E.C. SAAD teve um grande protagonismo no futebol de mulheres nos anos 1990; seus títulos incluíam a Taça Brasil de 1989, 1991, 1996 e 2003, além de ser vice-campeão do Mundialito de Clubes de 1986. No site do clube, há um destaque para o salário das atletas nos anos 1990: “em 1993, o clube torna-se o primeiro do País a oferecer um piso salarial mínimo de U\$100,00 para suas atletas e a profissionalizar a estrutura da equipe⁶⁵”.

A ex-jogadora Marlisa Whalbrink, a goleira Maravilha, atuava nos anos 1990 pelo SAAD e também pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Em sua entrevista, relembra a estrutura que o time tinha nesse período:

O Saad em São Paulo tinha uma estrutura muito boa, em termos de nível nacional de futebol feminino. Era a única equipe que ficava com os treinos regulares, mesmo não tendo competição a gente continuava treinando. A gente morava numa chácara, tinha piscina, sauna, um pomar grande, dois

⁶⁴ Sisleide do Amor Lima, ex-jogadora de futebol, foi grande destaque da seleção brasileira e do futebol nacional.

⁶⁵ Site Esporte Clube SAAD. Disponível em: <http://www.saadec.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

lagos, um campinho de futebol, menor do que de futsal, mas tinha. Era um espaço que a gente tinha para treinar (WHALBRINK, 2015, p. 8).

O clube, originalmente situado em São Caetano do Sul, com o passar dos anos não comportava a estrutura para receber as atletas. Foi então que, em 1993, a sede do clube passa a ser a chácara do SAAD em Indaiatuba, Campinas, no interior de São Paulo e torna-se a referência do clube. Logo, também receberia as equipes do São Paulo Futebol Clube e seria sede da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Sobre a estrutura, Romeu enfatiza: “nenhuma equipe tinha o que o SAAD oferecia, uma estrutura como aquela teve a possibilidade de abrigar a seleção brasileira que estava em preparação para os Jogos Olímpicos” (2019, p. 5).

Ivete atuava em duas frentes junto ao SAAD. Além de seus treinamentos rotineiros como atleta da categoria principal do clube, conciliava os treinamentos com a estruturação e organização das categorias de base do clube. Ao sofrer com lesões recorrentes no joelho direito, Ivete passava longos períodos em recuperação. Para manter-se ativa e atuante no clube e pela proximidade com Romeu Castro, inicia um trabalho de treinamento com as atletas mais jovens, estruturando uma equipe juvenil no SAAD. Ao responsabilizar-se pela categoria de base, tanto nos treinamentos como na organização das atletas e competições, Ivete passa a ser gestora das equipes, tanto principal quanto de base, e passa a ser treinadora das categorias de base do clube.

Os trabalhos com a formação das categorias de base no clube eram inéditos e realizado pelos diretores Fernando Pereira da Silva e Rosângela Maria Clave. Entretanto, não havia outras equipes juvenis para que pudessem disputar partidas ou competições de futebol. Nesse período, Ivete estrutura equipes de futsal no clube, como rememora Emily Lima⁶⁶ em sua entrevista ao site Ludopédio no início de sua carreira:

O que o Saad dava era uma estrutura boa para se trabalhar. Tinha um alojamento e uma alimentação muito boas. Tinha uma pessoa que era responsável pelos nossos estudos. Então, a gente tinha escola. Eles davam toda a estrutura e davam uma ajuda de custo para que a gente pudesse

⁶⁶ Emily Alves da Cunha Lima, ex-jogadora de futebol e primeira mulher a assumir o cargo de treinadora da seleção brasileira de mulheres entre dezembro de 2016 e setembro de 2017. Desde o início de 2020 é treinadora da Seleção Equatoriana de Futebol Feminino.

comprar nossas coisas. Então, isso era o diferente daquela época. Eu não me lembro de algum outro clube que pudesse se destacar dando essa estrutura que o Saad dava.

O perfil de liderança de Ivete fez com que começasse a se envolver mais intensamente com as atividades de gestão no SAAD. Inicialmente, a partir de conversas informais com o presidente do clube, Romeu Castro, opinava sobre ações que poderiam ser feitas para a melhoria no funcionamento das atividades e a manutenção das atletas que estavam alojadas no Centro de Treinamento do clube.

Era comum nesse período que as atletas jovens treinassem nas equipes adultas, pois quase não havia preocupação com a formação de atletas no futebol, ainda mais ao se tratar do futebol de mulheres. A alternativa encontrada para as atletas mais jovens era a inserção nas categorias principais com as atletas já em alto nível e um pouco mais experientes. A ex-jogadora da seleção brasileira Daniela Alves, hoje treinadora das categorias de base do Corinthians, em entrevista relembra: “Não existia sub nada. Era só uma equipe feminina, a profissional. Eu comecei com 13 anos jogando com o profissional da Portuguesa”. Conforme identificado na entrevista de Aline Pellegrino, ex-capitã da seleção brasileira, ao descrever o início de sua trajetória na modalidade, destaca sua inserção no São Paulo Futebol Clube na década de 1990:

Por exemplo, tinha a turma mais nova, claro, eu logo já fechei com as meninas mais novas, com a turminha mais ali, e a gente treinava de manhã, tomava um banho e ia para o treino da tarde, e as meninas mais velhas aceleravam a gente no banho, e nós lá tomando banho, fazendo uma bagunça e elas aceleravam a gente no banho, porque elas queriam dormir, descansar para o treino da tarde [...] eu tinha uma dificuldade muito grande em acompanhar treinamento físico, então, é complicado você sempre ficar para trás, você ser sempre a última (PELLEGRINO, 2014, p. 6).

Ao falar sobre as dificuldades enfrentadas naquele período, no que respeita à estruturação do futebol de mulheres e à formação de equipes, Ivete indica que as atletas mais jovens possuíam um déficit no treinamento e rendimento. Ao se depararem com atletas mais experientes, enfrentavam não só problemas de cunho emocional em competições, mas também evidenciavam uma defasagem técnica bastante significativa, já que as muitas etapas de aprendizagem no futebol haviam sido relegadas à prática. A formação dos fundamentos básicos para tornar-se atleta do futebol era esquecida em detrimento da prática. Como assinala Ivete, a formação das atletas jovens nas categorias de base do futebol de mulheres “no feminino não tem. Ele pula do zero para o alto nível num pulo só. E aí começam os problemas de

fundamentos, são coisas que são treinadas nas categorias de base, então esses fundamentos o feminino não tem” (PELLEGRINO, 2017, p. 3).

Sua fala dialoga com os argumentos expostos por Souza Júnior (2013, p. 84) quando nos indica que “faz todo sentido relacionar essa suposta defasagem em termos técnico-táticos do futebol feminino tomando-se por base a ausência de um melhor planejamento do processo de aprendizagem e formação ligado às chamadas categorias de base” (2013, p. 84).

Indagada sobre a sua transição para o SAAD, a ex-capitã da seleção brasileira, Juliana Cabral, demonstra a importância do protagonismo desse clube no investimento em categorias de base:

Isso foi em 95 ou 96, eu já tive contato com as meninas das Olimpíadas de Atlanta: Sissi, Formiga, Elaine, que eu admiro demais da conta, a Maranhão que foi durante muitos anos dupla de zaga comigo na seleção, a Roseli. Eu tenho até hoje guardado um meião da Roseli. Naquela época eles faziam muito seleção paulista contra seleção brasileira, faziam um catado das meninas, a maioria meninas do SAAD e nunca me esqueço de ficar uma hora no vestiário esperando o meião que a Roseli fosse me dar. Então, na verdade, demorou por causa disso, porque muito cedo eu comecei a conviver com essas meninas. Mas sem dúvida nenhuma foi no SAAD. O SAAD me deu a base de tudo (CABRAL, 2011, s/p).

Durante as décadas de 1980 e 1990, o SAAD permaneceu invicto em várias disputas que realizou, dentre elas, na categoria principal: os títulos de Hexacampeão da Taça São Paulo (1990 a 1995), Tricampeão do Troféu Olímpico Internacional (1993 a 1996), Campeão Brasileiro de 1996; e nas categorias de base: Campeão da I Taça São Paulo Juvenil, Campeão Brasileiro em 1997; e ainda no futsal, os títulos de Campeão do Troféu Brasil, Campeão da Copa São Paulo, Juvenil e Infantil.

Diante do sucesso do SAAD nas categorias principal e de base, 32 de suas atletas foram convocadas para a Seleção Brasileira. Conforme a lista de convocadas pelo site oficial do E.C. SAAD, as jogadoras Maravilha⁶⁷, Sissi⁶⁸, Kátia Cilene⁶⁹,

⁶⁷ Ex-jogadora, atuava como goleira e foi medalhista da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de 2004.

⁶⁸ Ex-atacante, considerada craque nacional, foi chuteira de ouro na campanha da Copa do Mundo de 1999 quando a seleção brasileira foi a terceira colocada.

⁶⁹ Ex-atacante de futebol, participou de quatro edições de Copa do Mundo, sendo medalhista de bronze e prata (1999 e 2007).

Nalvinha⁷⁰, Elsilene⁷¹, Formiga⁷², Grazielle⁷³, Michael Jackson, Emily, Nenê⁷⁴, Tatiana⁷⁵, Tânia Maranhão⁷⁶, Marisa⁷⁷, Talita⁷⁸, Grace⁷⁹, Lia⁸⁰, Juliana Cabral⁸¹, Cloda⁸², Michele⁸³, Renata⁸⁴ e Russa⁸⁵ foram algumas das convocadas nos anos de 1994 a 1996. Segundo Almeida (2013, p. 84) se “na década de 1980 o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, era a referência do futebol feminino no país, já os anos 90 seriam dominados pela hegemonia do Esporte Clube SAAD.”

Nesse período, Ivete estava cada vez mais à frente do comando das categorias de base no clube, conciliando seu treinamento como atleta de futebol da equipe principal e treinadora das categorias de base. Ivete vinha enfrentando alguns problemas para se manter em atividade como jogadora. Como relembra Romeu Castro (2019, p. 12),

[...] a Ivete sempre teve problemas em manter o peso ideal para treinar, competir e mesmo acima do peso ela era excepcional. Tinha uma visão de jogo extraordinária. Então, ela teve um problema no joelho, menisco, se não me engano, e essa lesão dificultou ainda mais ela manter o peso adequado o que acabou culminando na transição dela, definitiva, como supervisora no SAAD.

As lesões recorrentes de Maria Ivete Gallas a afastavam de suas atividades rotineiras enquanto atleta, ao passo que a aproximava de um papel de gestora,

⁷⁰ Ex-jogadora da seleção brasileira, disputou duas Copas do Mundo (1991 e 1995).

⁷¹ Ex-jogadora, atuava como meia-atacante da seleção brasileira, um dos principais destaques do SAAD nos anos 1990.

⁷² Jogadora de futebol da seleção brasileira, atua como volante e é a única atleta do mundo a participar de sete Copas do Mundo (1995, 1999, 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019), é recordista em atuações em Jogos Olímpicos com seis participações (1996, 2000, 2004, 2008, 2012, 2016), também é recordista de jogos com a seleção brasileira, somando 151 partidas. Medalhista de prata nos Jogos Olímpicos (2004 e 2008), vice-campeã da Copa do Mundo de 2007 e terceira colocada na Copa de 1999.

⁷³ Ex-jogadora, atuava como atacante da seleção brasileira.

⁷⁴ Ex-jogadora da seleção brasileira, atuava como zagueira; participou de duas edições dos Jogos Olímpicos (1996 e 2000).

⁷⁵ Ex-jogadora, atuava como zagueira da seleção brasileira.

⁷⁶ Jogadora de futebol, atua na equipe do 3B da Amazônia; foi medalhista olímpica com a seleção brasileira em 2008.

⁷⁷ Ex-jogadora, atuava como zagueira; foi capitã da seleção brasileira e participou dos Jogos Olímpicos em 1996, e de duas Copas do Mundo (1991 e 1999).

⁷⁸ Ex-jogadora, atuava como atacante da seleção brasileira.

⁷⁹ Ex-jogadora, atuava como goleira da seleção brasileira.

⁸⁰ Ex-jogadora, atuava como meio-campista da seleção brasileira.

⁸¹ Ex-jogadora da seleção brasileira, atuava como zagueira; foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de 2004, e atualmente é comentarista de futebol no canal ESPN Brasil.

⁸² Ex-jogadora, atuava como zagueira da seleção brasileira.

⁸³ Ex-jogadora, atuava como lateral direita da seleção brasileira.

⁸⁴ Ex-jogadora, atuava como atacante da seleção brasileira.

⁸⁵ Ex-jogadora, atuava como zagueira da seleção brasileira.

supervisora e organizadora do Esporte Clube SAAD. O envolvimento dela enquanto atleta de futsal e futebol permitiu que, por meio do esporte, desenvolvesse sua capacidade de liderança e organização.

De acordo com Silva (2009), a transição de atleta para gestora esportiva é um processo em que a técnica, o conhecimento, a habilidade e o comportamento se misturam em um contexto profissional. As experiências vividas não estão isoladas do contexto profissional. O autor destaca que o sucesso em gerenciar e administrar está intimamente ligado às relações interpessoais e experiência de vida.

Ao redirecionar sua trajetória no futebol, Ivete abre uma nova possibilidade de carreira até então pouco explorada pelas mulheres nos anos 1990. A supervisão e gestão do futebol de mulheres no cenário nacional chamou atenção do treinador José Duarte, mais conhecido como “Zé” Duarte, um nome de grande referência quando se trata do futebol de mulheres. Por meio de um convite, Ivete passou a integrar a equipe de gestão do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, ambas treinadas por Zé Duarte.

A necessidade de aperfeiçoamento para gerir as equipes de futebol aprimora as habilidades de Ivete como gestora da modalidade. Assunto que abordo no estudo a seguir.

6 ESTUDO 2 – MARIA IVETE GALLAS NO COMANDO TÉCNICO E NA GESTÃO ESPORTIVA

Na década de 1980, existiam várias ligas amadoras de futebol de mulheres, como a Liga de Futebol Feminino de São Paulo (Lifufesp), que contava com mais de 16 equipes na capital paulista (SILVA, 2015). Além disso, o futebol de praia também despontava como uma possibilidade de praticar o esporte, a exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro, onde “caiu no gosto de um grande grupo de adolescentes, chamando atenção de grifes de roupas ligadas a esse público, de empresários e até da imprensa” (ALMEIDA, 2013, p. 51). Esse cenário ampliou-se consideravelmente a partir da regulamentação da modalidade, ocorrida em 11 de abril de 1983, com a publicação da Deliberação 01/83 do Conselho Nacional de Desportos no Diário Oficial da União, dispondo sobre as normas básicas para a prática de futebol feminino⁸⁶.

Segundo matéria publicada na Folha de São Paulo, a deliberação previa que o jogo entre mulheres deveria ter:

[...] 70 minutos, com 35 cada tempo e 15 de intervalo e seguirá as regras aprovadas pelo CND: as jogadoras usarão protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas. Outra diferença do futebol tradicional: bola “matada” no peito será falta, equivalente à bola na mão (VÂNIA, 1983, p. 33).

Uma vez regulamentada a modalidade, em várias regiões do país começam a despontar times de mulheres, alguns deles já existentes. Dois clubes ganham destaque: o carioca Radar Esporte Clube e o paulista SAAD Esporte Clube.

Segundo Pisani e Almeida (2016), o Radar surgiu em 1932 e, em 1981, criou uma equipe de mulheres com a intenção de pressionar o CND a regulamentar sua prática no Brasil. Tendo como presidente Eurico Lira, a equipe colecionou inúmeros títulos nesse período, sendo, inclusive, o primeiro time brasileiro a disputar competições fora do Brasil.

Conforme Fernandes (1991), o Radar participou de mais de 300 partidas, sendo 71 disputadas no exterior, obtendo 66 vitórias, 3 empates e 2 derrotas. Foi campeão da Divisão Feminina do Rio de Janeiro de 1983 a 1988, campeão Brasileiro da extinta

⁸⁶ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3311099/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-11-04-1983>. Acesso em: 19 set. 2020.

Taça Brasil⁸⁷ entre os anos de 1984 e 1988 de forma invicta, campeão do Women Cup Of Spain⁸⁸, entre outras. Segundo Mourão e Morel (2005), de 1982 a 1986 o Radar realizou 44 jogos em três continentes. Entre suas principais conquistas, destaca-se o Mundialito de Futebol⁸⁹ realizado na Itália em 1986.

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2013, p. 108), nesse período, alguns clubes esboçavam fortalecer o futebol de mulheres, oferecendo benefícios às suas atletas:

Situação diferente já se encontrava em equipes de São Paulo (SAAD, São Paulo), do Rio de Janeiro (Bangu, Vasco, Radar), do Paraná (Pinheiros e Colorado), da Bahia (Clube Baiano de Tênis) e também de Minas Gerais (América e Atlético Mineiro), nas quais, as jogadoras recebiam – ao menos – uma ajuda de custo para o transporte até o clube ou salários. É importante destacar o anseio do Esporte Clube Radar em assumir uma postura mais profissional ao tratar da gestão do futebol feminino no clube (2013, p. 108).

Em função do protagonismo que assumia naquele período, o Radar, além de um salário a suas atletas, fornecia material para treinamento, como uniformes, e oferecia a algumas delas alojamento para que pudessem continuar treinando regularmente com a equipe. O suporte para as atletas e a busca por uma organização da equipe gerida por Eurico Lira fizeram com que o Radar assumisse o protagonismo do futebol brasileiro de mulheres, o que o levou a tornar-se o representante brasileiro em eventos internacionais. A equipe formou a base da primeira seleção nacional, convocada em 1988 para participar do I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China⁹⁰, no qual o Brasil conquistou a terceira colocação.

Mariléia dos Santos, a Michel Jackson, jogadora do Radar que participou dessa competição, em sua entrevista para o projeto Garimpando Memórias relembra:

Foi assim: o presidente do Radar, ele era um amante do futebol feminino, ele era apaixonado, era o Eurico Lira, e na época, ele ia sempre... Não era CBF⁹¹,

⁸⁷ A competição foi criada em 1983 e estendeu-se até 2007, quando foi substituída pela Copa do Brasil. O evento era organizado pela CBF.

⁸⁸ Disponível em: <https://360play.com.br/evolucao-do-futebol-feminino-no-brasil/>. Acesso em: 20 out. 2020.

⁸⁹ O Mundialito era uma competição organizada pelos países sede e as seleções eram convidadas a participar do torneio. A competição teve 5 edições, em 1981 no Japão e, posteriormente, 1984, 1985, 1986 e 1988 na Itália. Em 1986, o Radar participou da competição junto à Itália, Estados Unidos, China, Japão e México, ficando em 5º lugar.

⁹⁰ O Torneio Experimental foi realizado em 1988 na China. O intuito era ser um evento teste para a realização da I Copa do Mundo de Futebol Feminino, que seria realizada mais tarde, em 1991. Na ocasião, participaram 12 seleções que foram convidadas pela FIFA, organizadora do Torneio. O Brasil terminou a competição em terceiro lugar, vencendo a seleção Chinesa nos pênaltis.

⁹¹ Confederação Brasileira de Futebol.

era CND⁹², então ele foi e pediu: “Nós temos que fazer uma seleção, o Brasil precisa ter uma seleção de futebol feminino”. E de tanto ele falar, ele não saía de lá, ele conseguiu, e ele pegou oito meninas do Radar porque ele já conhecia e foi formando a primeira seleção, deu certo (2014, p. 5).

O presidente do Radar assumiu a função de coordenador da seleção brasileira em 1988 ao representar o Brasil no torneio experimental da China, competição que assinalou a extinção do Radar, e manteve-se no cargo até o final da I Copa do Mundo de Futebol Feminino promovida pela FIFA, que aconteceu na China em 1991. Com a saída de Eurico Lira do cargo, a CBF convidou para ocupá-lo o dirigente de outra equipe de referência para o futebol de mulheres: o SAAD Esporte Clube. Com uma trajetória vitoriosa no futebol nacional, sobretudo na década de 1990, a equipe paulista adquire notoriedade e reconhecimento, cuja história é fundamental para a legitimação do futebol de mulheres no Brasil.

O SAAD ESPORTE CLUBE

O SAAD Esporte Clube foi fundado no dia 28 de abril de 1961 pelo empresário Felício José Saad, na cidade de São Caetano (SP), mas foi somente no ano de 1985 que iniciou as atividades com o futebol de mulheres.

Na década de 1980, a modalidade enfrentava grandes adversidades para estabelecer-se como prática esportiva para as mulheres. As dificuldades nesse período residiam, principalmente, na escassez de clubes esportivos que investissem em departamentos específicos para as equipes de mulheres. De acordo com Silva (2015), o presidente da Lifufesp, Vanderlei Coelho, era contra a vinculação das equipes de futebol de mulheres amador com as empresas locais porque entendia que isso acontecia apenas para a arrecadação de patrocínio. Vanderlei não entendia o futebol de mulheres como um espetáculo. Em seu ponto de vista, ao vinculá-lo ao espetáculo para conseguir patrocínio, afastaria a modalidade de um ambiente propício para a sua regulamentação nos anos 1980. Essa ideia gerava um ciclo de desinvestimento para o futebol das mulheres, pois, ao afastar as mulheres dos patrocinadores, as dificuldades para que as equipes fossem mantidas aumentavam significativamente.

⁹² Conselho Nacional de Desportos.

Um dos episódios que merece destaque no período situado entre o fim da proibição (1979) e a regulamentação da modalidade (1983) foi a realização de um jogo festivo organizado em setembro de 1982, no Estádio do Morumbi em São Paulo. A partida fazia parte do encerramento do I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, organizado pela atriz e produtora cultural Ruth Escobar com o apoio da Revista Nova. Segundo matéria publicada pela Gazeta Esportiva:

O público que compareceu ao estádio do Morumbi para assistir a preliminar do clássico São Paulo e Corinthians, a princípio surpreendeu-se mas logo começou a vibrar com o jogo entre as seleções paulista e carioca de futebol feminino, como parte do I Festival Nacional de Mulheres nas Artes. Com bonitos lances, em jogo de menos de 30 minutos, a seleção carioca venceu a paulista por 4 x 0 (GAZETA ESPORTIVA, 1982, p. 12).

A realização da partida não foi consensual e sua liberação por parte da CBF se deu apenas porque foi caracterizado como uma exibição e não uma competição esportiva (MUSEU DO FUTEBOL, 2015). Esse jogo pode ser considerado o marco inaugural de uma manifestação pública em prol da regulamentação da modalidade porque a ideia de inseri-lo na programação do festival tinha como objetivo atrair a atenção do público e pressionar as autoridades e instituições gestoras do esporte a fazê-lo.

A criação da equipe de mulheres do SAAD se dá nesse contexto e se origina das dificuldades encontradas por outra equipe paulista. Em 1983, o Guarani Futebol Clube⁹³ criou uma equipe de mulheres, inicialmente somente para sócias e depois firmou-se como uma das equipes de representatividade na cidade de Campinas (SP). Entretanto, devido a dificuldades financeiras para manter as atletas em treinamento e o funcionamento do time, seus dirigentes começaram a buscar alternativas. Assim, Romeu Castro e Mara Villas Boas procuraram o empresário Felício José Saad na tentativa de conseguir algum auxílio nessa direção.

⁹³ Clube de futebol com sede na cidade de Campinas-SP. Fundado em 2 de abril de 1911, manteve suas atividades com futebol de homens e de mulheres.

Figura 8 – Guarani Futebol Clube 1983 – Romeu Castro à direita



Fonte: Acervo pessoal de Romeu Castro.

A família Saad mantinha diversas frentes de negócio na cidade de Campinas: investia em siderurgia, na construção civil e no setor alimentício. Além de ser um entusiasta do futebol, Felício tinha participação na administração do São Paulo Futebol Clube como conselheiro. Em 1961, tinha criado o SAAD Esporte Clube, cujo objetivo, segundo Aredes Júnior (2009), era proporcionar atividades de lazer para os familiares dos funcionários das empresas e, posteriormente, promover ações com jovens de comunidades carentes. Com o passar dos anos, o SAAD foi se firmando como uma equipe de futebol profissional e, em 1974, conquistou a vaga para disputar a primeira divisão do Campeonato Paulista Masculino.

O aceite do SAAD em abrir um Departamento de Futebol de Mulheres no ano de 1985 possibilitou a criação de uma subsede esportiva, situada na cidade de Campinas. Romeu Castro assume essa tarefa com a extinção da equipe do Guarani em 1984. Em entrevista concedida para esta pesquisa, menciona que a equipe de mulheres do SAAD começou a se estruturar de modo mais concreto a partir de então, inclusive com a contratação de uma comissão técnica e de um elenco próprio de atletas (CASTRO, 2020). Em aproximadamente três anos de existência, o SAAD começou a se destacar no cenário regional e nacional mediante a conquista de vários títulos, conforme podemos identificar no quadro 4 abaixo:

Quadro 4 – Títulos do SAAD entre os anos de 1985 e 2010

COMPETIÇÃO	ANO
Vice-campeão do Mundialito de clubes	1986
Vice-campeão da Taça Brasil	1993
Campeão do Troféu Comitê Olímpico Internacional	1993, 1994, 1995
Campeão do 1º Circuito Paulista	1994
Campeão I Torneio Internacional do Distrito Federal	1994
Campeão da Taça São Paulo	1990 a 1995
Campeão do Campeonato Brasileiro	1996
Campeão do Circuito Brasileiro de Futebol Feminino	2003
Campeão da Copa do Brasil	2007

Fonte: A autora (2020).

Romeu Castro estava à frente desse processo e tornou-se uma figura importante para a estruturação do futebol de mulheres no SAAD, cuja equipe manteve-se mesmo depois da extinção da equipe de homens em 1989. O clube adotou o futebol de mulheres e passou a ser uma referência nacional e um celeiro para a formação de várias jogadoras que se tornaram destaque nas décadas vindouras.

No início dos anos 1990, o SAAD investiu na formação das categorias de base e, além do trabalho realizado com o futebol de campo, estruturou também a modalidade futsal. O clube desenvolveu um trabalho inédito para a época, pois, até então, praticamente não existiam clubes que mantivessem estrutura, alojamento e treinamentos para as categorias de base.

Além dos investimentos na formação de equipes, havia também o interesse em manter uma infraestrutura de nível profissional, dando suporte para as atletas, conforme registra a reportagem “Saad coleciona títulos”, publicada no Correio Brasiliense no dia 22 de dezembro de 1994. Ao mencionar aspectos relacionados ao time adulto, a matéria descreve que as

[...] jogadoras recebem ajuda de custo de três a seis salários-mínimos, vale transporte, alojamento, alimentação, assistência médica e odontológica. Com uma infraestrutura de dar inveja a muitas equipes masculinas, o SAAD acabou reunindo atletas de todo país, interessadas em atuarem em dos poucos clubes que vem mantendo uma ininterrupta atividade da modalidade.

Figura 9 – Jornal Correio Brasiliense, 22 de dezembro de 1994



Fonte: Acervo pessoal de Ivete Gallas.

Durante a década de 1990, o SAAD permaneceu invicto em várias disputas e, mediante tal sucesso, 32 de suas atletas foram convocadas para a Seleção Brasileira⁹⁴. Segundo Almeida (2013), se na década de 1980 o Esporte Clube Radar do Rio de Janeiro, dominava os gramados, a década de 1990 seria de hegemonia do SAAD. Como já apresentado, a equipe venceu a Taça Brasil de 1989, 1991, 1996 e 2003 e foi vice-campeã do Mundialito de Clubes de 1986⁹⁵, entre outras conquistas que teve nesse período.

⁹⁴ A partir das fontes que consegui acessar, identifiquei o nome das seguintes atletas: Maravilha, Sissi, Kátia Cilene, Nalvinha, Elsilene, Formiga, Grazielle, Michael Jackson, Emily, Nenê, Tatiana, Tânia Maranhão, Marisa, Talita, Grace, Juliana Cabral, Michele, Renata e Russa.

⁹⁵ O torneio internacional foi realizado em São Paulo, com representantes de oito países, entre eles, a Finlândia, Dinamarca, Peru, Nova Zelândia e Brasil. O Campeão do torneio foi o Juventus de São Paulo.

Figura 10 – Campeão da Taça Brasil – 1994



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

A relação do SAAD com Ivete Galas se dá quando o clube estava com boa reputação e reconhecimento. Em 1994, a equipe paulista viajou a Porto Alegre para disputar um amistoso contra a equipe do Sport Club Internacional em pleno estádio Beira-Rio. Ivete jogava no time gaúcho e chamou a atenção do então presidente do SAAD, Romeu Castro. Finda a partida, ele fez uma proposta a Ivete, convidando-a para juntar-se à sua equipe. Apesar de receosa, o medo de mudar de estado não impediu que ela seguisse o sonho de ser jogadora, visando a um cenário mais competitivo e estruturado, como era o futebol paulista de então. Nas suas palavras:

Na época era cem dólares o salário. Isso era menos que o salário-mínimo na época. E o povo disse que eu era louca! E com essa função de futebol, eu já estava naquela fase que eu não conseguia parar em emprego. Trabalhava aqui, já tinha me formado em Química, não conseguia emprego. E claro, tu não podia trabalhar fim de semana porque tinha que jogar, e tu começa a abrir mão de muita coisa pelo sonho. Eu pensei, pensei... E disse: “Sabe de uma coisa?” Eu fiz as minhas malas e fui para São Paulo. Em julho de 1994 eu estava embarcando para Campinas. Peguei, fui para Campinas, o pessoal: “Mas tu não conhece ninguém!”, “Não me interessa, o caminho que eu vou eu volto”. Fui e não me arrependo! Foi a melhor decisão que eu fiz, fui para lá (GALLAS, 2016, p. 2-3).

Essa mesma lembrança é acionada por Ivete em 2020, quando descreve sua trajetória em uma *live* realizada dia 29 de outubro de 2020, no programa Resenha com Dudu Soares, transmitido pelo YouTube. Ao referir-se àquele momento, lembrou

que passou na sua cabeça o seguinte pensamento: “o mesmo ônibus que me leva, me faz voltar”⁹⁶.

Com apenas um mês residindo em Campinas, a gaúcha começou a sugerir melhorias na estrutura do clube, no formato dos treinos e na participação da equipe em competições, demonstrando seu empenho e interesse pela qualificação do SAAD. Em uma de suas entrevistas para esta tese, Ivete expressa que o SAAD era a melhor equipe do país, dominava as competições e praticamente não havia equipes com o mesmo nível de competitividade. Lembra, inclusive, que não raras vezes as jogadoras comemoravam os títulos antes de disputá-los. Menciona, como exemplo, a final do Campeonato Paulista de 1995, quando ela e sua colega de equipe, Claudete Maria Cordeiro (Cloda), fizeram fotos com o troféu antes da partida: “porque sabia que ia ganhar! Não tinha como não ganhar! Seria uma vergonha se a gente não ganhasse. Era uma obrigação nossa” (GALAS, 2015, p. 4).

Figura 11 – SAAD Campeão do Torneio Internacional do Distrito Federal



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Dentre os campeonatos existentes no período, merece destaque o primeiro Campeonato Paulista de Futebol de Mulheres chancelado pela Federação Paulista de

⁹⁶ Ver mais em: <https://www.youtube.com/watch?v=S85uHm4bjps>.

Futebol, conhecido como a Paulistana-97. Organizado pela Sport Promotion (uma empresa particular que passou a gerenciar o futebol feminino a partir de 1994, por meio de uma concessão da CBF), o campeonato contou com a presença de oito equipes de clubes, teve patrocínio próprio e transmissão de alguns jogos pela televisão (SOUZA JÚNIOR, 2013; PINHEIRO, 1997; SERRA, 2008).

Esse torneio foi uma marco para o futebol de mulheres no país, pois além da visibilidade marcava ainda uma mudança de comportamento da Federação Paulista de Futebol em relação ao futebol praticado pelas mulheres, que passou a permitir a inscrição das atletas junto à entidade, o que até então era proibido pela Federação.

Segundo Souza Júnior (2013), a parceria com a Sport Promotion acabou por visibilizar o futebol de mulheres na mídia nacional, resultando na criação de diversas competições, tais como a I Paulistana, a Copa Rio-São Paulo⁹⁷ e a Taça Brasil⁹⁸. Nesse período, algumas competições foram televisionadas pela Rede Bandeirantes de Televisão e também pelo canal SporTV, como a final da Paulistana, disputada pelas equipes do São Paulo Futebol Clube e do Santos Futebol Clube no dia 29 de setembro de 1997 (PINHEIRO, 2007; SERRA, 2017).

Convidado a participar da organização da I Paulistana, não só pelas suas conquistas, mas pela estrutura que a equipe do SAAD mantinha naquele período, Romeu Castro emprestou 40 atletas do clube, as quais foram divididas entre as oito equipes participantes da competição: Mackenzie, USP, Juventus, Lusa Sant' Anna, Santos, Corinthians, Palmeiras e a equipe que se sagrou campeã, São Paulo Futebol Clube (MEMORIAL SADD E.C., 2006).

O tricolor enfrentou o Santos na final, vencendo com o placar de 4 x 1. No site oficial do São Paulo, há o registro dessa competição com detalhes sobre cada jogo, as atletas de destaque e a trajetória da equipe, que foi encerrada no ano 2000 em função de problemas estruturais da modalidade no país. Sobre a final do campeonato, informa:

O primeiro jogo da final, contra o alvinegro santista, uma leve surpresa: empate em 1 a 1. Apesar de possuir vantagem pela melhor campanha na primeira fase, as são-paulinas não queriam nada menos que a vitória contra o Santos na última partida, para coroar tão bela trajetória até ali. E, definindo o resultado ainda no primeiro tempo, não houve dificuldades para isso: a artilheira Kátia Cilene abriu o marcador logo aos 6 minutos, Karin ampliou aos

⁹⁷ A primeira competição aconteceu em São Paulo no ano de 1998 e contou com a participação de oito equipes: quatro de São Paulo e quatro do Rio de Janeiro.

⁹⁸ A Taça Brasil aconteceu em São Paulo entre os anos de 1983 e 2007.

13 e Kátia Cilene balançou as redes mais duas vezes, aos 30 e 40 minutos, dando aspecto de goleada à final. Mônica, do Santos, ainda fez o chamado gol de honra, aos 27 minutos do segundo tempo. Assim, as 22 atletas do elenco são-paulino festejaram, junto à torcida no Ibirapuera, a conquista do Campeonato Paulista de 1997! (SERRA, 2017, s/p).

A relação entre SAAD e São Paulo também é mencionada por Serra (2017) ao referir que: “o primeiro elenco dessa nova era do futebol feminino no São Paulo foi praticamente importado da prestigiosa equipe do Saad, de São Caetano do Sul, que em sua época já era a base da Seleção Brasileira” (p. 3). A fotografia exibida abaixo confirma essa aproximação, pois nela é possível identificar pessoas vinculadas ao Saad, como por exemplo, seu dirigente Romeu Castro, que aparece ao centro de terno e gravata. Ivete Galas está sentada à sua esquerda e nessa competição exerceu o cargo de auxiliar técnica de Zé Duarte.

Figura 12 – I Paulistana em 1997⁹⁹



Fonte: Acervo pessoal de Ivete Gallas.

Além de dedicar-se ao São Paulo, Ivete também atuava nas categorias de base do SAAD na modalidade futsal, conciliando as funções de supervisora e de auxiliar

⁹⁹ **Sentadas:** Tânia Maranhão, Sérgio Gomes (Preparador de Goleiras), Romildo (Massagista), Maria Ivete Gallas (Supervisora), Romeu de Castro (Diretor), Rogerio Haman (Diretor), “Zé” Duarte (Treinador), Toninho (Roupeiro) e Marquinhos (Preparador Físico). **Meio:** Daiana, Juliana Sala, Michele Costa, Carol Mello, Luciana, Andréia Marília, Juliana Cabral, Kátia Cilene, Talita, Tati, Sissi e Russa. **Atrás:** Nalvinha, Cris, Karin, Emily Lima, Patricinha, Formiga, Suzana, Grazielle, Karina, Joana D'arc, Didi, Cidinha e Cheny.

técnica. Ou seja, ela atuava em várias frentes, acumulando tarefas junto ao Saad, ao São Paulo e à Seleção Brasileira.

Vale lembrar que nesse período o futebol de mulheres tinha pouquíssima estrutura e vivia de descontinuidades. Depois de um certo incentivo inicial no começo da década de 1980, o futebol de mulheres foi perdendo fôlego e o pouco incentivo à sua maior estruturação por parte de clubes e entidades gestoras fez com que amargasse períodos difíceis. Segundo Maria Thereza Souza:

Em âmbito nacional, após o findar das atividades do clube Radar, o número de competições e clubes retrocedeu substancialmente, tanto que o campeonato brasileiro feminino veio a acontecer novamente apenas em 1994, quando o Vasco da Gama ficou com o título. Tal versão do torneio nacional ocorreu até 2001, ano no qual o Santa Isabel ficou na primeira colocação. Nesse intervalo de tempo, o Vasco foi campeão em mais duas oportunidades (1995 e 1998), e as demais edições foram vencidas por: SAAD (1996), São Paulo Futebol Clube (1997) e Portuguesa (1999 e 2000) (2017, p. 17).

A década de 1990 despertou novo interesse pela modalidade em função da instauração das competições internacionais organizadas pela FIFA e pelo Comitê Olímpico Internacional, com destaque para a realização da primeira Copa do Mundo em 1991 e a inserção do futebol feminino na programação dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Muitas atletas do SAAD fizeram parte das equipes que representaram o Brasil nesses dois marcos inaugurais do futebol mundial.

Quando a Confederação Brasileira de Futebol convidou para ocupar o cargo de diretor de futebol feminino o então presidente do SAAD Esporte Clube, Romeu Castro, e o técnico da equipe principal do SAAD, José Duarte, mais conhecido como “Zé” Duarte, a comissão técnica também assumiria as funções da seleção brasileira. Com isso, Ivete passou a atuar também como supervisora da equipe.

As funções administrativas da seleção brasileira também foram de sua responsabilidade, como a organização e rotina das atletas no Centro de Treinamento, a logística para os dias de jogos e os treinamentos amistosos. Segundo Romeu Castro “a Ivete era quem comandava todo o Centro do SAAD, desde as atletas mais jovens à seleção brasileira, com relação aos horários, treinos, tinha todo um planejamento e quem cuidava dessa parte era a Ivete” (2020, p. 9).

A seleção permaneceu por um período de cerca de cinco meses no Centro de Treinamento do SAAD em preparação para a Copa do Mundo da Suécia disputada em 1995, tendo como supervisora da Seleção Brasileira, Maria Ivete Gallas.

Entretanto, ela não teve a oportunidade de participar de jogos ou competições junto à comissão técnica da seleção, na medida em que, nessas ocasiões, Ivete foi substituída por um representante da CBF.

Ela era uma pessoa que o Romeu trouxe para a seleção porque já trabalhava com ele no SAAD e ele tinha plena confiança. Obviamente quando chegou a hora de viajar, a CBF colocou o chefe de delegação [...] e por tentar conter despesas então não levaram a Ivete. Levaram o chefe de delegação e os profissionais que trabalhavam dentro da CBF, o preparador físico, treinador, auxiliar, então, deixaram a Ivete de fora para contenção de despesas e também, eu acredito que por causa desse lance de ela não ser do *staff* da CBF. Ela era do *staff* do SAAD e isso ocasionou que cortassem a ida dela para a Suécia (TAFAREL, 2020, p. 1).

CATEGORIAS DE BASE: a importância da formação de atletas

Uma das grandes dificuldades na estruturação do futebol de mulheres no Brasil é o pouco investimento nas categorias de base. Se hoje ainda nos deparamos com essa dificuldade¹⁰⁰, na década de 1990 ela era ainda maior, pois eram raros os clubes que investiam na formação de jovens jogadoras no futebol de campo. As atletas tinham como opção atuar no futsal, uma modalidade mais acessível em termos de manutenção, número de atletas e alocação de espaços para jogar (KESSLER, 2010).

Em entrevista concedida para o projeto Garimpando Memórias, Sisleide Lima do Amor (Sissi)¹⁰¹, que atuou no SAAD e no São Paulo, relata que no estado de São Paulo, no fim da década de 1980 e início da década de 1990, o futebol de salão estava mais estruturado que o de campo. Em função disso, se mudou da Bahia para a capital paulista contratada para jogar futebol de salão, e eles “pagaram e pagaram muito bem” (LIMA, 2015, p. 7).

A atual auxiliar da seleção brasileira sub-20, Jéssica de Lima, jogadora de futebol na década de 1990, em entrevista ao canal ESPN, destaca a importância das categorias de base e de uma boa formação de jogadoras:

Esse novo olhar para o futebol feminino (para a base) comparado à minha época é gigantesco, uma diferença muito grande. Ter base acelera demais o

¹⁰⁰ O relatório publicado pela FIFA, em julho de 2019, resultante de uma pesquisa em todas as federações associadas, indica que o Brasil tem um total de 15 mil mulheres jogando futebol de maneira organizada, ou seja, disputando campeonatos em algum nível. Em relação às categorias de base, os dados são mais alarmantes: são apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos registradas nos clubes (MENDONÇA, 2019).

¹⁰¹ Integrou a primeira seleção convocada em 1988. Disputou a Copa do Mundo da Suécia (1995) e dos Estados Unidos (1999) e foi vencedora da Bola de Prata da Adidas. Participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e de Sydney (2000). Detentora da Camisa 10, é a única brasileira a integrar o FIFA Legends.

processo. Chega num estágio que a gente não precisa despende muito tempo de treinamento com situações básicas de futebol (LIMA, 2019, s/p).

No período no qual Ivete atuou no SAAD com as categorias de base, era comum que as atletas jovens treinassem com e nas equipes adultas. Aline Pellegrino, ex-capitã da seleção brasileira, ao descrever o início de sua trajetória no São Paulo Futebol Clube, destaca:

Por exemplo, tinha a turma mais nova, claro, eu logo já fechei com as meninas mais novas, com a turminha mais ali, e a gente treinava de manhã, tomava um banho e ia para o treino da tarde, e as meninas mais velhas aceleravam a gente no banho, e nós lá tomando banho, fazendo uma bagunça e elas aceleravam a gente no banho, porque elas queriam dormir, descansar para o treino da tarde (PELLEGRINO, 2014, p. 6).

Outro problema decorrente da ausência de formação de atletas de base recai na dificuldade de renovação das equipes principais. Miraildes Mota, a Formiga, atleta com maior número de participações em Copa do Mundo e Jogos Olímpicos¹⁰², vivenciou essa mesma realidade. Ao jogar no SAAD na década de 1990, foi umas das atletas que esteve sob a coordenação da Ivete Galas. Em entrevista, rememora:

[...] na época era o SAAD, então aos treze para quatorze anos já estava vindo para São Paulo, para jogar no campo do SAAD e dali eu fui para um Campeonato Brasileiro que foi no sul. Eu já com quinze para dezesseis fui revelação do campeonato e daí já fui convocada para seleção, para o primeiro Mundial já com dezesseis anos (MOTA, 2014, p. 1).

Ao falar sobre as dificuldades enfrentadas naquele período, no que respeita à estruturação do futebol de mulheres e à formação de equipes, Ivete indica que as etapas de aprendizagem que têm nas categorias de base para os meninos, “no feminino não têm. Ele pula do zero para o alto nível num pulo só. E aí começam os problemas de fundamentos, são coisas que são treinadas nas categorias de base, então esses fundamentos o feminino não tem” (GALLAS, 2017, p. 3).

Sua fala dialoga com os argumentos expostos por Souza Júnior (2013, p. 84) quando aponta que “faz todo sentido relacionar essa suposta defasagem em termos técnico-táticos do futebol feminino tomando-se por base a ausência de um melhor

¹⁰² Formiga é a única atleta do mundo a disputar seis edições dos Jogos Olímpicos: em Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). É a atleta com maior número de participações em Copas do Mundo, totalizando sete edições: Suécia (1995), Estados Unidos (1999 e 2003), China (2007), Alemanha (2011), Canadá (2015) e França (2019).

planejamento do processo de aprendizagem e formação ligado às chamadas categorias de base” (2013, p. 84).

A ausência de competições e de equipes que pudessem fazer frente ao SAAD no futebol de campo trouxe outra possibilidade aos olhos de Ivete:

Fomos em um jogo no interior de São Paulo e olhando o juvenil jogar eu pensei: “Essas gurias vão aprender o quê jogando com essas adversárias? Não vão aprender nada assim!”. Aí eu dizia para o Romeu: “Essas gurias têm que competir senão vão chegar com dezoito anos não vão saber o que é uma competição, uma final, a adrenalina de jogar uma final”... Ele disse: “É, mas não tem campeonato!”. Eu disse: “Sim, mas a Federação tem”. Porque futsal em São Paulo sempre foi muito forte, na Federação Paulista, o feminino. E ele disse assim: “Eu não gosto de futsal, mas se tu assumir, tudo contigo, toca a ficha, eu apoio”. Bah! Foi a mesma coisa que dizer “monta a equipe” (GALLAS, 2017, p. 20).

A estruturação de uma equipe competitiva no futsal fez com que muitas jogadoras desenvolvessem suas habilidades e fundamentos também no futebol de campo. Em entrevista, a ex-capitã da seleção brasileira, Juliana Cabral, ressalta: “a minha categoria de base profissional foi no Saad que era um time pioneiro da época [...] Eu era muito jovem! Eu tinha quinze anos e a base da Seleção Brasileira praticamente era o SAAD” (2016, p. 3).

Já no ano de 1995, a estruturação das categorias de base começava a despontar como uma ação pioneira no futebol de mulheres. Segundo Romeu Castro, “iniciaram as peneiras na categoria juvenil, nos finais de semana quando não tinha jogos, quem comandava era a Ivete. Nós tínhamos o juvenil e o infantil” (2019, p. 6).

O perfil de liderança de Ivete fez com que começasse a se envolver mais intensamente com as atividades de gestão do clube. Inicialmente, a partir de conversas informais com o presidente, ela opinava sobre ações que poderiam ser feitas para a melhoria no funcionamento das atividades e na manutenção das atletas que estavam alojadas no Centro de Treinamento do clube, localizado em Indaiatuba no interior de São Paulo.

E aí eu estava menos de um ano no Saad, e o Saad tinha o juvenil. O juvenil começou a fazer futebol de campo, começou a fazer jogos aqui e ali, mas com esse mesmo problema. Não tinha adversários à altura, porque elas treinavam fim de semana, faziam a parte física porque elas não moravam no alojamento. Elas vinham fim de semana e faziam os jogos (GALLAS, 2015, p.12).

Envolvida com as categorias de base, Ivete assumiu a gestão da equipe juvenil responsabilizando-se por várias tarefas, desde a matrícula escolar das jogadoras e o acompanhamento médico até a condução dos treinamentos e a logística para participarem de competições.

A administração das equipes de base passou a ser sua responsabilidade, entretanto, ela não recebia salário para tal função, pois ainda era jogadora da categoria principal. De acordo com a matéria publicada por Moura no periódico “Futebol Feminino do Brasil”,

As categorias de base no Futebol Feminino e Futsal do Saad E.C. marcaram os anos 90, com a revelação de inúmeros talentos para o Brasil e exterior. O trabalho pioneiro foi iniciado pelo querido casal Fernando Pereira e Rosângela Calvi, e atingiu o ponto mais alto em 97, com a conquista do Primeiro Campeonato Brasileiro sub-17 promovido pela CBF, sob a competente direção executiva da Ivete Gallas (2016, p. 5).

Considerado referência no trabalho de base, várias jovens buscavam o SAAD para jogar e lá vivenciavam os cuidados de Ivete. Juliana Cabral foi uma delas. Seu início no futebol aconteceu aos 12 anos em uma equipe chamada Flash Book que reunia modelos de publicidade. Essa equipe transformou-se na Pro-Esporte, clube pelo qual disputou campeonatos promovidos pela Federação Paulista de Futebol e conheceu o SAAD. Nas suas palavras:

A minha mãe faleceu e surgiu a oportunidade de morar em Indaiatuba. E meu pai conversou com o Romeu Castro, que foi meu pai praticamente na minha infância e eu fui morar em Indaiatuba com treze para catorze anos e passei toda essa fase dos treze até os dezessete vinculada um pouco ao Saad. Jogava em outros clubes, voltava para o Saad, mas a minha categoria de base profissional foi no Saad que era um time pioneiro da época (2016, p. 2).

No Centro de Treinamento em Indaiatuba, Juliana conviveu com Ivete. Em sua entrevista ressalta: “Ivete foi a mãe do futebol feminino... Foi a Ivete que levava a gente para a escola, enfim, sempre acompanhava essa parte” (CABRAL, 2016, p. 3).

Figura 13 – Equipe Juvenil SAAD Esporte Clube 1995



Fonte: Acervo pessoal de Ivete Gallas.

A própria Ivete menciona essa relação maternal com as atletas jovens:

E as atletas começaram a ter competição e muitas começaram a ir morar na chácara já com dezesseis anos, quinze anos. Já iam morar na chácara e treinar com o adulto. Elas tinham escola, só que elas eram de menor, então eu era a mãe. Eu que tinha que fazer a matrícula de escola, levar elas todos os dias, reunião de pais e não sei o quê, tudo era comigo. Até hoje elas falam “mãezinha” e era eu que fazia tudo isso. A parte de escola, a matrícula e rematrícula... E os pais chegavam lá fim de semana e diziam: “Bah, Ivete...” Então tudo eu via com os pais... (GALLAS, 2015, p. 9-10).

Apesar de ter 25 anos na época e não receber salário para exercer essas demandas, sentia-se feliz por colaborar com a modalidade, com o clube e com essas meninas: “Só de ver a felicidade e tu ver que está conseguindo fazer uma coisa para o esporte, pra mim já era suficiente” (GALLAS, 2015, p. 10). O sentimento expresso por Ivete releva algo para além da sua satisfação: reflete o contexto de desenvolvimento da modalidade, no qual, mais do que profissão, as mulheres que estavam no futebol o viviam como uma ocupação que lhes proporcionava alegria em função do desejo de estar no futebol. Se a recompensa pela “colaboração” era outra que não um pagamento justo é porque a profissionalização ainda estava longe da modalidade e também porque em um cenário no qual reina a sub-representação das mulheres e seu pouco reconhecimento, sentir-se bem pelo trabalho desenvolvido demonstra ter sido bem sucedido.

Ao pesquisar sobre mulheres na gestão de cargos de futebol no Brasil, Torga (2019) evidencia que

[...] apesar de declararem terem sofrido em algum momento na atividade de trabalho preconceitos e discriminações e que atuam em um campo hegemonicamente masculino, afirmam não enfrentarem problemas de gênero. Tal fato parece estar ligado ao caráter político em que as relações de poder são construídas dentro dos clubes de futebol no Brasil. Ou seja, às mulheres aplicam categorias construídas do ponto de vista dos homens (dominantes) às relações de dominação, o que faz essas categorias serem vistas como naturais (p. 51).

A narrativa de Ivete pode ser analisada considerando esse contexto, e o seu triunfo diante das categorias de base é tido como uma recompensa por sua dedicação, segundo as jogadoras que conviveram com ela no Centro de Treinamento, sobretudo as mais jovens, como já evidenciado. Vale destacar novamente que era Ivete a responsável pela base do clube, função que acumulou ao ofício de jogadora.

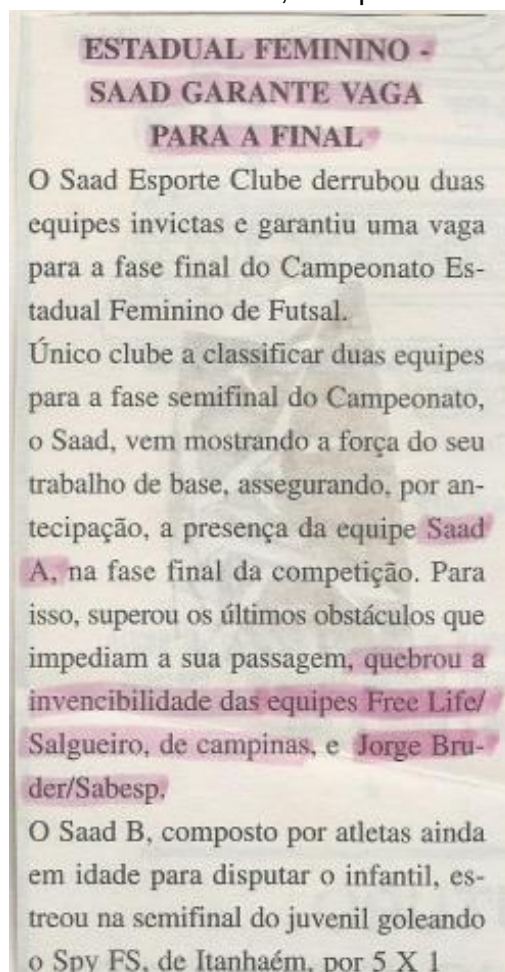
A ex-jogadora Meire Silva que atuava com Ivete e acompanhava algumas vezes os treinamentos das categorias de base, relembra a organização dos treinamentos e a dedicação de Ivete para com essa função: “a Ivete era muito empenhada, ela treinava com a gente, normal, e no período de folga ainda fazia o treinamento da base. E a gente estava lá cansadona e ela escrevendo treino” (SILVA, 2019).

Em reportagem publicada na Folha de São Paulo no dia 14 de janeiro de 1995, de Rodrigo Bertolloto destaca que a hegemonia do clube se deve, principalmente, ao investimento nas atletas mais jovens. Vejamos:

[...] futebol feminino no mundo é das *teens*. Só o Brasil tem uma média elevada de idade entre as jogadoras da seleção (27 anos). O único clube brasileiro que faz um trabalho de formação de jogadoras é o Saad, que tem seu centro de treinamento na cidade de Indaiatuba (110 km a noroeste de São Paulo).

A participação em competições com a equipe de base também começava a trazer destaque para o protagonismo do SAAD em relação à formação de jovens atletas, conforme pode ser observado na imagem abaixo, que reproduz uma matéria publicada no Jornal Paulista, na qual há menção à presença da equipe no Campeonato Estadual de Futsal no ano de 1995. Como as atletas eram originárias do futebol de campo, por vezes, Ivete tinha sob sua gestão um montante de jogadoras que a possibilitava inscrever até quatro equipes em uma mesma competição. Diante disso, não foram raras as oportunidades em que essas equipes disputavam as partidas finais dos campeonatos entre si. Vejamos:

Figura 14 – Jornal Paulista de 1995, Campeonato Estadual de Futsal



Fonte: Acervo pessoal de Ivete Gallas.

Outra inovação realizada no SAAD sob a gestão colaborativa de Ivete foi o pagamento de um salário mensal, no valor de U\$ 100,00 (cem dólares) para as jogadoras da equipe principal, além de manter o Centro Esportivo de Treinamento de Campinas, onde as atletas permaneciam alojadas. No entanto, foi a mudança desse Centro de Treinamento para a cidade de Indaiatuba em fevereiro de 1994 que marcou um maior incentivo às categorias de base. O empresário José Felício Saad tinha proximidade com o então prefeito da cidade, Flávio Tonin, o que facilitou a consolidação de um convênio entre o clube e a Prefeitura Municipal. Lembra Ivete: “fomos morar em Indaiatuba, numa chácara que era maior. O espaço era maior, tudo era melhor, os campos lá eram melhores para treinar porque a prefeitura apoiava. E começaram a investir mais no juvenil e infantil começou a aparecer” (GALLAS, 2015, p. 9).

Figura 15 – Centro de Treinamento do SAAD em Indaiatuba, Campinas (SP)



Fonte: Acervo pessoal Maria Ivete Gallas.

A nova sede possibilitou a ampliação das atividades empreendidas pelo SAAD que mantinha a equipe principal e as categorias de base, com suas atletas disputando competições nas modalidades de futebol de campo e futsal. Por um tempo a sede abrigou também as atletas do São Paulo Futebol Clube, que acabou incorporando a equipe principal do SAAD na disputa de várias competições, inclusive no episódio já analisado sobre a participação dessa equipe na Paulistana de 1997, quando se sagrou campeã.

Em entrevista para o Museu do Futebol, Emily Lima relembra a transição da equipe do SAAD para o São Paulo:

Eu joguei até 1996 no Saad e em 1997 teve uma junção, teve um acordo entre São Paulo e Saad, foi onde o São Paulo entrou no futebol feminino, e no São Paulo eu fiquei de 1997 a 2000, e nós conquistamos tudo em 1997: tinha o Paulistana na época, o Paulistana, o Brasileiro (2015, p. 1).

A ex-jogadora Sissi também rememora a fusão das duas equipes quando menciona que “no Brasil joguei pelo Saad, que depois se tornou o São Paulo; foi o São Paulo que ganhou tudo no Brasil, foi aquela equipe que todo mundo falou e fala até hoje” (2019, p. 127).

Ivete, ao discorrer sobre o SAAD, aponta que a estrutura oferecida pelo clube chamou a atenção de diversas atletas do país. Nesse período, ela trabalhava muito em função das demandas que a transferência para Indaiatuba promoveu. Conciliava os treinamentos com a estruturação das categorias de base e a atenção e cuidado

com as atletas, sobretudo as mais jovens que moravam no alojamento e frequentavam a escola: “Eu trabalhava dezoito horas por dia em média, chegamos a ter quarenta e oito atletas dentro da chácara, para vocês terem uma ideia de como era grande a casa” (GALLAS, 2017, p. 12).

Ao abrigar uma diversidade de atletas e de clubes ao mesmo tempo, a responsabilidade com o trabalho ficou maior, inclusive porque havia jogadoras de diferentes gerações. Ivete tinha que lidar com todas essas variáveis, o que gerou sobrecarga de trabalho. Emily Lima se lembra de Ivete e a refere como sendo a sua primeira treinadora. Em suas palavras:

[...] como havia poucas equipes femininas, eu comecei jogando com os meninos. Então meu pai e meu irmão me levaram para fazer uma avaliação com 13 anos no Saad, aí foi onde começou a minha carreira dentro do futebol feminino. O Saad é um dos pioneiros do futebol feminino no Brasil, então, fui fazer uma avaliação lá com 13 anos, de 13 para 14 anos e a minha primeira treinadora foi uma treinadora mulher, a Ivete (2015, p. 1).

O fim do ano de 1996 foi determinante para Ivete. Ela já não aguentava os treinamentos, sofria com dores no joelho direito e estava sobrecarregada com o trabalho que exercia na gestão das categorias de base. Em sua entrevista, Romeu Castro, relembra:

A Ivete sempre teve problema em manter o peso ideal, e ela acabou tendo um problema no joelho, já não conseguia treinar em dois turnos, manter o alto rendimento. Então, eu conversei com ela e fiz a proposta, se ela quisesse ir para outra equipe que treinasse com uma intensidade menor ou ficasse como supervisora do SAAD e ela acabou aceitando (2019, p. 8).

Essa conversa se dá no momento em que se estabelece uma parceria entre a Sport Promotion e a CBF para a promoção e a organização de competições de mulheres. Romeu era um dos assessores da empresa e, pela sua experiência na gestão do SAAD e do São Paulo, foi convidado para, junto a Zé Duarte, assumir a supervisão da seleção nacional.

Em reportagem publicada na Revista Placar em setembro de 1996 (Figura 16), Romeu e Zé Duarte eram representados como pessoas que faziam acontecer o futebol de mulheres nos anos 1990. Na matéria, os autores descrevem o início do trabalho com o treinador Zé Duarte e a influência de Romeu para a convocação das atletas para a seleção. O diretor da Sport Promotion, Alberto Belotti, justifica a escolha de Zé Duarte: “Precisávamos de um técnico reconhecido pelas jogadoras e respeitado

pela torcida (1996, p. 47)”. O treinador era reconhecido pelo seu trabalho no Guarani e na Ponte Preta e foi a aposta da Sport Promotion para comandar a Seleção no Torneio Internacional de Campinas, realizado em 1995, competição que contou com presença das seleções da Ucrânia, Rússia e Estados Unidos.

Por meio desse trabalho, Zé Duarte levou a seleção brasileira para os Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta, quando a seleção brasileira acabou a competição em quarto lugar.

Figura 16 – Reportagem Revista Placar sobre a seleção brasileira em 1996



Fonte: Revista Placar, setembro de 1996.

A ex-jogadora de futebol, Juliana Cabral, que também iniciou nas categorias de base do SAAD, relembra como era a relação do clube com a Seleção Brasileira e seus coordenadores:

Antigamente, eu acho que era diferente porque o SAAD naquela época era o que tomava conta da seleção feminina. O Romeu Castro era o que tomava conta da seleção juntamente com a CBF, mas a sede já ficava em Indaiatuba por causa de estrutura, de uma série de coisas. O técnico do SAAD já era o treinador da seleção, era o senhor Zé Duarte. Convivíamos com tudo aquilo ali muito de perto. E eu cheguei, por exemplo, na seleção principal com 15 anos (CABRAL, 2011).

A convivência no centro esportivo aproximou Zé Duarte e Ivete. Por reconhecer sua competência e dedicação com as equipes de base do SAAD, o então treinador do São Paulo e da Seleção Brasileira a convidou para atuar como supervisora das duas equipes.

Assim, em 1998, além de supervisionar as atividades do SAAD, Ivete trabalhava ao lado de Zé Duarte como auxiliar técnica tanto no São Paulo Futebol Clube como na Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Márcia Tafarel, jogadora da seleção, conviveu com Ivete em Indaiatuba durante a preparação da equipe para a Copa do Mundo da Suécia. Em entrevista para esta pesquisa, rememora:

A nossa relação com a Ivete era muito amistosa, era uma pessoa que estava ali pau para toda obra, como a gente fala, se precisasse ir no mercado comprar absorvente para alguém que tivesse esquecido o absorvente ela ia lá e comprava. Então ela era pau para toda obra, isso que a gente fala. Além de ser uma pessoa extremamente amiga, as meninas confiavam muito na Ivete, era uma pessoa extremamente profissional, mas que ao mesmo tempo tinha uma liderança muito grande. Ela sempre manteve o grupo muito focado. Quando tivesse algum tipo de baguncinha ela ia lá e terminava com a bagunça, então, ela sempre foi muito profissional. Era a pessoa de confiança do Romeu, porque realmente ela tinha um trabalho muito bom dentro do SAAD em termos de faz tudo, de excelência, de supervisão, de coordenação e o Romeu fez questão de mantê-la na seleção porque ele tinha extrema confiança nela, e a relação dela com as meninas era muito boa, isso só ajudou (2020, p. 1).

O acúmulo de trabalho e o reconhecimento entre os pares não garantia seu sustento financeiro. Ivete era uma auxiliar que trabalhava com enorme dedicação, mas, como a imensa maioria das mulheres que atuava no futebol, não conseguia fazer dele uma profissão capaz de lhe assegurar uma vida tranquila do ponto de vista financeiro. A sua ex-companheira de equipe, Geni, relembra esse período de incertezas:

Chega um momento que a gente pensa em desistir! Não sabe se vai ter time no ano que vem, se não tem, se tem salário, se não tem, já ganhava pouco. A gente ficava porque gostava mesmo, eu não sei se a Ivete ganhava por fora para treinar as meninas, mas para viver só jogando futebol, ganhando dinheiro para gente era muito difícil (MORAES, 2019, p. 12).

Com a alocação do São Paulo, as dificuldades para manter toda a estrutura proposta pelo SAAD começaram a emergir: “Começou a inflacionar muito a folha do São Paulo no feminino [...] começou a ter problema, começou a desmontar o time” (GALLAS, 2017, p. 14). Diante desse cenário, o Sport Club Corinthians Paulista começou a recrutar atletas oferecendo um salário que na época o São Paulo não conseguia mais bancar. Com a falta de aporte financeiro para manter uma equipe com um nível salarial mais alto, Ivete começou a identificar uma queda nas atividades de várias equipes de mulheres. Preocupada com sua instabilidade financeira, toma a

decisão de retornar ao Rio Grande do Sul em 1999 para ficar mais próxima de sua família e amigos e buscar um emprego que lhe desse mais segurança.

Essa situação não era vivenciada apenas por Ivete. A modalidade ainda não estava estruturada, vivia de altos e baixos e as mulheres que nela se envolviam possuíam muito mais incertezas do que garantias. A ex-goleira do Radar e da seleção brasileira, Margarete Piovesan (Meg), relembra a dificuldade que tinha em manter o treinamento diário no futebol, visto que o incentivo financeiro da época não permitia que vivesse somente do futebol.

Treinava só mesmo quando eu ia para seleção, mas eu acho que teve essa queda por causa de incentivo financeiro, por quê? Bom, no Radar, sempre falava: “que adianta só uma equipe aqui no Rio? Vai ficar só treinando para quê? Para jogar uma vez por ano o brasileiro?” Então o discurso era esse. O Saad, lá em São Paulo, com o Romeu, na época. O problema era esse, eram poucas equipes com patrocínio, pouco, então não podia (2015, p. 32).

A conquista da I Paulistana pelo São Paulo foi uma das últimas competições que Ivete participou como supervisora e auxiliar técnica, permanecendo no cargo entre os anos de 1995 e 1998. O descaso com a modalidade e, de certa forma, com seu trabalho causou mágoas naquela que se dedicou para estruturar um futebol de base forte no país. Quando questionada sobre algo que a marcou negativamente no futebol, responde:

Negativamente o que mais me marcou acho que foi na época que eu me decepcionei em São Paulo com tudo que estava acontecendo. Acho que foi a parte que eu chutei o balde: “Ah, eu não quero mais isso aqui! Isso não me serve!” Foi final de 1998, início de 1999 foi quando eu decidi (GALLAS, 2017, p. 12).

O São Paulo vivia o ápice do futebol, era a base da seleção, mas não havia garantia alguma de continuidade. Ivete desde os seus 15 anos garantia seu próprio sustento, e o cenário desolador que vislumbrava em relação ao futebol de mulheres provoca anseios e preocupações: “Sou de uma família humilde, então eu nunca tive alguém que me mantivesse ou que me ajudasse financeiramente. Eu dependo do meu salário, se eu não tenho salário eu não tenho como sobreviver” (GALLAS, 2015, p. 13).

Tal relato expressa o quanto era duvidosa não só a continuidade da modalidade, mas também o sustento de quem nela atuava. A profissionalização estava longe do horizonte de possibilidades das mulheres do futebol que, segundo

Williams (2011), envolve três dimensões: o microprofissionalismo, no qual podem ser identificados e reconhecidos os sujeitos; o mesoprofissionalismo, mediante a ampliação de oportunidades de vivências nacionais e internacionais, por meio de campeonatos e até da criação da Copa do Mundo; e o macro profissionalismo por meio da multiplicidade de competições, nas quais as mulheres podem exhibir e mostrar o seu talento no futebol. Considerando a vivência de Ivete Gallas, podemos situá-la contemporaneamente no mesoprofissionalismo que, segundo Mariane Pisani e Caroline Almeida,

[...] remeteria ao intervalo de tempo que o futebol de mulheres na Europa já estava sob a jurisdição dos órgãos oficiais do futebol, FIFA e UEFA. Esses anos ficaram marcados pelo crescimento de oportunidades internacionais apresentadas pela criação do UEFA Women's Champions League e pelo estabelecimento da Copa do Mundo de Futebol Feminino (2015, p. 2).

A opção de Ivete de retornar ao Rio Grande do Sul se deu pelo fato de não saber se a comissão técnica na qual atuava ou as competições das quais participava se manteriam nos anos vindouros. A incerteza na continuidade do trabalho, a falta de contrato de longo prazo e de um calendário fixo de competições não permitiam que ela tivesse segurança financeira, e as propostas oferecidas tinham um valor muito baixo e não lhe dava boas condições para manter-se em São Paulo (GALLAS, 2015).

Como havia construído uma casa no município de Alvorada na região metropolitana de Porto Alegre, Ivete decidiu retornar para o Rio Grande do Sul e buscar outras oportunidades de trabalho. Nesse período, começou a estudar para prestar concurso público, sendo aprovada em março de 2000 para o cargo de motorista na Companhia Carris Porto-Alegrense, empresa administrada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Essa situação se assemelha à de muitas outras mulheres envolvidas com o futebol na década de 1990 que, mesmo sendo extremamente dedicadas e competentes, tiveram que buscar outros modos de garantir sua subsistência. Elane¹⁰³, a autora do primeiro gol da seleção em um Mundial, ex-capitã da seleção e ex-atleta do São Paulo, rememora sua trajetória quando a equipe se extinguiu:

Estava no São Paulo quando acabaram com o time e minha vida parou. Tive que voltar para o Rio. Minha vida virou de cabeça para baixo. Ainda tentei

¹⁰³ Ver mais em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/tbtdaamarelinha-elane-a-zagueira-que-fez-o-primeiro-gol-da-selecao>.

trabalhar em um projeto de uma escolinha com outra jogadora que morava perto da minha casa, mas era temporário e não assinavam a carteira. Precisava dar estabilidade à minha vida quando decidi largar tudo e tentar algo diferente. A única coisa que eu sabia era dirigir. Tirei a carteira “D” e decidir virar motorista de ônibus. Apareceu uma oportunidade, fiz o teste e virei motorista de ônibus (OLIVEIRA, 2015, s/p)¹⁰⁴.

O deslocamento de Ivete para São Paulo não a afastou do futebol gaúcho. Ela mantinha contato com muitas jogadoras com quem havia partilhado experiências, equipes e competições. Em janeiro de 1999, foi acompanhar uma amiga, Lunalva Torres de Almeida, a Nalvinha, que residia em Estância Velha, em uma peneira no Estádio Olímpico para a formação da equipe de mulheres do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Nalvinha tinha passagem pela seleção brasileira, representando o Brasil em duas edições da Copas do Mundo (China, 1991 e Suécia, 1995), foi selecionada e Ivete passou a acompanhar alguns treinos e a opinar. Ainda não tinha sido efetivada na Carris e, por isso, tinha tempo para acompanhar o futebol. A comissão técnica do time não sabia quem era Ivete nem de sua passagem pelas equipes de São Paulo e, portanto, não consideravam muito suas opiniões. Essa situação se alterou no momento em que o diretor do departamento feminino do Grêmio, o Coronel Ney Fontana Feijó, teve conhecimento da competência de Ivete e do quão era conhecida por autoridades da CBF, no caso, o ex-treinador da seleção, Zé Duarte.

Essa indicação fez com que fosse convidada para montar uma equipe no clube e atuar como treinadora. Uma nova página se inscreve na trajetória de Ivete, cuja importância se dá porque nesse tempo são raras “as mulheres que ocupam cargos de liderança, como técnicas, por exemplo, e na administração das federações, clubes e comitês esportivos” (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009, p. 117). Ivete é uma delas e seu protagonismo alça voos mais altos, conforme analiso no próximo estudo.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/05/1630038-ex-capita-da-selecao-brasileira-vira-motorista-de-onibus-no-rio-de-janeiro.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2020.

7 ESTUDO 3 – A EXPERIÊNCIA DE MARIA IVETE GALLAS NO TREINAMENTO ESPORTIVO: das categorias de base aos Jogos Islâmicos

No fim dos anos 1990, a efervescência do futebol de mulheres no Brasil acontecia em função da realização de competições esportivas estaduais. Segundo Salvini (2012), entre os anos de 1991 e 1994, não houve campeonatos nacionais, o que contribuiu para que competições de menor porte fossem realizadas.

Corroborando a afirmação dos autores, alguns campeonatos estaduais retomavam as suas atividades, como o Campeonato Paulista, que retornou em 1997 após uma parada de dez anos¹⁰⁵ (1987-1996), o Campeonato Carioca, que retomou suas atividades em 1996 após um hiato de sete anos (1989-1995)¹⁰⁶ e o Campeonato Baiano, que ressurgiu em 1998 depois de sofrer dois anos de interrupção (1996-1997)¹⁰⁷.

No Rio Grande do Sul, as partidas disputadas entre o Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre movimentavam as paixões dos torcedores e entusiastas do futebol de mulheres. Na época em que Ivete estava na ativa, nos anos 1990, aconteceu a primeira edição do Campeonato Gaúcho, em 1997, competição organizada pela Federação Gaúcha de Futebol, cujo campeão foi o Sport Club Internacional.

Considerando esse cenário de dificuldade para se manter no estado de São Paulo antes da retomada do Campeonato Estadual Paulista, a escassez das competições fez com que Ivete Gallas decidisse retornar ao Rio Grande do Sul com a intenção de procurar um emprego que lhe desse maior segurança financeira, o que ainda não havia conquistado no futebol.

Dentre as várias possibilidades que vislumbrou, havia a ideia de prestar concursos públicos para garantir estabilidade financeira, o que efetivamente aconteceu oito meses depois que chegou ao Rio Grande do Sul, quando foi aprovada para a vaga de motorista na Empresa de Transporte Coletivo Companhia Carris Porto

¹⁰⁵ O Campeonato Paulista teve sua primeira edição em 1984 e ocorreu até 1987; sofreu uma interrupção de dez anos, sendo retomado em 1997, e acontece até os dias de hoje. Somente em 2003 não houve disputa do estadual. Ver mais em: <http://2016.futebolpaulista.com.br/Competi%C3%A7%C3%B5es/Organizadas+pela+FPF/Paulista+Fe+minino>.

¹⁰⁶ Ver mais em: <https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/caroline.htm>.

¹⁰⁷ Ver mais em: <file:///C:/Users/Philco/Downloads/30821-Texto%20do%20artigo-154560-1-10-20170126.pdf>.

Alegrense¹⁰⁸. Segundo Ivete, sua motivação para disputar essa vaga residia no fato de que “a minha outra paixão além do futebol é dirigir, então eu fiz e passei, era o que eu menos esperava, mas passei” (GALLAS, 2015, p. 21).

Enquanto aguardava sua nomeação no concurso público para o qual havia sido aprovada, Ivete continuava ligada ao futebol. Naquele período, muitas jogadoras do eixo Rio-São Paulo estavam sem equipes para jogar, devido ao desmonte dos clubes¹⁰⁹ e às dificuldades financeiras que enfrentavam. Dentre eles, encontrava-se o São Paulo Futebol Clube, clube no qual atuava como supervisora técnica, simultaneamente ao seu trabalho com o SAAD e a Seleção Brasileira, conforme analisado no estudo 2.

Apesar de estar um tempo ausente dos gramados gaúchos, Ivete mantinha contato com várias jogadoras com as quais havia jogado ou treinado antes de se deslocar para São Paulo. Entusiasta do futebol como era, sugeria às amigas que participassem das seletivas que eventualmente aconteciam e que não desistissem de jogar bola.

Ivete teve conhecimento de que haveria uma seletiva do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, pois sabia que o clube mantinha uma equipe de mulheres em preparação para a disputa da Taça Brasil. Uma de suas companheiras de equipe era a ex-jogadora Lunalva Torres de Almeida, mais conhecida no futebol como Nalvinha. Ivete decidiu acompanhá-la na peneira que aconteceria no Estádio Olímpico Monumental, antiga casa do Grêmio, situada no Bairro da Azenha, em Porto Alegre.

A Taça Brasil era uma competição antecessora da Copa do Brasil de Futebol Feminino, que aconteceu entre 1983 e 2007, possuindo 21 edições. O Grêmio participou dessa competição em três oportunidades: em 1998, na edição 1999/2000 ocorrida entre o fim de 1999 e o início de 2000 e em 2001. Durante a preparação para a Taça Brasil de Futebol Feminino 1999/2000, o Grêmio montou sua equipe a partir dessa peneira, contando com a presença de atletas que já haviam atuado pela seleção, como a Bel (Isabel Nunes) e a Nalvinha.

De acordo com as informações no site do Grêmio, a competição ocorreu na cidade de Uberlândia (MG). A disputa no Grupo C foi entre as equipes do Grêmio

¹⁰⁸ A Companhia Carris Porto-Alegrense é uma empresa de transporte público de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e possui uma economia mista controlada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

¹⁰⁹ São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians, as equipes de maior expressão no Brasil atravessavam dificuldades financeiras e dispensaram várias de suas atletas, não cumprindo os contratos de trabalho, inclusive com atraso no pagamento de atletas.

Foot-Ball Porto Alegre, São Paulo Futebol Clube, Fluminense Football Club e Internacional de Mato Grosso do Sul. Os registros mantidos pelo clube do Grêmio demonstram a intensidade da competição. Nas súmulas¹¹⁰ dos jogos, os registros apontam que, no intervalo de quatro dias, a equipe disputou três partidas.

No dia 22 de janeiro de 2000, na partida contra o Fluminense, a equipe carioca venceu pelo placar de 5 x 1. No dia 25 de janeiro de 2000, na partida contra o São Paulo, o Grêmio foi derrotado por 3 x 0. E por fim, a partida contra o Internacional-MS foi vencida pelo Grêmio com um placar de 4 x 1. Após o fracasso na Taça Brasil, o responsável pelo futebol de mulheres do Grêmio, Coronel Ney Fontana Feijó, estava hospedado no mesmo hotel que o treinador do São Paulo, Zé Duarte, com quem Ivete havia trabalhado, e foi questionado sobre a sua ausência na comissão técnica do tricolor gaúcho.

Ao retornar ao Rio Grande do Sul, Ivete esperava por suas companheiras no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. E ao encontrar o Coronel Feijó, ele a convida para uma reunião no Estádio Olímpico Monumental, casa do Grêmio. O dirigente demitiu toda a equipe técnica e, após essa reunião, convidou Ivete para integrar a equipe do Grêmio como treinadora, deixando à sua livre escolha a montagem de sua comissão técnica e equipe.

Ao assumir os treinamentos, a primeira ação empreendida por Ivete foi fazer um levantamento sobre possíveis patrocinadores da equipe. Na época, o único patrocínio existente era o da Amper, uma empresa de serviços de energia elétrica situada em Porto Alegre. A contrapartida do clube era uma placa de publicidade no

¹¹⁰ Ver mais em:

https://www.gremiopedia.com/wiki/Todos_os_jogos_na_hist%C3%B3ria_do_Gr%C3%AAmio_-_Futebol_Feminino.

¹¹¹ Luís Antônio Ferla Castegnaro.

valor de dois mil reais, dedicada ao futebol feminino no campo suplementar do Estádio Olímpico. O valor desse patrocínio era exclusivo do departamento feminino do Grêmio.

As reivindicações de Ivete para a aquisição de material de treinamento para as jogadoras foram atendidas em parte, visto que o clube passava por um momento de troca de patrocinadores. O desligamento da marca Penalty¹¹² e o acerto com a Kappa¹¹³ para a equipe de futebol masculino do Grêmio proporcionou que a equipe das mulheres também usufruísse de uma quantidade maior de material esportivo. Nas palavras de Ivete:

Então eu comecei correr atrás de tudo... Bolas... "Ah, nós não temos bola!" Mas o masculino tem bola, e fui pedir bola para o profissional... E eu comecei a fazer tudo... Porque o clube tem estrutura, se o clube tem estrutura por que uma categoria não vai ter estrutura? A gente fazia isso lá no São Paulo, o time feminino pedia bola para o profissional. E vinham cem bolas! Eles usam a bola e nem quinze dias, um mês já estragam e tem isso do patrocínio (GALLAS, 2015, p. 16).

A disponibilização do material proporcionou à equipe um maior aproveitamento dos treinamentos, e com a especificidade de cada posição, a exemplo dos treinos coletivos e individuais, as goleiras poderiam fazer treinamento separado das jogadoras de linha, pois agora dispunham de material para trabalharem. Os treinos coletivos também possuíam maior diversidade, com simulação de bolas paradas e campo dividido em quadrantes para que as jogadoras pudessem ter mais contato com a bola. Toda essa gama de exercícios e trabalho foi proporcionada pela disponibilidade de novos materiais, principalmente no grande número de bolas. O preparador de goleiras da equipe, Luís Antônio Ferla Castegnaro¹¹⁴, relembra o desenvolvimento do clube a partir da melhoria das condições de trabalho, com a aquisição de material esportivo e também de ajuda financeira para as atletas:

[...] depois que todos começaram a receber ajuda de custo nós começamos a trazer meninas de fora, experiências como a Marlisa¹¹⁵ trouxe para jogar no

¹¹² Penalty é uma empresa brasileira de roupas e materiais esportivos.

¹¹³ Kappa é uma empresa italiana de roupas e materiais esportivos.

¹¹⁴ É preparador de goleiras/os, iniciou a carreira em 1998 no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; em 2001 foi convidado a integrar a Seleção Brasileira de Futebol de Mulheres por seu trabalho no tricolor gaúcho; teve passagens pela liga Americana de Futebol e participou de Copa do Mundo, Pan-Americano e Jogos Olímpicos.

¹¹⁵ Marlisa Whalbrink, goleira Maravilha.

Grêmio, a Maycon¹¹⁶, a Maranhão¹¹⁷, Daniela Alves¹¹⁸ que era jogadora da seleção, que eu já conhecia e depois eu trouxe elas para o Grêmio (CASTEGNARO, 2014, p. 10).

A organização de Ivete e a disponibilidade do clube em investir no futebol das mulheres tinha como um dos objetivos a disputa do clássico gaúcho entre Internacional e Grêmio, contenda que as gremistas não haviam ganhado desde 1997, quando foi aberto o Departamento Feminino do clube. As gremistas almejavam, ainda, a conquista do Campeonato Gaúcho de 2000.

Com os objetivos definidos, Ivete iniciou o trabalho com a equipe, mesmo tendo esclarecido ao dirigente Coronel Feijó que, no momento em que fosse nomeada em seu concurso público, deixaria de atuar junto ao clube. A nomeação aconteceu no início de 2000, quando foi convocada a assumir o cargo de motorista de ônibus na Empresa Carris Porto Alegre, faltando apenas uma semana para um torneio que a equipe participaria na cidade de Bom Princípio, o qual contava com a previsão de um Grenal. Ivete se recusou a abandonar a equipe às vésperas do evento e fez várias manobras para conseguir participar da competição. Nas suas palavras:

E eu trabalhei a semana inteira na Carris, eu consegui fazer a semana inteira o Grêmio não treinar. Eu inventei doença até de não sei o quê, fiz o preparador físico dar não sei quê, fiz coletivo à noite, mas durante o dia eu tinha que trabalhar na Carris, daí fiz tudo isso... Dei folga no dia que não era para dar, que loucura! Mas fiz tudo e fomos jogar. Jogamos e ganhamos do Inter, foi quatro a dois acho que a final. “Bah”, a felicidade toda da equipe. Na segunda eu saí da Carris e fui direto para o Olímpico pedir demissão. Eu ia fazer o quê? Eu não queria, eu não ia fazer essa de novo, eu já estava trabalhando, não ia fazer essa de novo, porque eu ganhava muito pouco no Grêmio também (GALLAS, 2016, p. 17).

Ao deixar o clube, o diretor Coronel Feijó solicitou que Ivete indicasse alguém para assumir o seu lugar, e ela apontou o nome de seu auxiliar técnico, James Francisco Freitas Iahnke. Mesmo sem vínculo oficial com a equipe, Ivete acompanhou a equipe de modo informal, pois estavam prestes a disputar o Campeonato Gaúcho. Foram, então, mais seis meses de convivência, que findou com a inédita conquista do tão esperado título de campeã gaúcha de 2000. A alegria foi acrescida pelo fato de ter vencido seu maior rival, o Sport Club Internacional.

¹¹⁶ Andréia dos Santos, jogadora de futebol.

¹¹⁷ Tânia Maranhão, jogadora de futebol.

¹¹⁸ Jogadora de Futebol.

A primeira partida foi no dia 3 de dezembro de 2000, no Estádio Beira-Rio, casa do Internacional. O Grêmio venceu a partida pelo placar de 5 x 1. O jogo de volta foi no dia 10 de dezembro, disputado no Estádio Olímpico Monumental, antiga casa do Grêmio. A equipe voltou a vencer pelo placar de 2 x 0 e sagrou-se campeã gaúcha daquele ano.

Na reportagem publicada no Jornal Correio do Povo, publicada no dia 4 de dezembro de 2000, uma pequena nota evidencia a vitória do tricolor no clássico Gaúcho: “FUTEBOL FEMININO – Campeonato Gaúcho, decisão 1º jogo, Inter 1 x 5 Grêmio” (CORREIO DO POVO, 2000, p. 22). No dia 11 de dezembro de 2000, o mesmo jornal publica nova nota: “FEMININO – Gauchão, decisão, partida de volta, ontem: Grêmio* 2 x 0 Inter (*) campeão” (CORREIO DO POVO, 2000, p. 27).

Segundo Ramos (2016), as equipes do Inter e do Grêmio estavam no topo das disputas dos Campeonatos Estaduais e intercalavam os títulos. Entretanto, a equipe do Grêmio tornou-se imbatível nos anos 2000 e 2001, quando foram bicampeãs gaúchas.

Apesar de ter deixado o clube meses antes da disputa da final do Gauchão, Ivete continuou acompanhando as atividades do grupo no seu tempo livre. A dedicação e o comprometimento de Ivete para com o clube e com o futebol, mesmo afastada oficialmente, foi demonstrada por meio de sua participação ativa, por um período de seis meses, mesmo depois de sua saída do cargo de treinadora. Após a conquista do campeonato, Ivete vai se distanciando das atividades com o futebol e passa a dedicar-se somente ao seu trabalho como motorista. Segundo ela:

O James assumiu o feminino. Ele *assumiu*. E foi campeão gaúcho. Então eu sei que nas fotos eu estou com as faixas lá, nas fotos, na final, eu acompanhei toda essa parte do primeiro Gauchão. E depois eu fui me afastando mesmo, e aí meio que assim, como eu vou dizer? Eu tinha desistido mesmo dessa função de futebol. Literalmente desistido, até porque a vida de rodoviária ela é muito puxada, é cansativa.

A dificuldade das mulheres futebolistas em se manterem no esporte faz com que se afastem da modalidade, sobretudo após a aposentadoria dos gramados (SOUZA JÚNIOR, 2013; PISANI, 2015; ANJOS; RAMOS; JORAS; GOELLNER, 2018), e busquem alternativas para uma estabilidade financeira. Tais apontamentos direcionam para o caráter amador do futebol das mulheres e a falta de

profissionalização como tópico carente de atenção, no que diz respeito à permanência de atletas e ex-atletas como profissionais do futebol.

Figura 17 – Grêmio Foot-Ball Porto Alegre Campeão Gaúcho 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Depois dessa competição, Ivete se dedicou quase que exclusivamente à sua atuação como motorista de ônibus. A jornada de trabalho de 40 horas semanais da linha T3, que fazia o trajeto da Estação de Trem São Pedro até o Barra Shopping na Zona Sul de Porto Alegre, possuía 68 paradas. Ao relembrar seus primeiros anos como motorista, ela aponta a dificuldade inicial: “eu tinha muita dor, aquele problema no joelho, então o ônibus com câmbio automático foi uma beleza” (2019, p. 21).

A jornada exaustiva como rodoviária fez com que Ivete virasse uma espectadora da modalidade. Como o Grêmio encerrou seu Departamento Feminino em 2001, Ivete perdeu contato com as competições e também com algumas atletas, dedicando-se exclusivamente ao seu trabalho na empresa Carris.

Após cinco anos afastada do futebol, no mês de setembro de 2005, Ivete recebeu uma ligação telefônica de Romeu Castro, diretor do SAAD, com o qual havia trabalhado em São Paulo por pouco mais de dois anos. O assunto era o convite para ser treinadora de uma equipe de futsal no Irã. Em entrevista, o dirigente esclarece:

[...] eu estive três vezes no Irã, tivemos um torneio com a seleção paulista sub-20 masculina, visitamos várias cidades. Quando retornamos, eu fui contatado pela Federação Paulista, pela experiência que eu tinha no SAAD e eles queriam indicação de uma treinadora para essa equipe lá no Irã e na hora me veio na cabeça a Ivete, pela competência dela, pelo trabalho que ela tinha realizado no SAAD, então eu sabia que ela era a pessoa certa (CASTRO, 2018, p. 11).

Surpresa com o inusitado convite, Ivete prontamente o recusou, pois estava satisfeita com seu trabalho e não queria colocá-lo em risco para retornar para a modalidade, cuja experiência já havia lhe mostrado que era plena de incertezas e descontinuidades. Ao relatar esse episódio em sua entrevista, descreve que Romeu não perguntou se ela iria. Ele foi taxativo e comunicou que ela iria: “Como eu vou ir? Dá um jeito no teu emprego de sair e tu vai ir’, aí eu falei ‘Tá, mas eles pagam?’ porque eu pensei que era clube. Ele disse: ‘Não, tu vai treinar a Seleção Iraniana!’” (GALLAS, 2018, p. 13).

Diante dessa oportunidade, Ivete acatou o convite e solicitou para a Companhia Carris seis meses de licença, a qual foi concedida. De imediato, começou a organizar a viagem, pois tinha apenas dez dias para embarcar para Teerã, a capital do país, com o objetivo de preparar a seleção nacional de futsal de mulheres para disputar a quarta edição dos Jogos Islâmicos Femininos, competição criada em 1993 pela iraniana Faezeh Hachemi, filha do antigo ex-presidente Akbar Hachemi Rafsandjani. Indignada com a exclusão das mulheres muçulmanas dos Jogos Olímpicos tradicionais pelo uso do véu, Faezeh idealizou os Jogos Islâmicos Femininos para que as mulheres que seguiam os preceitos da religião muçulmana pudessem competir desportivamente (FILIPE, 2005).

Na primeira edição dos Jogos Islâmicos, reuniram-se 546 atletas de 11 países, na capital do Irã. Excluídas dos Jogos Olímpicos, as mulheres muçulmanas puderam competir em 18 modalidades esportivas. Rojek (2007) ressalta algumas regras impostas para que as mulheres pudessem competir livremente, dentre elas, somente a presença de árbitras e júris mulheres e a ausência de público de homens. Eles somente eram permitidos como espectadores nas modalidades de golfe e tiro, nas quais as mulheres apresentavam-se com as pernas, braços e a cabeça cobertos.

A competição ocorre de quatro em quatro anos e um dos seus objetivos era mostrar ao Comitê Olímpico Internacional que as mulheres muçulmanas podiam ser tão competitivas quantos as ocidentais. Porém, segundo Mendonça (2015), o regulamento sofreu alteração somente em 2014, quando as muçulmanas foram

aceitas como competidoras. Entretanto, a Seleção Iraniana de Futebol não se classificou para uma participação nos Jogos Olímpicos dos anos seguintes.

Na quarta edição dos Jogos Islâmicos Femininos, em 2005, a atleta de futebol Katayoun Khosrowyare, em entrevista ao canal BBC¹¹⁹, comenta a formação da primeira seleção iraniana quando tinha dezessete anos: “Eu jogava nos Estados Unidos e, quando vim para o Irã, comecei a jogar futsal, porque não tinha futebol de campo. Eu tive sorte, porque naquele ano, fizeram a seleção e fui convidada para ficar”.

Ao desembarcar no Teerã, sem falar o idioma local, o farsi, e sem o domínio da língua inglesa, Ivete descreve que a comunicação foi sua primeira dificuldade nessa nova empreitada. A intérprete que lhe foi disponibilizada era uma senhora de setenta anos de idade que não conseguia acompanhar os treinamentos na quadra e não tinha a disposição e a condição física necessárias para a tarefa, que exigia muita movimentação. Em função dessas limitações, após dois dias de trabalho, a tradutora desistiu da tarefa e deixou Ivete momentaneamente sem esse apoio.

A dificuldade para uma comunicação mais efetiva não foi o único empecilho enfrentado por Ivete. A cultura iraniana se mostrava muito diferente da brasileira, sobretudo em relação ao direito das mulheres. Em 1979, o país viveu uma revolução¹²⁰ que o transformou em uma República Islâmica Teocrática, sob o comando do líder religioso aiatolá¹²¹, Ruhollah Khomeini. Com a instauração do novo regime, sob a égide do islamismo, a vida cotidiana dos iranianos e das iranianas foi profundamente alterada.

Regidas sob a lógica da segregação entre os sexos, as mulheres foram banidas das universidades e incentivadas a abandonar a vida pública para se dedicar ao casamento, ao cuidado do lar, dos filhos e das famílias. O uso do véu (*hijab*) se tornou obrigatório, assim como a adoção de roupas largas que ocultassem seus corpos (MAHDI, 2004).

¹¹⁹ Ver mais em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150923_futebol_mulheres_ira_rm.

¹²⁰ A Revolução Iraniana ocorreu em 1979. A monarquia pró-ocidente de Xá Mohammad Reza Pahlevi foi transformada após a revolução em uma república islâmica comandada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini. A Revolução Iraniana teve duas fases: na primeira surgida de uma aliança entre partidos grupos liberais e religiosos com o objetivo de retirar o monarca Xá do poder e na segunda fase a Revolução Islâmica colocou no poder os aiatolás na figura de Ruhollah Khomeini. Ver mais em: <https://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/12/e18a04.pdf>.

¹²¹ Título concedido aos maiores estudiosos e conhecedores da fé islâmica no Islã xiita. É o título mais alto na hierarquia xiita e só pode ser concedido por outro aiatolá.

Segundo Samy Adghirni, correspondente da Folha de São Paulo em Teerã na década de 2000:

Meses após a queda do xá, Khomeini expurgou segmentos laicos da coalizão que o apoiava e pôs em prática seu projeto de implantar o “governo de Deus”. No afã de eliminar o que via como corrupção ocidental, anulou leis familiares da Era Pahlavi e impôs um modelo de sociedade patriarcal baseado numa interpretação ultraconservadora da sharia, a lei islâmica. O limite mínimo para casamento das mulheres caiu para nove anos – nessa idade, nas escolas, as meninas passam por uma cerimônia que marca a entrada na puberdade e fixa, por isso, a obrigatoriedade do véu. Na prática, porém, meninas de até 13 anos podem ser vistas com cabelos descobertos. Elas perderam acesso a várias profissões, como a de juiz, e passaram a viver sob um regime extremamente desfavorável, que as prejudica em aspectos cruciais como o direito a heranças e guarda de filhos. A propaganda transformou o cânone da esposa dócil e zelosa em pilar da ideologia oficial. A lista de atividades banidas às mulheres incluiu desde o canto até andar de bicicleta. Espaços públicos, como transporte coletivo ou escolas, se dividiram segundo o gênero. [...] Três anos após a revolução, não somente o véu havia se tornado obrigatório como as mulheres foram proibidas de se maquiar ou andar com homens que não fossem da família, sob pena de se expor à chibata ou à cadeia (ADGHIRNI, 2014, p. 3).

O esporte praticamente desapareceu do horizonte das meninas e sua prática acontecia quase que exclusivamente no contexto da escola, sob a responsabilidade de professoras e treinadoras. Além de serem proibidas de praticar esportes fora da escola, as mulheres não tinham permissão para assistir competições esportivas disputadas por homens (CHEHABI, 2002).

Essa situação começou a ter pequenas modificações depois de encerrada a Guerra Ira-Iraque¹²², em 1988, da morte de Khomeini, em 1989, e, sobretudo, após a eleição presidencial de Mohammad Khatami¹²³, em 1997, que promoveu algumas reformas voltadas para a ampliação da liberdade de expressão. Questões de ordem religiosa demarcaram os impedimentos para a prática de esporte pelas mulheres, em especial, em eventos públicos de competição.

Quando Ivete chegou ao Irã, em 2005, o esporte competitivo já era autorizado para as mulheres em algumas modalidades, desde que respeitadas as restrições impostas pelo islamismo. Em reportagem publicada no jornal Diário Gaúcho, no dia

¹²² A guerra entre Irã-Iraque foi o resultado de disputas territoriais e políticas entre os países. Os iraquianos invadiram o território iraniano em 22 de setembro de 1980. O ditador do Iraque, Saddam Hussein, decidiu atacar o Irã em seu período pós-revolução, considerando que o enfraquecimento do país iraniano não resistiria a uma invasão. Os curdos e xiitas demonstraram apoio ao Irã, e o conflito só teve fim em 1988, quando o Irã aceitou o cessar fogo. Ver mais em: <http://200.132.146.161/index.php/siepe/article/view/16792>.

¹²³ Sayyid Mohammad Khatami foi o quinto presidente do Irã. Ele defendia a liberdade de expressão, tolerância e fortaleceu as relações diplomáticas com outros países.

21 de dezembro de 2005, Ivete menciona as adaptações que fez para seguir as leis islâmicas:

A grande dificuldade foi enfrentar temperaturas de 46° usando roupas que cobriam quase todo o corpo [no país as mulheres só podem andar com o rosto e as mãos descobertas]. Diante das câmeras de tevê e de homens, só jogávamos com lenço na cabeça e abrigo por baixo do uniforme – relata Maria Ivete. Dentro do ginásio onde só as mulheres podiam entrar, o traje era liberado. As 20 jogadoras com idades entre 20 e 30 anos. Para as iranianas, as regras são normais. No início, achei estranho. Mas me adaptei (p. 5).

Tão logo chegou a Teerã, Ivete precisou formar a equipe. A seleção iraniana possuía uma base com oito atletas e, para completá-la, a treinadora deveria escolher mais cinco jogadoras em uma seletiva a ser realizada em um ginásio da cidade. Por estar sem um intérprete, solicitou ajuda ao tradutor da equipe dos homens, o qual ela conheceu no hotel onde estavam hospedados e percebeu que ele falava espanhol.

Além da comunicação oral, outro desafio se colocou diante da treinadora, assim que chegou ao local da seletiva: os nomes das atletas e os números das camisas estavam escritos em farsi, o que para a brasileira era impossível ler, entender e pronunciar. Para tanto, recorreu à linguagem gestual e, assim, foi separando do coletivo aquelas que julgou ter habilidade e talento para integrar a equipe. Com a ajuda do intérprete, descreveu em espanhol as atletas selecionadas e pediu que ele as informasse que no dia seguinte começariam os treinos oficiais da seleção nacional.

Ao ter o primeiro contato com seu local de trabalho, o ginásio, Ivete percebeu a estrutura que a Federação Islâmica do Desporto Feminino (IFWS) havia ofertado à equipe, muito diferente do que estava acostumada no Brasil. Em um país com tantas restrições para as mulheres, “não faltava, bola, colete, essas coisas, tudo sempre tinha, e eu me perguntava como que em uma cultura com várias restrições elas tinham mais apoio que as brasileiras” (GALLAS, 2019 p. 13).

É interessante assinalar que, apesar dessas restrições, as iranianas têm fortes vínculos esportivos, adquiridos desde a escola. Elas participam de várias práticas, mas de modo segregado, ou seja, longe dos olhos dos homens, e quando estão em espaços públicos, usam o vestuário recomendado pelas leis islâmicas.

Em seu livro, Samy Adghirni (2014) faz menção ao que vivenciou em Teerã no início da década de 2010. Segundo ele, há muitos equipamentos de ginástica espalhados na cidade, em especial em áreas verdes, e eles são bastante utilizados

tanto por homens quanto por mulheres. As academias de ginástica também são bem frequentadas, no entanto, em horários diferentes, atendendo à política de segregação entre os sexos. Algumas, inclusive, atendem apenas a mulheres, e nesses locais elas podem fazer os exercícios sem a utilização do véu e das roupas frouxas.

As atividades esportivas, informa o jornalista, são variadas e incentivadas como uma forma de aquisição de hábitos saudáveis. Essa relação começou a se fortalecer a partir dos anos 1990, quando o governo passou a divulgar informações acerca dos benefícios da prática esportiva para a saúde, desde que praticados dentro dos preceitos da religião islâmica (CHEHABI, 2002).

A estrutura esportiva identificada por Ivete não era exclusividade da seleção de futsal, ainda que para ela tenham sido ofertadas ótimas condições de trabalho. Seu contrato estava vinculado à participação nos Jogos Islâmicos Femininos, e a treinadora se dedicou para atender às expectativas da Federação no que respeita a um bom desempenho na competição.

Além da dificuldade com a comunicação, Ivete enfrentou outros desafios, como a composição de sua comissão técnica. Quando assumiu o comando da seleção, a então treinadora foi destituída do cargo e passou a atuar como sua auxiliar técnica. Assim também aconteceu com a preparadora física e a preparadora de goleiras que pertenciam ao elenco anterior. Ivete julgava que não tinham as habilidades necessárias para desenvolver um trabalho de qualidade e, por essa razão, decidiu assumir todas as funções da equipe.

A minha auxiliar técnica, a preparadora física, a *manager* que era da polícia revolucionária que estava lá só para cuidar da questão de uniforme, se estavam de burca, se estavam não sei o quê, e vivia me aprontando. Sumiam com o material e eu chegava e dizia: “Cadê?” perguntava se as atletas comiam frutas e elas diziam que não, mas isso é o de menos. Descobri que estavam desviando frutas. Até isso! E tudo isso eu tinha que estar controlando (GALLAS, 2016 p. 22).

Mais do que conhecimentos específicos sobre o esporte, essas mulheres cumpriam o papel de supervisionar o trabalho, no sentido de que não fossem desrespeitadas as normas de conduta vigentes. Ivete acumulou funções, o que de certo modo não era novidade. Como analisei no estudo anterior, em Indaiatuba, Ivete atuou simultaneamente em várias frentes – supervisora, gestora, treinadora, auxiliar técnica, entre outras.

A diferença que vivenciou no Irã foi assumir todos os cargos que integram a comissão técnica de uma equipe de futsal, incluindo todo o planejamento do trabalho que envolveu a preparação física das jogadoras, a preparação específica das goleiras e o treinamento tático da equipe. “Com uma intérprete espanhola, iniciou uma rotina árdua de treinos, com cinco horas diárias seis vezes por semana” (CUSTÓDIO, 2005, p. 10).

No entanto, graças a suas características e experiência, não se furtava de intervir em situações que extrapolavam o que acontecia dentro da quadra. Em sua entrevista rememora:

Chegou um dia que estava todo mundo gripado e eu tinha tomado a injeção da gripe aqui. Todas as atletas gripadas e nós teríamos um jogo amistoso. Falei: “Como nós vamos fazer? Eu estou sem time!”. Mandei todo mundo para o alojamento tomar banho quente fui lá e fiz chá de alho [risos]. Elas queriam morrer comigo porque eu fiz chá de alho para todo mundo. Todas tomaram chá de alho! Eu falei: “Gente, eu preciso das atletas! Se ninguém se preocupa eu tenho que me preocupar” e fui para o alojamento (GALLAS, 2016, p. 22).

De acordo com Kylti (2006), um dos motivos comumente usados para justificar a não contratação de treinadoras recai no questionamento sobre a competência técnica. Não raras vezes, indica o autor, elas precisam provar isso para adquirir respeito e credibilidade também com atletas e outros treinadores. Com Ivete não foi diferente. O diferencial, no entanto, é que o cargo só poderia ser ocupado por uma mulher e, no contexto iraniano, nem sempre as mulheres que atuaram como treinadoras tinham experiência nesse quesito. O início do trabalho de Ivete não foi fácil e ela só conquistou a confiança e o respeito da IFWS¹²⁴ quando a sua competência para conduzir, a sua destreza em adaptar-se à cultura, suas habilidades com a equipe e o trabalho as atletas, foram sendo concretizados, até que começaram a aparecer os resultados.

Em matéria publicada na Federação Paulista de Futsal, em 23 de setembro de 2005, o destaque vai para a preparação da seleção iraniana para os Jogos Islâmicos:

Ivete não pode testar sua equipe contra adversários internacionais durante a fase de preparação, mas mostrou a força de seu trabalho ao vencer os seis amistosos disputados contra clubes iranianos, sempre com diferença superior a sete gols no marcador [...]. Ivete quer o título como um elemento fundamental ao desenvolvimento do futsal feminino do Irã. Ivete acredita ainda que essa competição será um marco para o desenvolvimento do desporto feminino nos países islâmicos.

¹²⁴ Federação Islâmica do Desporto Feminino.

Em estudo realizado por Ferreira, Salles e Mourão (2015) com treinadoras de diferentes modalidades esportivas, as autoras apontaram que dentre as qualidades identificadas por elas para se manterem no comando de equipes figuram “a capacidade de liderança, carisma, conhecimento, comprometimento, persistência e sensibilidade para lidar com os atletas” (p. 25).

Ivete apresentava essas qualidades e com pouco tempo de trabalho já percebia sua aceitação por parte das atletas. Foi fundamental para essa relação a atitude que tomava frente às jogadoras, fundamentalmente no que se diferia da treinadora antiga, a qual exercia também o papel de fiscalizadora da conduta moral. Ivete conquistou as jogadoras e se aproximou delas. Conforme relata em sua narrativa:

Então era muito legal! Elas eram muito festeiras. Toda vez que eu ia no alojamento era uma festa porque eu não morava lá, eu morava no hotel. Elas passam o tempo todo dançando, elas adoram música, elas são muito festeiras. Então tinha aquela alegria de... Elas falavam português. Eu parava para dar treino e dizia [trecho em persa] e elas: “Cinco minutos para tomar água”, em português mesmo. Eu falava em persa e elas em português, porque aí elas já foram aprendendo (GALLAS, 2016, p. 22).

Essa proximidade foi sentida pelas integrantes da comissão técnica. Ivete, experiente no manejo com atletas e dirigentes, estava ciente de que era observada e logo percebeu que “o pavor da Federação era que eu estava lá há menos de um mês e eu tinha todas as atletas na palma da minha mão. Lá eles são diferentes, querem impor medo, eu sempre fui pelo respeito” (GALLAS, 2019 p. 21).

Respeito também no que se referia às normas de conduta do país, inclusive porque esta era uma das cláusulas de seu contrato. A Federação Islâmica do Desporto Feminino acompanhava o trabalho de Ivete por meio das integrantes da comissão técnica, cuja atuação se dava, principalmente, em relação ao cumprimento dos códigos de conduta. Por seguir o acordado, a Federação a convidou para ministrar um curso para as treinadoras de futsal do interior do país. Novamente a dificuldade com a língua se impôs e, dessa vez, Ivete contou com o auxílio de um iraniano que havia se casado com uma brasileira e, portanto, falava português.

Ivete montou todo o curso que foi traduzido para o farsi e, assim, ofertado às treinadoras. Em decorrência desse curso, Ivete foi contemplada com uma nova intérprete, a Nasim Nasiri, que acabou se tornando uma amiga com quem mantém contato até hoje. Nasim havia cursado faculdade de Espanhol e tinha muita curiosidade em aprender o idioma português. Ela não apenas traduzia os comandos

de Ivete para o farsi, como auxiliou a brasileira no aprendizado da língua local. Resultou que, depois de três meses, a brasileira passou a administrar os treinos sem a colaboração de Nasim, pois já tinha conhecimentos suficientes para falar e entender o farsi.

Para melhorar a pronúncia, ouvia rádio e assistia à televisão, pois reconhecia que ao falar farsi teria mais autonomia em quadra e liberdade para se comunicar com as atletas. O domínio da língua ampliou a sociabilidade de Ivete que conquistou a capital e “se tornou uma celebridade na televisão e em jornais locais” (CUSTÓDIO, 2005, p. 10) A mídia tinha interesse em saber como estavam os treinamentos e os preparativos para os Jogos Islâmicos que aconteceriam em Teerã reunindo atletas de 36 países que disputariam 16 modalidades (FIFA.com).

A abertura dos Jogos Islâmicos Femininos possibilitou que Ivete apresentasse sua equipe para as demais treinadoras e federações esportivas que representavam os países participantes. No caso do futsal, suas adversárias foram as seleções da Inglaterra, da Armênia, do Iraque e do Turquemenistão.

A competição de futsal durou uma semana e aconteceu no ginásio no qual a seleção treinava, cujo prédio continha também o alojamento que as iranianas ficaram durante o período de preparação. O sistema de disputa previa o confronto entre todas as seleções e a classificação se deu por meio do somatório dos pontos. A realização dos Jogos seguia o código de conduta islâmico, conforme podemos identificar em matéria publicada no site da FIFA:

Nos treinos e também durante os jogos, todas as atletas usam bermuda e camiseta, e não usam o véu tradicional. Eles não são necessários porque só há mulheres nos recintos onde jogam. Como seu primeiro seletor é um homem, a preparadora de esportes acompanha do banco de reservas as partidas da seleção iraquiana de futsal. O treinador não pode entrar no estádio e contenta-se em cumprimentar e dar as últimas recomendações à equipe fora do estádio. No interior não são permitidas câmeras de qualquer tipo de gravação, sejam elas fotográficas ou de telefones celulares. Além disso, são publicadas apenas fotos em que os corpos das atletas estão totalmente cobertos com roupas. No entanto, essas restrições impostas aos Jogos Islâmicos são observadas em um clima absolutamente festivo. Das arquibancadas, algumas espectadoras e integrantes das seleções aclamavam as jogadoras com cantos e aplausos. A paixão pelo futsal está em toda parte¹²⁵ (FIFA, 2005, p. 1).

¹²⁵ Texto original: Cuando se entrenan y tambien durante los partidos todas las desportistas llevan pantalones cortos y camisetas, y no se ponen e velo tradicional. No se necesitan porque sólo hay mujeres em los recintos donde juegan. Como su primer seleccionador es um hombre, una preparadora desportiva sigue desde el banquillo los partidos de lá seleccion de futsal Iraquí. El seleccionador no puede entrar em el recinto y se contenta com saludar y dar los últimos consejos al equipo em el exterior del estadio. Em su interior, tampoco están permitidas Las cámaras de ningún tipo de grabación,

A estreia de Ivete se deu contra a seleção da Inglaterra, sobre a qual aplicou uma goleada com o placar de 43 x 0. Essa vitória avassaladora despertou ainda mais o interesse da imprensa, que rapidamente começou a divulgar o trabalho da brasileira, sendo solicitada inúmeras vezes para conceder entrevistas às rádios locais.

A segunda partida foi disputada contra a seleção do Iraque e causou preocupação na treinadora pela tensa relação política entre os dois países. A rivalidade se dava também no plano esportivo, conforme relembra Ivete:

E eles têm isso com o Iraque muito forte por causa das guerras. Eu comecei a perceber isso até a equipe jogar e elas estar assistindo. No passar pelas atletas, eu percebi: “Bom, isso não vai dar certo. Vai dar problema!”. Então eu comecei a trabalhar a parte psicológica delas, falava com elas, conversava sobre isso e tentava mostrar que ali não era o local. Se elas tinham um problema ali não era o local e que nós tínhamos que transformar tudo isso em gol (GALLAS, 2016, p. 25).

O trabalho de Ivete rendeu frutos e novamente as iranianas venceram com placares elásticos. Contra o Iraque foi 26 x 1 e 32 x 1 contra o Turquemenistão. A seleção da Armênia era a mais temida pelas Iranianas, devido à habilidade individual das atletas. Os primeiros minutos da partida foram de muita disputa. No entanto, o ponto forte da equipe de Ivete se destacou novamente e estava centrado na preparação física intensa que resultou na vitória das iranianas. De acordo com o Jornal NSC Total, em reportagem do dia 26 de dezembro de 2005¹²⁶, a disputa foi vencida pelo placar de 3 x 0. Outra reportagem publicada no Diário Gaúcho, descreve o trabalho de Ivete: “Na competição, a técnica procurou trabalhar o lado psicológico das jogadoras. Cada partida era uma batalha. E as goleadas ocorreram. Foram 104 gols em quatro jogos. [...] A medalha de ouro veio como consequência” (CUSTÓDIO, 2005, p. 10).

fotográficas o de telefones móveis. Además, sólo se publican fotos em las que los cuerpos de las jugadoras están completamente cubiertos de ropa Sin embargo, estas restricciones impuestas em los Juegos Islamicos se cumplen em un clima absolutamente festivo. Desde las gradas da sala de competicion, algunas expectadoras y las componentes de las selecciones animam a las jugadoras com cánticos y aplausos. Por todas partes se respira lá pasion por el futsal (FIFA, 2005 p. 1). Agradeço à Claudia Yaneth Martinez Mina pela tradução.

¹²⁶ Ver mais em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/motorista-gaucha-comandou-equipe-feminina-do-ira>.

Figura 18 – Seleção Iraniana campeã dos IV Jogos Islâmicos, em 2005



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Ivete atribui sua vitória às habilidades das jogadoras. Em reportagem publicada no site da FIFA, declara que não esperava um nível de jogo tão elevado das iranianas. Explica, ainda, que apenas acrescentou a técnica brasileira aos movimentos das jogadoras, que aprenderam muito rapidamente (FIFA, 2005). Para o Diário Gaúcho declarou: “Elas tinham habilidade, mas faltava organização tática” (CUSTÓDIO, 2005, p. 10). Em sua entrevista, menciona o espírito aguerrido das atletas:

A garra, elas têm muita garra pra jogar, elas defendem o país. Bom, se eles defendem o país com o corpo em uma guerra vocês imaginam em um esporte! Para eles defender o país é uma honra muito grande! Eles dão o sangue se precisar, isso tu percebe. Se tu falar assim... Isso é diferente do Brasil, atleta brasileira tu fala: “Faz o movimento assim que é o correto!” Tu tem que falar vinte vezes e ela não faz. Lá no Irã tu dizia: “Faz essa jogada assim, que é assim!” Pode ter certeza que ela vai fazer a jogada assim. É mais fácil de treinar porque elas ouvem o que tu tem a dizer e tentam fazer o que tu tem para passar. [...] Elas seguem exatamente. Eles têm muito essa questão de seguir regras. Eles estão acostumados a seguir regras e fica muito mais fácil de treinar (GALLAS, 2016, p. 23).

Os Jogos foram festejados em Teerã,

Porém, o resultado das partidas e a conquista no final da competição em que a seleção iraniana foi proclamada campeã, não são o mais importante. O que realmente conta é a disposição dessas mulheres de diferentes países, com diferentes culturas e tradições, de se unirem para competir em uma modalidade esportiva que não limita a participação, mas dá a todas as jovens

atletas a liberdade de se expressar e comemorar o esporte em um ambiente de festa¹²⁷ (FIFA, 2005, p. 1).

Os placares elásticos e a confiança no trabalho renderam a Ivete não só a conquista da medalha de ouro dos IV Jogos Islâmicos Femininos, mas também o respeito das atletas. Com o objetivo de manter o trabalho bem sucedido, Ivete recebeu uma proposta de permanência no Irã, no entanto, ela recusou, pois, havia deixado seu trabalho no Brasil, assim como sua família. No seu entendimento, a proposta financeira para fazer uma mudança cultural tão significativa na sua vida não foi o suficiente para que deixasse o Brasil e permanecesse no Irã.

Figura 19 – Ivete, campeã dos IV Jogos Islâmicos em 2005



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Em dezembro de 2005, a gaúcha voltou ao Brasil e de imediato retomou seu trabalho na Companhia Carris, antes mesmo de findar a licença de seis meses que havia sido aprovada. Sua inusitada conquista figurou na imprensa local com as seguintes matérias: O jornal Diário de Notícias publicou no dia 21 de dezembro “Uma campeã dirigindo o Irã” e o jornal Zero Hora, no dia 28 de dezembro, “Da Carris para o Irã”, ambas exibindo imagens de Ivete na posição de motorista de ônibus.

¹²⁷ Texto original: De todas maneiras, los marcadores de los partidos y el conseguido em la final del certame, en la que seleccion Irani se proclamo campeona, no son lo mas importante. Lo que realmente cuenta es la voluntad de estas muchachas procedentes de países diferentes, con cultura y tradiciones diferentes, de unirse para competir en una disciplina desportiva que no pone limites a la participación, sino que deja libertad a todas las jóvenes atletas expresarse y celebrar el deporte em un ambiente de fiesta (FIFA, 2005, p. 1). Agradeço à Claudia Yaneth Martinez Mina pela tradução.

Figura 20 – Ivete Gallas, homenageada no Diário Gaúcho



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

Figura 21 – Ivete Gallas, destaque na capa do Jornal Diário Gaúcho



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

A circulação dessas matérias promoveu visibilidade para Ivete e também para a Companhia Carris. Sua vitória no Irã tornou pública a sua competência e, em função disso, foi promovida na empresa. Em sua entrevista, Ivete relembra que foi ao escritório do gerente de operações da empresa que lhe ofereceu a oportunidade de mudar de cargo. “Ele disse: ‘Eu duvido que alguém que treina uma seleção de futebol estrangeira não vai conseguir administrar um dos nossos terminais’” (GALLAS, 2019, p. 14). A partir dessa conversa, Ivete passou a ocupar o cargo da Unidade de

Fiscalização e Controle na fiscalização das operações de trânsito, itinerários e motoristas.

Figura 22 – Ivete Gallas, em curso de aperfeiçoamento para setor de fiscalização



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ivete Gallas.

A repercussão do seu feito no Irã também lhe rendeu homenagens. No dia 14 de dezembro de 2005, a Companhia Carris entregou a Ivete um quadro alusivo à sua conquista, conforme notícia publicada no site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre:

A Carris presta, na festa de final de ano, homenagem à motorista da linha T3, Maria Ivete Gallas, a primeira brasileira a comandar uma seleção oficial de país islâmico, e também a primeira a conquistar um título internacional no futsal. Durante licença não-remunerada na companhia, ela treinou a seleção do Irã que ganhou a medalha de ouro nos IV Jogos Islâmicos Femininos, em Teerã, no mês de setembro. A equipe iraniana fez 104 gols e levou apenas dois, em quatro partidas. Na festa da Carris, sábado, 17, às 20h, no Teresópolis Tênis Clube, Ivete receberá um quadro (CARRIS, 2005).

O sucesso do trabalho com a seleção Iraniana foi mais um espaço no qual Ivete demonstrou suas capacidades e competências. Em função disso, em 2008, foi promovida à coordenadora de operações da empresa e, posteriormente, à gerente operacional, cargo que ocupa até hoje.

O ineditismo da conquista pela seleção iraniana repercutiu positivamente não apenas na empresa em que trabalhava como também no âmbito do futebol e do futsal. Ivete deixou um legado para as mulheres com as quais trabalhou. Nas suas palavras:

[...] eu fico feliz porque as atletas daquela época ainda estão jogando hoje. Atletas que até hoje estão dentro das equipes e eu andei vendo reportagens.

Comecei a buscar na internet, as goleiras continuam na ativa, estão jogando campeonatos nacionais e tudo. Então isso me deixa feliz, eu acho que pelo menos uma sementinha eu consegui mostrar e provar para eles que eles podiam competir podiam sair mundo afora (GALLAS, 2016, p. 27).

Seu reconhecimento se deu para além do Rio Grande do Sul, conforme noticiado no Boletim da Federação Paulista de Futebol de Salão:

A treinadora Maria Ivete Gallas entra para a história do Futebol Feminino Mundial como a primeira mulher ocidental a comandar uma Seleção oficial de Futsal Feminino no Oriente Médio. Ivete teve grandes passagens pelo SAAD, Grêmio e pelo São Paulo, tendo atuado nas funções de treinadora e supervisora; além de ter sido uma atleta de destaque no Rio Grande do Sul no início dos anos 90 (DINIZ, 2005, p. 2).

Além do legado deixado por Ivete no campo futebolístico, o impacto que essa experiência no Irã proporcionou em sua vida aconteceu também no âmbito pessoal. Motivada a estudar, adquirir conhecimentos, ampliar sua capacidade de interação com as pessoas e qualificar sua atuação profissional, Ivete formou-se, no ano de 2015, em Tecnologia em Transportes Terrestres, cursado na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

O trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “Condições de trabalho, estresse e saúde em motoristas de transporte coletivo urbano: um estudo na companhia Carris Porto-Alegrense” foi orientado pela Professora Clara Natália Steigleder Walter. Ivete conciliava as aulas da graduação com a sua jornada de trabalho na empresa Carris. As disciplinas em Educação a Distância contribuíram para que Ivete pudesse gerenciar o seu tempo entre o trabalho e o estudo. O TCC foi apresentado no dia 13 de junho de 2015, por meio do qual Ivete obteve o título de graduada em Transportes Terrestres (UFPeI, 2015).

O reconhecimento de Ivete alcançou outros espaços. Em 2015, foi uma das homenageadas na exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”¹²⁸, organizada pelo Museu do Futebol, em São Paulo. Sua história foi apresentada em um vídeo junto a outras mulheres consideradas pioneiras no futebol de mulheres, cujos feitos inspiraram outras mulheres. Conforme consta na apresentação da exposição:

¹²⁸ A exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino” buscou visibilizar as histórias de mulheres que construíram a história do futebol como jogadoras, árbitras, jornalistas etc. A exposição foi realizada em parceria com o Museu do Futebol e o Centro de Memória do Esporte – UFRGS, entre os dias 29 de maio de 2015 e 3 de abril de 2016. A curadoria da exposição ficou sob a responsabilidade da Professora Dra. Silvana Vilodre Goellner, que no período era coordenadora do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEME/UFRGS.

Quem são as pioneiras no mundo do futebol? Quem são as mulheres que cruzaram as fronteiras do preconceito? Aproveitamos esse espaço para dar visibilidade para mulheres que deixaram sua marca nessa história, ora jogando, apitando, treinando, ora torcendo, narrando e lutando por amor ao esporte. Saber quem são essas mulheres é contar uma história que pouco ficou conhecida e por essa razão, precisa ser reconhecida (MUSEU DO FUTEBOL, 2015, p. 39).

Em março de 2019, a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga¹²⁹ realizou a exposição “Sou boa no volante” no Shopping Praia de Belas, em Porto Alegre, na qual Ivete foi uma das homenageadas.

Figura 23 – Homenagem na exposição “sou boa no volante” (11/03/2019)



Fonte: Acervo pessoal de Ivete Gallas.

Ou seja, essas exposições são tomadas como indicativos de uma trajetória de sucesso, fruto do esforço pessoal de uma mulher que rompeu barreiras de gênero. Afinal, tanto jogar, gerir e treinar o futebol quanto dirigir um ônibus não são ações

¹²⁹ A Fundação Thiago Gonzaga é uma organização não governamental independente, que por meio do “Vida Urgente” promove a preservação da “Vida no Trânsito”; fica situada no Bairro Menino Deus em Porto Alegre e promove diversas campanhas de conscientização no trânsito.

comumente associada às mulheres. Ivete as executou em sua trajetória profissional e as executou bem.

A perspectiva de voltar ao futebol ainda faz parte dos planos de Ivete. Sua experiência com a modalidade e seus contatos com jogadoras que atuaram em distintos momentos do futebol e do futsal brasileiros a motivam a registrar histórias. Pensa em escrever um livro contando suas experiências e de outras mulheres, em especial as trajetórias de jogadoras do Rio Grande do Sul.

Vou fazer isso aos poucos, gradativamente, e de repente transformar em um livro ou algo assim, para que as futuras gerações tenham conhecimento do que existia nesse período do futebol feminino [...] quero deixar isso registrado porque isso fica, muito já se perdeu. Então a minha próxima empreitada no futebol é essa (GALLAS, 2018 p. 29).

A preocupação de Ivete em registrar a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul vai ao encontro desta pesquisa que, ao (re)conhecer a sua trajetória esportiva, busca visibilizar a trajetória de mulheres que construíram e constroem o futebol em nosso país. Nesse sentido, esta tese, além de ser fruto de um trabalho científico, se constitui em um posicionamento político ao registrar as invisibilizadas trajetórias de mulheres que são protagonistas do futebol.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese busquei compreender como se deu a trajetória esportiva de Maria Ivete Gallas, considerando o contexto do futebol de mulheres no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul. Para tanto, busquei subsídio teórico e metodológico na História Oral, fundamentando minhas análises a partir da narrativa de Ivete e de pessoas vinculadas ao futebol de mulheres, próximas ou não de sua convivência. Essas narrativas foram colocadas em diálogo com outras fontes, tais como reportagens, documentos de instituições gestoras do futebol, de clubes e, sobretudo, do acervo pessoal da protagonista deste estudo.

O trabalho realizado, além de resultar neste texto, resulta também na minha formação não só como pesquisadora dessa temática mas como uma mulher profundamente envolvida com o futebol e, por isso, se identificou com muitas das narrativas das entrevistadas por enfrentar situações e lutas semelhantes, oriundas da falta de profissionalização e estruturação da modalidade.

O esforço em buscar uma postura um pouco mais distante em relação ao referenciado pelas fontes foi um aprendizado constante em função das experiências que vivi no futebol que, em grande medida, foram silenciadas, subvalorizadas e pouco reconhecidas.

Optei por escrever esta tese a partir da elaboração de três estudos independentes, porém interligados, visando a potencializar sua divulgação, sobretudo, em periódicos. Nesse sentido, focalizo em cada um deles uma especificidade da trajetória de Ivete que coincide também com uma certa ordem cronológica com a qual suas diferentes funções no universo futebolístico foram acontecendo.

No primeiro deles, intitulado “Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul e a trajetória de Maria Ivete Gallas”, analisei o contexto histórico do futebol praticado por mulheres nesse estado, tentando identificar como se deu a sua inserção no futebol. A partir das fontes consultadas, constatei que sua trajetória como jogadora foi iniciada ainda muito jovem no interior do Rio Grande do Sul, em um momento no qual o futebol de mulheres dava os primeiros passos após o longo tempo em que foi oficialmente proibido. No ano de 1983, fez a transição para um clube de futebol tradicional, o Sport Club Internacional de Porto Alegre, sediado na cidade de Porto Alegre, capital do estado. Sua atuação no Inter possibilitou o primeiro contato com um clube profissional, ainda que essa condição fosse exclusiva dos homens. Para as mulheres, a

modalidade estava muito aquém do profissionalismo, sendo marcada pela descontinuidade de ações, inclusive, de existência. Assim como várias jogadoras desse período, Ivete vivenciou a aparição dos primeiros clubes gaúchos e das primeiras competições e também a presença simultânea em eventos e equipes de futebol de campo e futebol de salão, uma estratégia que adotaram para se manter na modalidade. Sua trajetória bem sucedida resultou no convite para atuar no estado de São Paulo, onde encerrou sua carreira como jogadora e iniciou a transição para a gestão esportiva.

Essa nova experiência foi analisada no segundo estudo, quando abordo sua atuação no comando técnico e na gestão esportiva. No ano de 1994, após participar de um amistoso entre o Sport Club Internacional e o Esporte Clube SAAD, Ivete recebeu o convite do presidente do clube paulista para integrar a sua equipe. Nessa época, o SAAD era uma referência no futebol de mulheres em nível nacional e oferecia uma estrutura privilegiada para as atletas, que contavam com alojamento, salário e material esportivo. Foi nesse clube que Ivete encerrou sua carreira como jogadora após a conquista de inúmeros títulos, como Campeonato Paulista, Taça Brasil e amistosos internacionais. Entretanto, sua maior contribuição ao clube se deu quando assumiu o cargo de supervisora da equipe e, simultaneamente, de responsável pelas categorias de base tanto do futebol de campo quanto do futsal. Após um período conciliando esses dois cargos de gestão, atuou concomitantemente como auxiliar técnica do São Paulo Futebol Clube e da Seleção Brasileira. O acúmulo de funções e a incerteza de continuidade nesses cargos fez com que decidisse encerrar sua jornada em São Paulo e voltar para o Rio Grande do Sul em busca de estabilidade financeira.

O terceiro estudo tematiza esse retorno e nele destaco duas atuações profissionais de Ivete. A primeira delas se dá na Companhia Carris Porto Alegrense, empresa de transporte público para qual ascendeu via concurso público para atuar como motorista de ônibus e, posteriormente, como supervisora, cargo conquistado por mérito em função de seu desempenho e competência. A segunda vertente de atuação está vinculada ao universo futebolístico, dessa vez como treinadora. Por não ter perdido o contato com ex-companheiras no futebol, em 1996, quando retornou ao Rio Grande do Sul, Ivete passou a acompanhar as atividades do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Um dos dirigentes do clube, ao tomar conhecimento do desempenho de Ivete no SAAD e na seleção brasileira, convidou-a para assumir o cargo de treinadora

da equipe de mulheres. Ivete teve passagem rápida no cargo porque foi nomeada no concurso público que havia prestado. No entanto, o trabalho que realizou fortaleceu a equipe que, em 2000, conquistou o Campeonato Gaúcho ao derrotar seu maior rival, o Sport Club Internacional. O seu afastamento do futebol perdurou por cinco anos, pois, em 2005, atuou como treinadora da seleção iraniana de futsal de mulheres. Seu contrato pela Federação de Futebol do Irã tinha como foco específico a participação da equipe nos IV Jogos Islâmicos Femininos, competição na qual se sagrou campeã. De volta ao Rio Grande do Sul, após o término do evento, Ivete retomou suas atividades na Companhia Carris, pois havia pedido licença não remunerada para atuar no Irã. O feito inédito de uma brasileira aliada ao seu ótimo desempenho na empresa possibilitou sua promoção e Ivete assume um cargo de gestão na empresa, a exemplo do que trilhou no futebol.

Ao analisar sua trajetória, destaco a importância de estudos dessa natureza, pois existem tantas histórias ainda a serem narradas. Visibilizar as mulheres do esporte e, nesta tese, do futebol, além de se configurar como um trabalho de pesquisa é também um compromisso, um ato político. Nesse sentido, afirmo que registrar o protagonismo de Maria Ivete Gallas na construção do futebol de mulheres no cenário local, nacional e internacional é reconhecer suas lutas, suas conquistas e seu pioneirismo. Além disso, é destacar que, apesar de ter o foco na sua trajetória individual, muito do que foi aqui narrado assemelha-se ao que as mulheres vivem no futebol. Assim, as lutas e conquistas travadas por Ivete podem ser designadas como coletivas, inclusive porque são inspirações para que outras mulheres não desistam de seus sonhos e por eles lutem para ser conhecidas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Samy. **Os iranianos**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005a, p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005b.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 154-202.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **“Boas de Bola”**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: memórias do futebol de mulheres em Copacabana. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 14, 2014.
- AMOR, Sisleide Lima do. **Depoimento de Sisleide Lima do Amor**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.
- AREDES JÚNIOR, Elias. Mulheres de Areia. *In*: Revista Placar, ed agosto, 2009.
- BERTOLOTTO, Rodrigo. *Teens dominam o futebol feminino no mundo*. Esportes, **Folha de São Paulo**, jan. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/14/esporte/11.html> Acesso em: 22 ago. 2019.
- BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.
- CABRAL, Juliana Ribeiro. **Depoimento de Juliana Ribeiro Cabral**. Equipe Ludopédio. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/juliana-cabral/> Acesso em: 12 de dezembro de 2019.
- CABRAL, Juliana Ribeiro. **Depoimento de Juliana Ribeiro Cabral**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

CAMPOS, P. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

CASTRO, Romeu de. **Depoimento de Romeu de Castro**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2019.

CARVALHO, Leandro. Metodologias para diferentes fontes históricas. Unidade IV. Universidade Aberta do Brasil, 2008.

CHAVES, Lincoln. Brasileiro Feminino volta com reforços e times afetados pela pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-08/brasileiro-feminino-volta-com-reforc-os-e-times-afetados-pela-pandemia>. Acesso em: 12 set. 2020.

CHEHABI, Houchang E. A Political History of Football in Iran. **Iranian Studies**, Londres, v. 35, n. 4, p. 371-402, outono 2002.

CHEHABI, Houchang E. The banning of the veil and its consequences. *In*: CRONIN, Stephanie (Ed.). **The Making of Modern Iran: State and society under Riza Shah, 1921-1941**. Londres: Routledge, 2005. p. 203-221.

DACOSTA, Lamartine. **Atlas do esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2017.

DAMO, Arlei. Futebóis—da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *Revista FuLiA*, UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DERÓS, Carolina de Campos; GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres na gestão do esporte brasileiro: um estudo pioneiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, p. 235-242, abr./jun. 2009.

DIAS, Haidê Dália. Entrevista Globo Esporte. *In*: PAPEL, Lucas. **Pioneiras do esporte proibido: histórias do início do futebol feminino no Brasil**. Araguari, Minas Gerais, 2016.

DIAS, Nilo. O futebol feminino no Rio Grande do Sul. Museu Virtual do Futebol. São Gabriel, 2019. Disponível em: http://nilodiasreporter.blogspot.com/2019_10_11_archive.html Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

EISERMANN, Giovana. **Depoimento de Giovana Einsermann**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

FATTORI, Sílvia. **Depoimento de Silvia Fattori**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2019.

FERNANDES, A. K. A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro. TCC de Especialização em futebol. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em:

<http://www.sintrefutjrj.com.br/historiafutfemininoandrea.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

FERREIRA, Heidi Jancer. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

FERREIRA, Sílvio. Duda vai jogar no Milan da Itália. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 mar. 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho *et al.* O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**. Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila. “Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil”, in *Rev. Educ. Fís/UEM*, v. 26, n. 1, 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FUTEBOL feminino. **Jornal da Federação Gaúcha de Futebol**, Porto Alegre, p. 7, 1993.

GALLAS, Maria Ivete. **Depoimento de Maria Ivete Gallas**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

GALLAS, Maria Ivete. **Depoimento de Maria Ivete Gallas**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2017.

GALLAS, Maria Ivete. **Depoimento de Maria Ivete Gallas**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2019.

GALLAS, Maria Iris. **Depoimento de Maria Iris Gallas**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2019.

GALLAS, Márcia. **Depoimento de Márcia Gallas**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. *In: Freitas, G.; Silva, M. R. S. da; Ribeiro, P. R. (Orgs.). **Corpo, Gênero e sexualidade**: problematizando praticas educativas e culturais.* Rio Grande: Editora da FURG, 2006, p, 35-42.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança no Rio Grande do Sul. *In: GOELLNER, S. V., JAEGGER, A. A. **Garimpando Memórias**: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 53-62.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGGER, Angelita Alice. **Garimpando Memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve Women's Football Cup. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 171-189, jul./set. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; RAMOS, Suellen dos Santos. **Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz!**: a trajetória esportiva de Duda. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método de história oral em sua modalidade história de vida. **Revista Katálisis**, Florianópolis, n. 10, n. esp., p. 83-92, 2007.

GUERRA FILHO, Adroaldo. Inter se concentra em dar goleada no Grenal feminino. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 nov. 1998.

GUSMÃO, Patrícia. **Depoimento de Patrícia Regina Gusmão**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e Mulheres no Brasil**: a história de vida de Aline Pellegrino. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KANESIRO, Marina. Mídia e Futebol Feminino: indiferença e distorções. Trabalho de Conclusão 2009, 52 f. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

KESSLER, Claudia Samuel. **“Entra aí pra completá”**: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria-RS. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol é masculino? **Sociologias Plurais – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia**. Curitiba, n. esp. I, out. 2012.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KILTY, Katie. Women in coaching. **The Sport Psychologist**. Champaign, v. 20, p. 222-234, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. *In*: COZAC, J. R. (Org.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p. 2-18.

LOPES, Geraldo. Na luta contra o preconceito: ela valoriza a vaidade e diz que bola nunca fez mal. **Manchete**, São Paulo, p. 30, 13 abr. 1996.

LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Depoimento de Eduarda Marranghello Luizelli**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte– ESEFID/UFRGS, 2016.

LUZ, Karina Balestra da. Depoimento de Karina Balestra da Luz. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte - ESEFID/UFRGS, 2014.

MACEDO Christiane Garcia, GOELLNER Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. *Revista Brasileira Ciência e Movimento Humano*. 157-165, 2013.

MAHDI, Ali Akbar. The Iranian Women's Movement: A Century Long Struggle. **The Muslim World**, Delaware, v. 94, p. 427-448, out. 2004.

MARTINEZ, Fernando. Torneio Início do Campeonato Paulista Feminino em 1997. **História do Futebol**, 2012. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=41437>. Acesso em: 2 mar. 2017.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. Rio Grande, *Historiae*, 2011

MEDINA, Asaléa de Campos Fornero (Léa Campos). **Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

MENDONÇA, Renata. Estudo da Fifa mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino. **Dibradoras**, 16/07/2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/20/band-triplica-audiencia-com-futebol-feminino-em-estreia-das-transmissoes/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MORAES, Geneci da Silva. **Depoimento de Geneci da Silva Moares**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol - no campo e nas arquibancadas. *In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES*, 2017, Salvador. **Anais...** Salvador: Realize, p. 1-10, 2017.

MOTA, Miraildes Maciel. **Depoimento de Miraildes Maciel Mota**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

MOTTA, Caco da. Seleção está pronta para o campeonato. Caderno de Esportes. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 73, 10 jan. 1994.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação á democratização. **Movimento**. Porto Alegre, Ano VII, n. 13, 2000.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p. 73-86, 2005.

MUNIZ, Patrícia. Vida longa ao futebol feminino. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 març, 2017.

NEVES, Alice Bastos; AZAMBUJA, Beto. Ex-atletas e entusiastas se desdobram para manter o futebol feminino no RS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2017.

NUNES, José. Ítalo serrano: inter disputará o brasileiro. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 jan. 1996.

NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Depoimento de Isabel Cristina de Araújo Nunes**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte– ESEFID/UFRGS, 2016.

NOGUEIRA, Maria Luísa. Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, Claudete de Sousa. Memórias subterrâneas, histórias (re)visitadas: a contribuição da metodologia da história oral em estudos de grupos étnicos. **Revista História Oral**, v.16, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, G.A.S; TEIXEIRA, A.P.O. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 101-119, 2009.

OLIVEIRA, Geisa Lima. **Depoimento de Geise Lima Oliveira**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

OLIVEIRA, Ana Paula. **Depoimento de Ana Paula Oliveira**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2019.

PEREIRA, Cláudia Moraes e Silva; ANTUNES, Alfredo Cesar. Trajetória do futsal feminino no Brasil: um caminho repleto de obstáculos. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499195391_ARQUIVO_Fazendogenerofinal.pdf Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histories de vida, biografias e autobiografias. **Historia Oral**, n. 3, p. 117-127, 2000.

PELLEGRINO, Aline. **Depoimento de Aline Pellegrino**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2014.

PELLEGRINO, Aline. **Depoimento de Aline Pellegrino**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PHILOMENA, Cristiano Maser. **Fatores que levam atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a prática do futsal: um estudo acerca de sua iniciação, alegrias, decepções e expectativas**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? **Revista Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23 mar. 2014a.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo, **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**. São Paulo, n. 14, 2014b.

PISANI, Mariane da Silva; ALMEIDA, Caroline Soares. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **Estudos Feministas**, Curitiba, v. 28, p. 1, 2015.

PIOVESAN, Margarete. **Depoimento de Margarete Piovesan**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Valdi Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944)**, [s.l.], 1997.

PÚBLICO VIBROU COM AS MENINAS EM CAMPO. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 13 de setembro de 1982, p. 12.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indizível ao dizível". *In*: SIMSON, Olga Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália/Brasil**. Enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS, Gisele Rodrigues. **Depoimento de Gisele Rodrigues Ramos**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RAMOS, Suellen dos Santos. Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: A trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

REIS, F. P. G; ARRUDA, I. E. A. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. *Revista Digital*. Buenos Aires, n 163, Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

RIBEIRO, Célia Liése Brancão. **Depoimento de Célia Liése Brancão Ribeiro**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RIGO, Luiz Carlos *et al*. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Brasília, v. 29, n. 3, 2008.

RIO GRANDE do Sul terá torneio com 64 equipes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 dez. 1996.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SALVINI, Leilla; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, abr-jun, São Paulo, 2016.

SANTOS, Marileia dos. **Depoimento de Marileia dos Santos (Michael Jackson)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2014.

SERRA, Michel. Campeonato Paulista Feminino de 1997. **SPFCpédia: a enciclopédia tricolor**. Disponível em: <http://spfcpedia.blogspot.com.br/2008/10/so-paulo-fc-paulista-feminino1997.html>. Acesso em: 2 mar. 2015.

SELEÇÃO gaúcha perde para a baiana e fica em terceiro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 7 fev. 1994.

SERPA, Maria Clara. CBF anuncia repasse aos times de futebol feminino em meio à pandemia. **Revista Cláudia**. Editora Abril, São Paulo, set. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/cbf-anuncia-repasse-aos-times-de-futebol-feminino-em-meio-a-pandemia>. Acesso em: 12 set. 2020.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis – história e cultura**, v. 1, n. 1, 2011.

SILVA, Luís Henrique Rolim; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Ouso das fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do fogo simbólico”. **Cinergis**, v. 14, n. 3, 2014.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Meire. **Depoimento de Meire Silva**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2019.

SILVEIRA, R.; STIGGER, P. M. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 35. Núm. 1. p. 179-194. 2013

SOUZA, Edilson Fernandes de. Histórias de vida: a memória resgatada através da atividade corporal. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 27-41, 1997.

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan./jun. 2007.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira. **“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar”**: atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. **Representações sociais de mulheres**

técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

TAFAREL, Márcia. **Depoimento de Márcia Tafarel.** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

TAFAREL, Márcia. **Depoimento de Márcia Tafarel (2).** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORGA, Monique. **Com a palavra, as gestoras:** A trajetória de mulheres em cargos de gestão no futebol brasileiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

TEM FUTEBOL feminino no Beira Rio. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 20, 13 set. 1996.

VAZ, João Bosco. Façanha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1991.

WHALBRINK, Marlisa. **Depoimento de Marlisa Whalbrink.** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2016

WIDMAR, Michele Janete. Futebol Feminino em Porto Alegre-RS. *In:* **ATLAS do Esporte no Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

WILLIAMS, Jean. Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets. **Diasbola Working mens footballed 1.** 20 September 2011.

ANEXO A – Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre Depoimento Oral**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

_____,
CPF nº _____, declaro ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do entrevistado

ANEXO B – Carta de Cessão de Direitos de Imagem e Audiovisual**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS DE IMAGEM E AUDIOVISUAL**

Pelo presente documento, eu, _____
_____,
declaro ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais e de
imagens das fotografias e/ou vídeos registradas no evento: _____
_____,
no dia ____/____/_____.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar,
divulgar e publicar, para fins culturais, as mencionadas imagens no todo ou parte,
editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do cedente

Contato:
